

**M
E
S
T
R
A
D
O**

PERCILIA RIBEIRO MACHADO

**A DIMENSÃO MÍDIA
NO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO
DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DO RIO DE JANEIRO**

2009



**UNIVERSIDADE
Estácio de Sá**

*Mestrado em Educação – Campus Centro I
Avenida Presidente Vargas 642, 22º andar – Centro
20071-001 Rio de Janeiro – RJ
Telefones: (21) 2206-9740 / 2206-9858*

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PERCILIA RIBEIRO MACHADO

**A DIMENSÃO MÍDIA NO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO
DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DO RIO DE JANEIRO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação, *Stricto Sensu*, da Universidade Estácio de Sá, Área de Concentração: Educação e Cultura Contemporânea - Linha de Pesquisa: Tecnologias de Informação e Comunicação nos Processos Educacionais, financiada por bolsa de estudo da CAPES, sob a orientação da Professora Doutora Lina Cardoso Nunes, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Rio de Janeiro

2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M149

Machado, Percília Ribeiro

A dimensão mídia no Projeto Político Pedagógico das escolas municipais do Rio de Janeiro. / Percília Ribeiro Machado. - Rio de Janeiro, 2009.

125 f.

Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estácio de Sá, 2009.

1. Projeto Político Pedagógico – Rio de Janeiro, RJ. 2. Educação – Rio de Janeiro, RJ. 3. Mídias – Educação. I. Título.

CDD 379.8153



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

A dissertação

***A DIMENSÃO MÍDIA NO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO
DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DO RIO DE JANEIRO***

elaborada por

PERCILIA RIBEIRO MACHADO

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora foi aceita pelo Curso de Mestrado em Educação como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 2009.

BANCA EXAMINADORA


Profª Drª Lina Cardoso Nunes
 Presidente
 Universidade Estácio de Sá


Profª Drª Lúcia Regina Goulart Vilarinho
 Universidade Estácio de Sá


Profª Drª Eloiza da Silva Gomes de Oliveira
 Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Dedico este trabalho às minhas filhas, Luciane e Alessandra, como exemplo de que nossos sonhos podem se tornar realidade. Aos meus netos, João Pedro e Miguel Ângelo, pela dádiva que é tê-los em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Na minha história de vida, a realização de um antigo e acalentado sonho que me foi permitido realizar, é motivo de agradecimentos sinceros e de reflexão. Muitos foram os obstáculos, porém, no tempo certo e na hora certa, contando com os amigos e a família, que não me deixaram desanimar, tampouco desistir. Assim, consegui transpor todos os impedimentos e agora quero registrar aqui meus agradecimentos.

À minha mãe, Odete, *in memoriam*, por seu exemplo de vida na persistência para alcançar os objetivos.

Ao meu pai, Valcy, por suas cobranças, que só adulta consegui compreendê-las.

Às minhas irmãs, Eliane, Elizabeth, Deise e Kátia, pela torcida fervorosa, com que acompanharam a evolução da minha aprendizagem.

À minha amiga Jussara de Freitas Ramos, pelo empenho e zelo, ainda na época da inscrição. Suas palavras de ânimo foram fundamentais naquele meu tímido início.

Às diretoras das escolas em que trabalho, as professoras Kátia, Ana Cristina, Angélica, Célia, Regina e Silvana. Pela discricção e cumplicidade, pois nem sempre foi possível cumprir a rigor, todas as tarefas a mim delegadas.

À minha amada professora, Doutora Lina Cardoso Nunes, por sua generosidade em ter me aceitado como sua orientanda, sua infinita paciência diante da minha insegurança, sua confiança na minha capacidade e empenho diante dos desafios. Suas palavras de incentivo e, por fim, seu exemplo como profissional e a alegria com que exerce seu magistério.

À professora Alda Judith Alves Mazzotti, Coordenadora do Curso de Mestrado em Educação, da UNESA, por sua garra, firmeza nas decisões e competência com que administra o Curso de Mestrado. Por suas palavras de orientação e dedicação, no tratamento dispensado a todos nós, orientadores e mestrandos.

Aos funcionários, em especial àqueles que atuam diretamente com a turma do Mestrado da UNESA, pela atenção e educação, com que fui tratada ao longo da minha

pesquisa. Um abraço carinhoso para Ana Paula e Áurea, sempre presentes nos momentos de dúvidas, incertezas e de vitórias.

À UNESA, como também a CAPES, que proporcionou as condições necessárias para o meu aperfeiçoamento acadêmico e profissional.

Aos gestores das escolas-campo, pela hospitalidade com que me receberam durante o período da pesquisa, pela tranquilidade com que fui recebida pela professora Luzia, da escola-campo A. Pela simpatia irradiante da professora Ademilda, da escola-campo B, que me fez sentir acolhido e mais confiante, para seguir em frente na minha jornada. A meiguice e doçura com que fui tratada pela Coordenadora Pedagógica, da escola-campo B, professora Gisele. À Coordenadora Pedagógica, professora Maria do Socorro, da escola-campo A, por sua preocupação e o sentimento de responsabilidade para me ceder espaço e realizar a tempo todas as atividades necessárias a pesquisa.

Aos professores das escolas-campo A e B, pela gentileza e pronto atendimento ao meu convite para as entrevistas e ao entusiasmo com que compartilharam comigo suas experiências do cotidiano escolar, e a todos os outros professores, que através de questionários participaram desta pesquisa.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste estudo.

A todos a minha gratidão.

Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.

Charles Chaplin. **O ÚLTIMO DISCURSO**, do filme: O Grande Ditador.

RESUMO

No início deste novo milênio, a humanidade está convivendo intensamente com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação. Porém, apenas uma parcela da população encontra-se preparada para interagir com todos os aparatos tecnológicos disponíveis; a grande maioria vê sua incorporação às atividades cotidianas com algumas dificuldades e até certa resistência. As mídias atualmente desempenham na sociedade um importante papel, pois delas emergem novas formas de agir e de se relacionar com o mundo. Observando esse panorama, entende-se a necessidade de discutir uma nova educação, que considere as dimensões da mídia, introduzindo-as no ambiente escolar. A Secretaria de Educação do Rio de Janeiro há alguns anos vem promovendo estudos sobre a mídia-educação, visando atualizar os professores de sua rede municipal, sobre as práticas midiáticas a partir de um planejamento participativo, norteado pelo Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Diante do exposto, o objetivo geral deste estudo foi analisar em que medida o conteúdo registrado no PPP pode ser observado na prática cotidiana dos professores, identificando ações pedagógicas indicadoras do uso das mídias. Esse estudo está fundamentado na literatura referente às seguintes temáticas: o papel da escola num mundo de comunicação, as dimensões da mídia na educação, as políticas públicas sobre mídia educação, a importância e construção de um projeto político pedagógico norteador do uso de mídias dentro do ambiente escolar. Participaram desta pesquisa diretores, coordenadores pedagógicos, um especialista em educação, professores de sala de leitura e professores regentes da Educação Infantil, do 1º, 2º e 3º Ciclo de Formação do Ensino Fundamental, de duas escolas da 6ª. Coordenadoria Regional de Educação. Os dados foram coletados por meio de levantamento documental nos PPP, questionários e entrevistas semi-estruturadas, gravadas e depois transcritas para análise com cruzamento dos resultados. Os resultados indicaram que as mídias nos últimos anos têm sido introduzidas nos PPP das escolas da rede municipal, do Rio de Janeiro. Porém, ao cruzarmos os resultados das análises dos PPP com as entrevistas e questionários, constatamos que os professores ainda encontram dificuldades, para inserir o uso de mídias ao planejarem suas aulas, assim como, obstáculos no cotidiano escolar, ao manusear algumas mídias. Ao longo da pesquisa, focamos ainda que brevemente, as políticas públicas para a mídia educação, mas observamos que ainda não foram alcançados resultados positivos, que contemplem todos os aspectos. Entende-se como necessário maior investimento de forma consciente e responsável, no aperfeiçoando de professores, oferecendo condições de reflexão, discussão, planejamento para o uso das mídias dentro do ambiente escolar.

Palavras-chave: Projeto Político Pedagógico. Planejamento participativo. Mídia-educação. Dimensões da mídia. Mediação.

ABSTRACT

At this new millennium beginning, the humankind is hardly living with a communication and information technologies improve. However, only a population part is prepared to interact with all the available technological apparatuses. The majority see their own incorporation at their daily activities with some difficulties and even a certain resistance. The Medias actually, develop in the society an important function, because from them, new ways of acting and to relate with the world emerges. Observing this panorama, we can understand the need of a new education discuss, that consider the medias dimensions, putting them into a school environment. The Rio de Janeiro's Education Secretary some years ago began to promote studies about education-media, aiming to bring up to date the municipal net teachers, about the practices of medias from a participative planning, guided by the School Pedagogical Political Project (PPP). Faced of what said, the general objective of this study was to analyze, the content measures registered at PPP. It can be observed at teacher's daily life, identifying pedagogical actions, that indicates Medias uses This study is based at the literature that refers to the following themes: the school function in a communication world, the Education Medias dimensions, the public politics about education-Media, the importance and construction of a guiding pedagogical political project about the Medias usage in a school environment. Make part of this research, directors, pedagogical coordinators, an education specialist, reading-room teachers and childlike education regent teachers, from 1st, 2nd and 3rd Basic teaching formation cycle, from two schools from the 6th Regional Education Coordination. The data was collected by a PPP documental search way, questionnaires and semi-structured interviews, recorded and them, transcribed for analysis with results crossing. The results showed that the last years Medias has been introduced into the Rio de Janeiro's Municipal net Schools PPP. However, when we cross the PPP analyses results with the interviews and questionnaires, we establish that the teachers can still find some difficulties, to insert the Media usage upon they plan their classes, as well as, obstacles in school routine, upon handling some Medias. Along the research, we screw even if shortly, the Political Public Media-Education, but we observe that they still weren't achieved positive results that includes all the aspects. It understands itself as necessary, a bigger investment in a conscious and responsible way, in teachers' improve, offering reflection conditions, arguments and school environment Medias usage planning.

KEYWORDS: Pedagogical Political Project. Participative Planning. Media-Education. Media's Dimensions. Mediation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Distribuição das turmas da escola A por nível de desenvolvimento escolar....	37
Tabela 2 - Distribuição das turmas da escola B por nível de desenvolvimento escolar...	41
Tabela 3 - Categorização dos sujeitos entrevistados.....	42
Tabela 4 - Equipamentos de multimídia.....	83
Tabela 5 - Temas mencionados nos questionários.....	86
Tabela 6 - Mídias citadas por categorias.....	92
Tabela 7 - Temas e Sub-temas de interpretação de dados.....	93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- O que é projeto da escola e o que não é projeto.....	60
Quadro 2 - Os sete elementos básicos na construção do projeto político pedagógico (PPP).....	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Quantitativo de alunos da escola A por nível de desenvolvimento da aprendizagem.....	38
Gráfico 2- Quantitativo de alunos da escola B por nível de desenvolvimento da aprendizagem.....	40
Gráfico 3 - Tempo de exercício no magistério.....	87
Gráfico 4 - Formação continuada.....	88
Gráfico 5 - Tempo de serviço na escola.....	89
Gráfico 6 - Formação dos profissionais.....	90
Gráfico 7 - Mídias mais citadas pelos professores.....	91

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Os sete elementos básicos na constituição de um projeto político-pedagógico	62
Figura 2 - As três fases de construção do projeto político-pedagógico.....	65
Figura 3 - Principais mídias do mundo contemporâneo.....	68
Figura 4 – Características do professor mediador pedagógico.....	112

LISTA DE SIGLAS

ANPED - Associação Nacional de Pós-Educação

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior

CEASA - Central de Abastecimento de Alimentação

CRE - Coordenadoria Regional de Educação - são 10 CRES no Rio de Janeiro

LDBEN - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

NCB - Núcleo Curricular Básico

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PEJA - Programa para Jovens e Adultos

PPP - Projeto Político Pedagógico

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

SEED - Secretária de Educação à Distância

SME - Secretaria Municipal de Educação

TIC - Tecnologia de Informação e Comunicação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: A ESCOLA NA IDADE MÍDIA.....	18
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA.....	18
1.2 OBJETIVOS E QUESTÕES.....	25
1.3 RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	25
1.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....	29
CAPÍTULO 2: DELINEANDO A PESQUISA.....	34
2.1 A PESQUISA QUALITATIVA.....	34
2.2 O CAMPO DA PESQUISA.....	34
2.2.1 Escola A.....	36
2.2.2 Escola B.....	38
2.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	41
2.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	43
CAPÍTULO 3: O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DAS MÍDIAS.....	46
3.1 A COMUNICAÇÃO HUMANA: DAS PINTURAS RUPESTRES A INTERNET.....	46
3.2 BREVE REVISÃO DA HISTÓRIA DAS MÍDIAS NO BRASIL.....	48
3.3 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS MÍDIAS.....	56
CAPÍTULO 4: ASPECTOS TEÓRICOS.....	59
4.1 O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO.....	59
4.1.1 A construção do projeto político-pedagógico.....	61
4.1.2 A metodologia de projetos no NCB-MULTIEDUCAÇÃO.....	67
4.2 CONCEPÇÕES DE MÍDIAS: SIGNIFICADOS E DIVERGÊNCIAS.....	68
4.2.1 As dimensões das mídias na educação.....	69
4.2.1.1 Dimensão sócio-política.....	70
4.2.1.2 Dimensão sociologia da infância.....	72
4.2.1.3 Dimensão de integração das novas tecnologias aos processos educacionais.....	73
4.2.1.4 Dimensão objeto de estudos.....	73
4.2.1.5 Dimensão ferramenta pedagógica.....	74
4.3 MEDIAÇÕES MÍDIA-PROFESSOR-ALUNO.....	75
CAPÍTULO 5: ANÁLISE DOS DADOS.....	78
5.1 ANÁLISES DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO.....	78
5.2 ANÁLISES DOS QUESTIONÁRIOS.....	85
5.3 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS.....	93
5.3.1 A importância do PPP.....	93
5.3.1.1 A finalidade do PPP.....	95
5.3.1.2 A visão do professor sobre o PPP.....	98
5.3.1.3 A participação coletiva na elaboração do PPP.....	100
5.3.1.4 Articulação PPP e a prática pedagógica.....	101
5.3.2 A inserção das mídias no PPP.....	102
5.3.2.1 Desconhecimento diante das novas tecnologias.....	103
5.3.2.2 Tempo para a atualização do professor.....	105

5.3.2.3 A utilização das mídias em sala de aula.....	106
5.3.2.4 As dificuldades na utilização das mídias.....	107
5.3.2.5 A mediação no processo aprendizagem.....	109
CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS.....	119
ANEXOS.....	124

CAPÍTULO 1

A ESCOLA NA IDADE MÍDIA

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

A atual sociedade caracteriza-se pelo volume de informações e pela velocidade com que circulam diretas e/ou indiretamente. Hoje, propaga-se a era das tecnologias, ou a “Era da Revolução Digital” (DREIFUSS, 1996), o uso do computador está em expansão, a Internet abre suas janelas para o mundo, a cada dia surgem novos desafios, caminha-se a passos largos para a Idade Mídia.¹

As descobertas científicas ocorrem velozmente e logo são transformadas em inovações aplicadas ao cotidiano da sociedade, tais como, MP3, MP4, IPOD e PEN Drive entre outros aparelhos digitais, que conseguem comprimir em espaços cada vez menores, um volume de dados cada dia maior; podemos assistir as notícias na televisão em tempo real, através de satélites artificiais que circulam na órbita de nosso planeta; utilizamos caixas eletrônicas, para retirar dinheiro, pagar contas e verificar a conta bancária, sem a necessidade da intervenção direta dos funcionários dos bancos; celulares que podem ser usados como rádio, máquina fotográfica, gravador, conexões com a internet entre outras funções; câmeras de vídeo espalhadas por vários ambientes, utilizadas como aparatos de segurança. Estas e outras tecnologias contribuem para modificar as relações sociais, culturais e profissionais dos indivíduos.

Nessa era de mudanças e incertezas, as mídias² influenciam diretamente os conceitos de tempo e de espaço, a compreensão do que é real e virtual, os modos de produzir, “afetando de forma significativa a constituição de identidades”. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 2005, p.9), provocando na sociedade “a sensação de caos e descontrole” (idem), diante de um mundo de informações que confundem, seduzem,

¹ Em 2003, o Seminário Latino-Americano de Educação teve o sugestivo título “A ESCOLA NA IDADE MÍDIA”, que provocou uma intensa e produtiva discussão que alcançou seu ápice em abril de 2004, com a realização da 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes em nossa cidade. (MOGRABI, S. Secretária de Educação da Cidade do Rio de Janeiro. 2006).

² O termo mídia deriva do idioma inglês “media”, significando o conjunto de meios de comunicação e informação utilizados na sociedade de conhecimento globalizado. (FANTIN, 2006).

orientam escolhas e condicionam idéias, estabelecendo muitas vezes, padrões de conduta na sociedade (idem).

Hoje, as tecnologias de informação e de comunicação, entre elas: o cinema, a televisão e o computador, fazem cada vez mais a mediação do nosso modo de ser e de estar no mundo, tornando praticamente impossível ignorar o uso dessas novas tecnologias no ambiente escolar. Concordamos com Mello; Ribeiro, (2003, p.19) quando afirmam que: “a escola reflete as transformações da sociedade e do seu contexto”.

Portanto, faz-se necessário discutir os conceitos e as práticas educativas que envolvem as mídias na educação, para que possamos ampliar as condições e possibilidades de se introduzir no ambiente escolar essas tecnologias, buscando romper com as antigas relações de conhecimento, remanescente da cultura tradicional, que dificultam uma nova forma de constituição de conhecimentos, afinal, “Pode-se mesmo falar de novas linguagens ou dialetos criados por crianças e adolescentes, que desafiam pais e professores no exercício de suas atividades pedagógicas” (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. 2005. p.9).

A Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, percebendo a necessidade da rede municipal de ensino, acompanhar as constantes mudanças pelas quais passa a sociedade, em 1993 iniciou com seus professores discussões nas escolas, com o propósito de modificar sua metodologia. Em 1996, apresentou sua nova proposta educacional, intitulada: **MULTIEDUCAÇÃO**³, que concebe o Núcleo Curricular Básico (NCB) sob a ótica da interdisciplinaridade, como eixo em que se articulam os **Princípios Educativos:** de Meio Ambiente, Trabalho, Cultura e Linguagens, com os **Núcleos Conceituais:** Identidade, Tempo, Espaço e Transformação.

O NCB-MULTIEDUCAÇÃO prevê a ampliação da discussão pedagógica para os professores e demais agentes educacionais; ele “recupera e integra múltiplas linguagens ao ato de educar e assim define a necessidade de sintonia com o tempo em que vivemos e buscamos transformar” (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 1996, p. 9).

O NCB–MULTIEDUCAÇÃO sugere que a escola proporcione ao aluno condições para se situar no mundo em que vive, buscando entender as relações que nele se estabelecem, criticando e participando em sua transformação, através da interação escola/vida (idem).

³ O Núcleo Curricular Básico- MULTIEDUCAÇÃO é um documento organizado na disposição de séries entre o 1º e 2º segmentos do Ensino Fundamental, incluindo a Educação Infantil e a Educação Especial, ocorrendo “mudanças” na concepção do processo de “avaliação” e promoção do aluno, especialmente em termos das formas de registro dos resultados da aprendizagem. (MELLO; RIBEIRO, 2003, P. 19).

Porém, nem sempre esta sugestão é observada no ambiente escolar, alguns professores mantêm a prática do uso apenas da voz, do quadro-de-giz, sendo que algumas escolas já a trocaram pelo quadro branco e a caneta piloto. Persiste, ainda, a prática da leitura e exercícios no livro didático que, nas escolas públicas, são financiados pelo Governo Federal, por meio de programas de apoio.

Percebemos que os conteúdos, em sua maioria, são orientados pelo livro didático, que nem sempre faz referências à realidade, na qual os alunos se encontram inseridos. Acreditamos que o professor ao utilizar apenas esses recursos, talvez o faça por falta de uma orientação apropriada. Faz-se necessária uma mudança de atitudes, porém, entendemos que, por insegurança, diante do novo ou por falta de estímulos, o professor encontra dificuldades para mudar seus métodos, impossibilitando a transformação da “sala de aula como um lugar do tamanho do mundo”. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 1996, p.9)

Mello; Ribeiro (2003, p.18) parece concordar com o NCB-MULTIEDUCAÇÃO quando situam “a escola como *lócus*⁴ privilegiado de elaboração/ construção/ reconstrução e (re) significação dos saberes escolarizados e de vivências de cidadania e valorização da vida”. A escola precisa buscar sempre, a melhoria das condições de conhecimento e de trabalho no contexto escolar, assegurando, assim, o resgate da dignidade da sala de aula como local de formação e de informação para alunos e professores, enfrentando “mais um importante desafio: a construção de um projeto educativo que viabilize a aproximação e a integração dos campos da educação e da mídia” (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 2005, p.17).

Nesse sentido, destacamos também, as palavras de Gadotti; Romão (1998, p.28), que admitem: “o *lócus* fundamental da educação é a escola e a sala de aula”. Ainda em relação à escola, Esses autores (1998, p.29) afirmam que “a escola precisa ser o local privilegiado da inovação e da experimentação político-pedagógica”, de modo que as ações desenvolvidas no ambiente escolar possam ser traduzidas em uma educação de qualidade.

A Prefeitura do Rio de Janeiro, em 2000, reorganizou o Ensino Fundamental implantando os Ciclos de Formação, iniciando nesse ano pelo 1º ciclo. O documento preliminar que enviou a todas as escolas municipais, disse não se tratar “de um novo currículo, mas, sim, de uma releitura, de uma reescrita sua para uma nova forma de conceber e organizar o tempo na escola”. (MELLO; RIBEIRO, 2003, p. 19).

⁴ Grifo do autor

Diante disso e das mudanças preconizadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 1997, pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), em 1999, que visam orientar o trabalho do professor em sala de aula, houve necessidade de adequação do NCB-MULTIEDUCAÇÃO às novas normas. Sua atualização aconteceu após diversos encontros de professores representantes de cada Coordenadoria com representantes da Secretaria de Educação e da Divisão de Mídia Educação.

O resultado dessa atualização retornou aos professores em 2005, via fascículos, sendo elencados temas prioritários, entre os quais a Mídia e Educação, que tem como objetivo: “Contribuir para a reflexão sobre as relações entre a Mídia e Educação, buscando subsidiar o desenvolvimento de práticas Mídia-educativa” (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 2005, p.5).

Diversos projetos têm sido desenvolvidos pela Rede Pública Municipal de Ensino, para a construção de uma proposta de trabalho que considere a *dimensão mídia*, entre as quais se destacam: As Salas de Leitura Pólo e as Salas de Leitura Satélites; os Pólos de Educação pelo Trabalho e os Laboratórios de Informática Educativa, em parceria com as Coordenadorias Regionais de Educação (CRE).

A proposta contida no fascículo do NCB-MULTIEDUCAÇÃO - Temas em Debate: Mídia e Educação, encaminhada aos professores da rede municipal, é a de que se faça uma “leitura crítica dos meios a partir da problematização de seu conteúdo e forma e suas interfaces com valores hegemônicos” (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 2005, p.15). Este fascículo orienta as escolas da rede municipal sobre a utilização das mídias: televisão, rádio, jornal, internet, entre outras, para que não sejam apenas ferramentas de apoio, mas que constituam “uma dimensão que atravesse as relações sociais dentro e fora da escola” (idem, p.2).

Porém, a realidade educacional mostra que há escolas presas a tradições ultrapassadas, pois alguns professores ainda priorizam conteúdos fragmentados e distantes da realidade social do aluno, embora se perceba a presença da mídia no cotidiano escolar. Observa-se, contudo, que aparentemente as mídias são, em alguns casos, utilizadas como passatempo, ou seja, alguns professores exibem filmes apenas como entretenimento para seus alunos, sem um objetivo definido que possibilite sua integração às práticas pedagógicas. Ou utilizam as mídias, no máximo, como complemento das atividades em sala de aula, sem que haja um planejamento adequado, possibilitando convergência de suas ações.

Necessitamos refletir sobre algumas questões sinalizadas pelo fascículo do NCB MULTIEDUCAÇÃO - Temas em Debate: Mídia e Educação (idem), que precisam ser

consideradas pela escola ao elaborar seu Projeto Político Pedagógico (doravante PPP). De que forma os professores e alunos se relacionam com as diversas mídias?

Quais são as concepções de professores e alunos acerca da mídia, suas linguagens e especificidades, bem como sua relação com a escola e os processos constitutivos de conhecimentos e subjetividades. Tais concepções circulam em sala de aula? Como se relacionam? As diferentes formas de entender e explicar essa relação são compartilhados? (idem, p.15).

Diante do exposto, acreditamos que para superar essas dificuldades será indispensável, a partir da elaboração do PPP, discutir as alternativas para a utilização das diferentes mídias no ambiente escolar. Assim como, seja registrada no projeto político pedagógico, a explicitação, esclarecendo as situações de aprendizagem em que cada uma dessas tecnologias, poderá ser usada, adequadamente, via mediação do professor no cotidiano escolar.

Como a sociedade contemporânea organiza-se, cada vez mais, a partir das mídias, torna-se pertinente a constatação de Fantin (2006) ao dizer que a mídia-educação é uma chave de leitura importantíssima para decifrar a cultura contemporânea e pensar nas formas de mediação cultural.

Gadotti (1998, p.22), chama atenção de todos quanto à necessidade da escola ficar atenta e estudar de forma crítica e propositiva esse fenômeno.

A relação entre educação e comunicação é bastante complexa. Uma pluralidade de meios educativos se apresenta para o educador poder fazer escolhas conscientes e apropriadas. Numa era da informação, os meios educativos se multiplicaram impregnando toda a cultura.

Este autor afirma que o papel das mídias nas sociedades contemporâneas, particularmente nas escolas, precisa ser mais estudado para que o uso das mídias no cotidiano escolar seja transdisciplinar⁵, integrador e transversal e faça parte do projeto político-pedagógico da escola.

Concordamos com a necessidade de se refletir sobre as possibilidades de se elaborar um projeto educativo consistente, que não se limite apenas “a formar consumidores capazes de apertar botões e teclas” (Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, 2005, p.15), alertando que a presença das mídias nas escolas não garante a apropriação crítica de suas

⁵ *Transdisciplinaridade* - Em Educação, essa nova abordagem é vista como um caminho viável para a construção do conhecimento global, numa época em que os saberes surgem e se acumulam de forma vertiginosa, mas não garantem o crescimento pessoal e a incorporação de valores. (RONCA. P. A. C, 2001)

linguagens e conteúdos, sendo necessário cuidado no planejamento de ações educativas que possibilitem essa apropriação pelo aluno.

Nas escolas municipais do Rio de Janeiro, as ações educativas são orientadas pelo PPP. De acordo com a concepção de Veiga; Resende (1998, p.11), o PPP “é um documento que não se reduz à dimensão pedagógica, muito menos ao conjunto de projetos e planos isolados de cada professor em sua sala de aula”. Desta forma, ele deve conter reflexões, previsões, e desejo de transformação de uma realidade que não atende aos anseios da comunidade escolar. Além disso, o PPP deve apontar em que direção a escola prosseguirá em busca pela superação, dos obstáculos que ela enfrenta em seu cotidiano.

Nas palavras de Gadotti, (1998, p.19): “Projetar significa “lançar-se a frente”, antever um futuro diferente do presente”, para este autor é necessário romper com o instituído e traçar novos caminhos. Nesse sentido, o PPP deve ser construído coletivamente após ampla discussão sobre as preocupações e os desejos de sua comunidade e vivenciado por todos os membros da comunidade escolar, com a participação ativa de gestores, professores, alunos, pais e outros. Procurando registrar nele a realidade atual da escola e aquela que se deseja alcançar, assim como, o contexto atual na qual a escola encontra-se inserida (VEIGA, 1995).

O PPP deve conter os princípios teóricos que nortearão as ações educativas, definindo com clareza os objetivos a serem alcançados e as competências de cada um nesse processo, assim como, o tipo de organização e as formas de implantação e de avaliação. Sendo assim, o PPP é a identidade de cada escola, pois mostra a concepção desses sujeitos acerca da Educação e de sua relação com a sociedade. (VEIGA; RESENDE, 1998).

Na constatação de Veiga (1995) o PPP não serve apenas ao objetivo de cumprir tarefas burocráticas, e logo após é arquivado. Ele envolve ações continuadas que permitem a todos os envolvidos aprender a pensar e a agir de maneira cooperativa e solidária. Portanto, deve ser considerado “como um processo permanente de reflexão e discussão dos problemas da escola” (idem, p.13), visando alcançar soluções possíveis para a efetivação de sua finalidade.

Cabe aqui ressaltar que a elaboração do PPP passou a ser obrigatória para as escolas, a partir da promulgação da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabeleceu novas Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Ela prevê que os estabelecimentos de ensino – respeitadas as normas comuns e as de seu sistema de ensino – terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica (artigo 12), contando com a participação da comunidade escolar, aqui entendida como incluindo professores, equipe técnico-administrativa, especialistas em educação e responsáveis pelos alunos, que deverão definir e cumprir plano de trabalho para concretizá-la (artigos 13 e 14).

Todos esses aspectos são fundamentais, pois a elaboração do PPP possibilita a expansão do diálogo e as análises sobre as utilizações das mídias na educação, desta forma, os professores podem se articular para elaborarem, em conjunto, alternativas viáveis de trabalho e conseqüentemente, o desenvolvimento de uma proposta transdisciplinar, visando formar alunos leitores críticos da mídia, conforme o pressuposto do NCB-MULTIEDUCAÇÃO.

Portanto, torna-se indispensável uma concepção crítica de educação, proporcionando a comunidade escolar no momento da elaboração do PPP, espaço de reflexão sobre sua prática no contexto sócio-cultural no qual se insere e as falhas que vivencia no processo de construção de conhecimentos. É fundamental conhecer os anseios de toda comunidade escolar, sensibilizando e mobilizando-a, apontando possíveis caminhos mais sedutores, que interajam com a realidade cotidiana do aluno, destruindo os “muros” que ainda isolam a escola.

De acordo com Gandin; Gandin (1999, p.36) para atender às mudanças desses novos tempos, a escola precisa reorganizar sua prática diária, procurando fundamentá-las em novas idéias a respeito da educação. Gandin; Gandin (idem) ainda afirmam que a nova prática necessita incluir o estudo e a compreensão das relações da escola com o processo social, na superação das atuais práticas do planejamento escolar e pedagógico.

Mas para que tal aconteça é indispensável um PPP que oriente mostrando as possibilidades de uso de mídias na perspectiva pedagógica, de modo a propiciar aos alunos o direito à construção de conhecimentos e valores numa visão primordialmente crítica e transformadora, entendendo que todo conhecimento é uma construção que vai sendo elaborada desde a infância, resultante das ações e interações do sujeito com o ambiente onde vive.

Podemos observar que, por um lado o fascículo do NCB-MULTIEDUCAÇÃO: Temas em Debate; Mídia e Educação (2005) preconiza que a escola necessita consolidar suas propostas a partir da elaboração coletiva e do fortalecimento do PPP, buscando a reflexão sobre seu papel, limites e possibilidades, para (re) significar suas ações pedagógicas, promovendo a aproximação entre mídia e educação. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2005, p.23), por outro, as escolas com ações que não favorecem o desenvolvimento de práticas mídias-educativas, quer por total rejeição às mídias, ou por atitudes de deslumbramento diante de tantas inovações tecnológicas.

Diante do exposto, perguntamos quais as dificuldades das escolas municipais da Prefeitura do Rio de Janeiro para refletir, discutir e aplicar práticas mídias-educativas orientadas pelo projeto político-pedagógico?

1.2 OBJETIVOS E QUESTÕES

O objetivo geral deste estudo é analisar em que medida o conteúdo registrado no Projeto Político Pedagógico (PPP) pode ser observado na prática cotidiana dos professores, identificando ações pedagógicas indicadoras do uso das mídias, em duas escolas ⁶ vinculadas à Prefeitura do Rio de Janeiro.

Em consonância com o objetivo geral, são definidas as seguintes questões:

- ❖ Como se articulam as ações pedagógicas propostas no PPP para o uso das mídias?
- ❖ Que mídias são sugeridas no PPP para uso na escola?
- ❖ Como o PPP sugere a mediação professor - mídia-aluno?
- ❖ Como ocorre a mediação professor - mídia-aluno na prática pedagógica no cotidiano escolar?

1.3 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Na maioria das escolas no Brasil, constata-se que a “defasagem da cultura escolar com relação aos jovens que ela deve educar é gritante, e diz respeito tanto às questões éticas (conteúdos, mensagens) quanto aos aspectos estéticos (imagens, linguagens, modos de percepção, pensamento e expressão)” (BELLONI, 2001, p.18). Concordamos com a sua afirmação ao dizer que “a educação para as mídias é condição *sine qua non* da educação para a cidadania”. (idem)

A televisão no Brasil funciona como uma espécie de “escola paralela”, freqüentada pela quase totalidade dos jovens de várias idades e todas as classes sociais, ressalta Orofino (apud BELLONI, 2005, p. 52), esclarecendo que uma parcela das crianças e adolescentes sequer tem acesso à instituição escolar. Outro estudo (SOUZA, 2006) afirma que quase todas as residências brasileiras, possuem aparelhos de TV e mais de um receptor de rádio, onde a televisão é usada para manter os indivíduos atualizados sobre os acontecimentos do mundo contemporâneo. Diante destas constatações, percebemos que, as mídias, em especial a televisão, exercem influência marcante na vida da maioria dos brasileiros.

Nesse sentido, buscar entender o domínio dos meios de comunicação como forma de poder, oportunizando o acesso à produção de informações, mobilizando a sociedade, gerando

⁶ As duas escolas escolhidas estão situadas no âmbito da 6ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE).

ações para a melhoria da qualidade de vida, abrindo um novo leque de possibilidades, e principalmente, entendendo que a escola é, sem dúvida, o espaço ideal para promover aprendizagens inovadoras, atuando como mediadora e facilitadora do uso de diferentes mídias, possibilitando ao aluno condições de interação, elaboração de idéias, sugestões, reflexões sobre a sua realidade e a busca de possíveis soluções, favorecendo seu acesso à informação e ao conhecimento, permitindo ao aluno educar-se.

Ressaltamos que apesar das recomendações do NCB-MULTIEDUCAÇÃO (1996), parece não existir o interesse por parte das escolas, em integrar as mídias ao PPP. Entendemos que supostamente o PPP, é o documento que norteia toda ação do ambiente escolar. Portanto, diante dessa situação acreditamos que esta pesquisa será importante, na medida em que analisará o conteúdo do PPP e a sua real aplicabilidade no cotidiano escolar, procurando verificar a distância entre as ações estabelecidas no PPP, no que concerne à integração das mídias aos conteúdos e à prática pedagógica, no cotidiano da escola.

O fascículo do NCB-MULTIEDUCAÇÃO Temas em debate Mídia e Educação (2005) alerta que não basta trocar o livro ou o quadro de giz pela TV ou computador, esse fascículo pondera que, não se trata de propor a mudança de um suporte pelo outro, a escola precisa repensar suas práticas, torná-las mais significativas, mais próximas da realidade em que o aluno se encontra inserido.

A relevância de abordar a aplicação das mídias na educação resulta na compreensão do papel que as mídias exercem no processo educativo, possibilitando que os professores atuem em sala de aula de um modo mais dinâmico, interativo e criativo, aproveitando todos os recursos midiáticos disponíveis. Porém, para tanto, faz-se necessário que os indivíduos que compõem a comunidade escolar, aceitem o desafio de refletirem e ousarem, na elaboração de um projeto, que integre as mídias às ações propostas no seu PPP, orientando assim todas as atividades desenvolvidas no ambiente escolar.

Embora existam estudos e se desenvolvam experiências com as mídias há muito tempo ainda não foram devidamente registradas, estudadas e divulgadas, ainda há uma lacuna de publicações para dar visibilidade a este movimento no Brasil. Sendo necessárias mais publicações a respeito de estudos e experiências sobre mídia na educação com a finalidade de promover maior diálogo, fortalecendo a construção deste campo no Brasil (FANTIN 2006).

Ao delimitar o objeto desta pesquisa percebemos que, não obstante o PPP ser o foco em muitos estudos (GANDIN; GANDIN 1999; JORGE, 1996; MARTINS, 1998; MELLO; RIBEIRO, 2003; VASCONCELLOS, 2000; VEIGA, 1995; VEIGA; RESENDE, 1998), estes apresentaram a temática de elaboração, execução e avaliação do PPP, porém, sua articulação

com as mídias, não foram encontradas nas pesquisas existentes no site da ANPED e do CAPES. Mediante essa constatação decidimos analisar o PPP da escola A e da escola B.

Diante dos aspectos abordados, este estudo se justifica na intenção de colaborar para a diminuição de lacunas existentes em estudos já realizados neste sentido, ou seja, procurando analisar dentro de uma proposta de crítica social, o PPP dessas escolas, no que diz respeito à mediação da escola, junto ao professor e aluno, sobre a inserção de mídias no ambiente de aprendizagem, sua articulação e aplicabilidade como prática pedagógica inovadora.

Durante a revisão da literatura pertinente ao estudo, observamos a ausência de pesquisas que tratam da relevância do PPP abordar o uso das mídias, como prática pedagógica no ambiente escolar. Encontramos essa referência apenas no NCB-MULTIEDUCAÇÃO (2005), e outra em Gadotti (1998), não tendo sido observada em outras pesquisas, a referência direta ao PPP enquanto documento para a orientação de práticas mídias-educativas, ou seja, o PPP, enquanto instrumento legal que expresse o desejo das escolas trabalharem com as mídias em seu cotidiano.

Ao mostrar sua visão sobre o currículo escolar, Fischer (2002) não se refere ao PPP. Mas aponta um caminho para a integração entre mídia e educação, ao sugerir a transformação da mídia em objeto de estudo, trazendo suas mensagens e conteúdos para a sala de aula, com o objetivo de alunos e professores fazerem uma leitura diária, do que é veiculado pelas mídias.

Esta autora afirma que, se tornou uma exigência política e social de suma importância, a inclusão das mídias (rádio, televisão, revista, jornal, etc.) no currículo escolar. A proposta de Fischer (2002) é a de que procuremos aprender sobre as nossas relações com as mídias, as narrativas, os modos de comunicar, as formas de expressão e as diversas linguagens: a publicitária, a ficcional de telenovelas e a informativa dos telejornais, buscando incorporar e reelaborar criticamente na escola todas essas informações.

Belloni (2001); Fantin (2006); Freire (1996); Gadotti (1998); Orofino (2005) – são somente alguns dos muitos autores que defendem a reflexão, a discussão e o uso das mídias na escola. Destacamos entre esses autores, a defesa do estudo das mídias, por Belloni (2001), essa autora faz referência ao estudo de outros pesquisadores, sobre o impacto das mídias na vida das crianças. Acreditando que há urgência em se debater a utilização da tecnologia na educação, pois uma nova maneira de aprender por meio das mídias está se desenvolvendo nos jovens, é o que denominam “autodidaxia”, ou seja, uma nova maneira de aprender por meio das mídias.

Em outro momento de sua argumentação, Belloni (2001) mostra os resultados da pesquisa de Greenfield (1980), onde relata que as crianças que vêem muita televisão têm melhores aptidões para construir conceitos de relações espaço-temporal, para compreender as relações entre o todo e suas partes, e até para identificar os ângulos das “tomadas de imagens”. O que significa um reforço das faculdades de abstração (GREENFIELD apud BELLONI, 2001 p.6).

Destaca-se, assim, a constatação de Perriault (1996) que diz:

Parece incontestável, hoje, que as crianças desenvolvem por impregnação novas capacidades cognitivas e perceptivas, como por exemplo: fazer anotações enquanto vêem um programa de vídeo; inventar uma boa pergunta para animar um chat; saber intervir num programa de TV interativo (jogo, teleconferência ou outro); reconhecer um quadro famoso ou estilo de um pintor; reconhecer e identificar um trecho musical; entre muitas outras já conhecidas e banalizadas e outras ainda inimagináveis (PERRIAULT, 1996, apud BELLONI, 2001, p.6).

Aparentemente todos esses indicadores favoráveis à inovação, utilização e exploração das mídias na educação, em especial a televisão, ainda não são vistos como recurso pedagógico, portanto, têm dificultado as relações entre as práticas educativas da escola e a TV. De acordo com Medina (2002) existe uma grande lacuna entre o ensino, a mídia e o professor.

Encontramos na pesquisa de Barreto (2005), dados sinalizando que nos últimos anos (2000-2002) aumentaram as propostas de “virtualização” do ensino, expressando a aprendizagem por meios eletrônicos, redimensionando as categorias tempo-espaço e, nestes termos rompendo com a demarcação da sala de aula e da escola, pelo menos na configuração histórica conhecida por todos. Barreto (2005) afirma que há uma tendência para o redirecionamento do processo ensino-aprendizagem, onde sugere a possibilidade de que sua (re) contextualização instaure diferenças qualitativas.

Deste modo, deve-se pensar numa escola comprometida com uma aprendizagem, que oportunize aos alunos vivenciar diversas situações, utilizando-se para tanto, as linguagens midiáticas, estimulando a capacidade crítica desses alunos, frente a todas as informações que o cercam. Silva (2003, p.14) afirma que, numa democracia com justiça social, espera-se que todos os indivíduos sejam devidamente preparados para a compreensão e o manejo de todas as linguagens que servem para dinamizar ou fazer circular a cultura dentro de uma sociedade.

Ao sistematizar os principais aspectos norteadores para a construção/consolidação de práticas mídias-educativas na escola, um dos pressupostos do NCB-MULTIEDUCAÇÃO; Temas em Debate Mídia e Educação, diz:

A incorporação e o desenvolvimento de práticas mídia/educativas ultrapassam a perspectiva reducionista da *escolarização/didatização dos meios*. Para além da *aula de informática ou da hora do vídeo*, tais práticas devem estar a serviço de um **currículo vivo**, cuja dinâmica não se limite à realização de atividades ou eventos estanques, mas que, ao contrário, possibilite o acesso diversificado às diferentes linguagens, tanto nas salas de aula como nos demais espaços da escola. Tais atividades precisam estar em consonância com o **projeto político pedagógico**, desenvolvendo ações que envolvam a comunidade escolar no exercício cotidiano de trocas significativas (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 2005, p.22).

Frente a essas considerações torna-se urgente, buscar na reflexão e nas discussões coletivas, novas significações para o papel desempenhado pela atual escola. É preciso analisar a proposta contida no PPP, se elas orientam para as práticas pedagógicas inovadoras, procurando eliminar a dicotomia entre o fazer pedagógico e a realidade em que vive o educando e evitar o desperdício com ações ultrapassadas e improdutivas no espaço escolar.

Segundo o parecer de Moran (1998, p.148):

A construção do conhecimento, a partir do processamento multimídico, é mais “livre”, menos rígida, com conexões mais abertas, que passam pelo sensorial, pelo emocional e pela organização do racional; uma organização provisória, que se modifica com facilidade, que cria convergências e divergências instantâneas, que precisa de processamento múltiplo instantâneo e de resposta imediata.

Mas, para tanto, se faz necessário o desenvolvimento de projetos voltados para a formação do leitor, que “incorporem o uso e a produção de diferentes mídias e suas respectivas linguagens (livros, revista, vídeo, jornal, internet, entre outras)” (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 2005, p.20).

1.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Atualmente nós, professores, somos desafiados diariamente com a criação de novas tecnologias, que mudam as relações no mundo e reflete no cotidiano da escola. Porém, nem

sempre conseguimos acompanhar esses avanços, constatamos a necessidade de se procurar novos caminhos que nos leve a outras práticas. Sendo assim, buscamos através do olhar investigativo ampliar nossos horizontes. A dissertação está organizada em seis capítulos, segundo os quais apresentamos o contexto em que se insere a atual sociedade, o impacto das novas tecnologias e seus reflexos dentro da educação, observando as dificuldades encontradas na atualização dos professores diante dessas novas tecnologias, assim como, as Leis que fundamentam e orientam a busca por uma educação de qualidade. Desta forma, apresentamos a seguir:

O Capítulo 1 intitula-se **A Escola na Idade Mídia** e contextualiza o foco da pesquisa, ou seja, as mídias e seu impacto na atual sociedade, suas implicações na aprendizagem, os resultados de alguns estudos feitos na área de mídia - educação, com os pareceres de alguns autores para diminuir a exclusão dos alunos, frente a essas inovações tecnológicas no ambiente escolar. Nesse primeiro momento buscou-se também, relatar as mudanças ocorridas após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1996, ao exigir que a escola construa seu projeto político-pedagógico, com a participação efetiva de todos os seus membros. Atendendo a esta exigência a Prefeitura do Rio de Janeiro, neste mesmo ano, elaborou uma proposta educacional para as escolas da rede municipal, o NCB-MULTIEDUCAÇÃO. Ao final do capítulo, são traçados o objetivo, as questões e a relevância desse estudo.

Delineando a Pesquisa é o título do capítulo 2, que trata de escolher um determinado caminho, o que nem sempre se constitui uma tarefa fácil. A imprecisão consiste na consideração das diferentes correntes metodológicas, qual delas servirá como fonte de inspiração? Que parâmetros do referencial teórico, deverão ser escolhidos para embasar a pesquisa? Como determinar as técnicas de pesquisa? Estas são apenas algumas decisões, que o pesquisador deverá enfrentar ao delinear a pesquisa. A pesquisa aqui proposta se volta para as experiências e vivências dos gestores e professores que compõem a rede municipal do Rio de Janeiro, a respeito da elaboração do projeto político-pedagógico e da inserção de mídias no processo educativo. O primeiro passo na pesquisa foi a tentativa de delimitação do problema em estudo, para tanto, foi necessário recorrer a um referencial teórico, para que a pesquisa não caísse num empirismo vazio e perdesse sua relevância. Porém, percebendo que este é apenas um dos possíveis caminhos, e que ele pode e deve ser revisto no desenrolar desta pesquisa. O próximo passo foi escolher o campo da pesquisa e os sujeitos participantes, uma possibilidade de conhecer a realidade concreta durante a coleta e a análise de dados, num estudo das concepções de gestores e professores, a respeito de projeto político-pedagógico e da prática

mídia-educativa. O procedimento metodológico adotado inicialmente foi o levantamento documental, dos projetos político-pedagógicos das duas escolas campo escolhidas, denominadas respectivamente A e B. Em seguida, a aplicação de questionário fechado, buscando traçar as características de cada sujeito participante, logo após a realização de vinte e quatro entrevistas semi-estruturadas, uma tentativa de se ir além das falas dos sujeitos, e entender suas concepções acerca do objeto desta pesquisa, suas necessidades e dificuldades para atender as sugestões do NCB-MULTIEDUCAÇÃO. As entrevistas foram gravadas, posteriormente transcritas e analisadas em função do objetivo e das questões levantadas nesta pesquisa.

O **Contexto sócio-histórico das mídias** é apresentado no capítulo 3, a contextualização do processo sócio-histórico das mídias, a observância da trajetória da comunicação entre os sujeitos desde o período das cavernas, com suas pinturas rupestres, passando pelo advento da descoberta da imprensa, por Gutenberg, até chegar os dias de hoje, com meios de comunicação cada dia mais velozes, alcançando distâncias cada vez maiores. Em prosseguimento, realizamos uma breve revisão da história das mídias mais populares no Brasil, sua chegada ao solo brasileiro, sua divulgação, o acesso e a apropriação pela população dessas mídias. Em seguida abordamos algumas ações de políticas públicas para as mídias na educação, como a criação da empresa de multimeios, MULTIRIO, uma política da prefeitura do Rio, para a produção e divulgação de produtos de mídias, uma tentativa de se auxiliar alunos e professores, a trabalharem no ambiente escolar com variadas mídias. As ações do Governo Federal, através de Ensino a Distância, orientando o trabalho do professor através de cursos pela televisão, Internet e DVDs que abordam diferentes temáticas midiáticas.

Os **Aspectos Teóricos** apresentados no capítulo 4 são referentes ao projeto político-pedagógico e as concepções de mídias. Aborda a questão do planejamento participativo, a história da escola, a construção da sua identidade, as características dos participantes que compõem a comunidade escolar, o traçado sócio-econômico, os objetivos, as finalidades, os anseios e desejos por uma educação digna. Assim como, a obrigatoriedade de cada escola possuir o seu PPP, a partir da Lei nº 9394, de 1996. São analisadas as concepções de diferentes autores sobre PPP (VEIGA, GANDIN, GADOTTI) entre outros. Para haver mudanças na realidade da escola, os sujeitos envolvidos precisam construir um PPP, que tenha claro o perfil da escola, abrindo espaços para o diálogo com a comunidade, buscando construir coletivamente o PPP, como norteador de todas as ações que serão desenvolvidas a partir dele no cotidiano da escola. Em seguida um breve panorama sobre a metodologia de

projetos e os diversos autores adotados pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, na fundamentação do NCB-MULTIEDUCAÇÃO (1996), a saber: FREINET, FREIRE, PIAGET e VYGOTSKY. Tratamos também sobre as novas tecnologias de informação e comunicação, que compreendem os mais diferentes meios de comunicação como jornal, televisão, rádio, cinema, computador, entre outros, que permeiam a maioria das relações desenvolvidas na sociedade atual. Sendo assim, é de vital importância que se compreenda as novas linguagens, procurando decodificar suas mensagens, o que se vê nas entrelinhas. Nesse sentido, buscamos significados nas concepções de Barreto, Belloni, Fantin, Orofino e da UNESCO. Adotamos o termo “mídias”, que segundo Belloni, é o mais conciso. Por fim, as cinco dimensões das mídias, propostas por Belloni, nesta parte procuramos observar também as sugestões contidas no fascículo MULTIEDUCAÇÃO - Mídia e Educação, sobre a reflexão do trabalho pedagógico mediado pelas mídias e seus reflexos na prática escolar.

O Capítulo 5 aborda a **Análise de dados**. Neste capítulo buscou-se analisar a luz dos referenciais teóricos, os dados coletados através do levantamento documental do projeto político-pedagógico, das escolas-campo A e B, respectivamente, onde procuramos encontrar uma representação condensada da informação sobre ações de mídias. Nos questionários de perguntas fechadas, levantamos as características dos sujeitos-participantes desta pesquisa, seu elo com a escola, sua participação na elaboração do PPP, na formação em serviço, assim como as concepções de mídias e o papel do professor na mediação das mídias na educação. Destas respostas buscamos selecionar os sujeitos para a entrevista semi-estruturada, onde traçamos um paralelo entre as concepções dos gestores e professores, a respeito de projeto político pedagógico, da inserção de mídias na educação e a prática desses sujeitos no cotidiano da escola. Que informações poderiam nos trazer? Quais as indicações de avanços ou não, na prática pedagógica com as mídias? A escolha desse instrumento permitiu-nos investigar com maior profundidade, a relação entre professor e suas concepções a respeito da temática confrontando com sua prática cotidiana.

E finalmente apresentam-se as **Considerações Finais** no capítulo 6, onde procuramos analisar o estado atual da questão das mídias na educação, assim como sua inserção no projeto político-pedagógico de cada escola, buscando nas falas de gestores e professores, da rede municipal do Rio de Janeiro, suas concepções, preocupações e avanços a respeito do uso de mídias na prática pedagógica, do cotidiano escolar. Concluímos que apesar das mídias já se encontrarem presente nos textos do projeto político-pedagógico, ainda são necessárias orientações mais consistentes aos professores, pois estes revelaram dúvidas e angústias. Tanto

pelo manuseio de determinados aparelhos, quanto pelo pouco tempo para prepararem as atividades pedagógicas e ainda por não saberem como trabalhar corretamente com as mensagens e conteúdos veiculados pelas mídias. Nesse sentido, apenas constatar a necessidade não é o bastante, precisamos de uma política educacional responsável, que se traduza em maior esforço das esferas governamentais. Para que o professor consiga vencer esses obstáculos, a resistência e o receio e, finalmente ocorram às mediações no uso das mídias na sala de aula, obtendo como resultado uma educação de qualidade.

CAPÍTULO 2

DELINEANDO A PESQUISA

A teoria nasce em si – nesse como em qualquer outro caso – não transforma o mundo. Pode contribuir para a sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e, em primeiro lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar com seus atos reais, afetivos, tal transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação. (SANCHEZ VÁSQUEZ, 1977, p.206)

2.1 A PESQUISA QUALITATIVA

Segundo Alves-Mazzotti (1998, p. 160) “não há metodologias boas ou más em si, e sim metodologias adequadas ou inadequadas para tratar de um determinado problema”. Assim consideramos válido, no caso deste estudo, utilizar abordagem qualitativa sem, contudo, deixar de lançar mão de dados quantitativos que possam contribuir para contextualizar o problema.

No planejamento de estudos qualitativos, Alves-Mazzotti; Gewandszajder (1998) afirmam que tanto os argumentos a favor de um maior grau de estruturação da pesquisa, quanto às argumentações contrárias, podem ser consideradas válidas, pois um maior ou menor grau de estruturação da pesquisa vai depender da situação estudada. Porém, ao se elaborar um projeto de pesquisa, devemos ter a percepção de que ele é apenas “um guia, uma orientação, que indica aonde o pesquisador quer chegar e os caminhos que pretende tomar” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p.12). Assim, procuramos delinear as questões iniciais e os procedimentos adequados a esta pesquisa, buscando definir alguns passos adotados para este caminho.

2.2 O CAMPO DE PESQUISA

Num primeiro levantamento exploratório escolhemos as escolas pertencentes a E/6ª CRE, com a finalidade de definir o campo de pesquisa, utilizamos um questionário com respostas fechadas, aos professores de sala de leitura da E/6ª CRE. O levantamento mostrou que todas as escolas pesquisadas, segundo afirmação de professores de sala de leitura,

declararam que têm seus projetos político-pedagógicos elaborados e atualizados, de acordo com a orientação do Departamento de Educação da E/6ª CRE.

Porém, os professores não souberam responder se no conteúdo desses PPP, existia a orientação para a elaboração de ações que integrem as mídias às práticas pedagógicas, embora, algumas desenvolvam projetos utilizando mídias.

Ao passar para a fase de definição do campo de pesquisa, optamos por uma unidade escolar no bairro da Pavuna e outra unidade escolar no bairro de Acari. A escolha dessas escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro, no âmbito da E/6ª CRE, para a realização da presente pesquisa, pela maior facilidade de acesso em relação às outras escolas.

Buscamos compreender como a equipe técnica-pedagógica e os professores regentes das escolas-campo, aqui definidas como escola A e escola B, se apropriam das técnicas de informação e comunicação e principalmente como vão integrando estes recursos às práticas pedagógicas. Assim sendo, assumimos as palavras do mestre Paulo Freire (2008, p.71):

Não podemos duvidar de que a nossa prática nos ensina. Não podemos duvidar de que conhecemos muitas coisas por causa de nossa prática... Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta. Precisamos ir além dele. Precisamos conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos.

Nessa fase de negociação, observamos que aparentemente a escola A, situada no bairro da Pavuna, utiliza as mídias no ambiente escolar. A outra unidade escolhida foi a escola B, situada no bairro de Acari, há alguns anos vem implantando a utilização das mídias através de projetos. Com isso, optamos analisar o PPP destas unidades escolares, relacionando-o com as orientações do NCB-MULTIEDUCAÇÃO, acerca das possibilidades do documento contemplar ações mídias-educativas. Pretendemos conhecer e compreender as concepções da equipe técnico-pedagógica e professores, acerca do PPP e do seu processo de planejamento, assim como, sua articulação com as mídias nas escolas A e B.

Destacamos que, embora se tenha optado por estudar o PPP dessas escolas, não se constitui como objetivo desta pesquisa, conforme se pode perceber, analisar os conteúdos pedagógicos referentes ao Ensino Fundamental, mas sim analisar os aspectos referentes ao PPP e ao seu processo de planejamento relacionando-os à inclusão das mídias no processo educativo.

A seguir descrevemos brevemente os espaços da Escola A e da Escola B.

2.2.1 Escola A

A Escola A, possui dois prédios. Um da época de sua fundação, construção antiga de um pavimento, seis salas de aula, um ambiente articulando a secretaria e a direção, uma sala de professores, banheiros para professores e outros para os alunos, um refeitório. Mais recentemente, em 2002, foi construído um novo prédio com dois pavimentos. O primeiro pavimento consta duas salas de aula, uma sala de leitura, uma cozinha, um banheiro para os professores, vestiários masculino e feminino para os alunos. No segundo pavimento, uma sala de vídeo, três salas de aula, uma sala de arquivo morto, e um vestiário para os alunos, espaço também utilizado pela escola C, que aguarda desde março de 2007, a reforma para retornarem ao seu prédio. Em 2007 iniciaram a construção de uma quadra coberta, que já foi concluída.

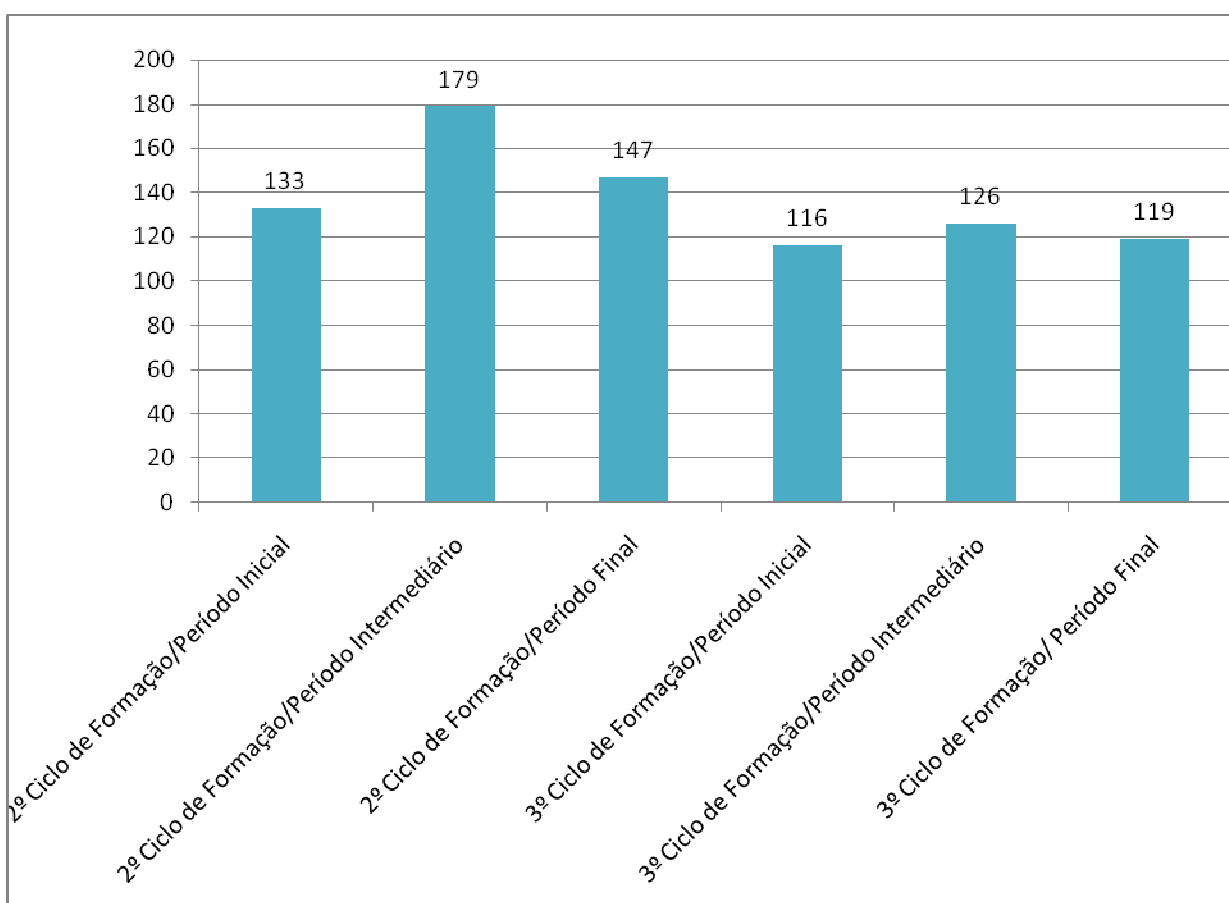
A equipe técnica-pedagógica é composta pela diretora, uma adjunta, uma coordenadora pedagógica, uma especialista em educação (Orientadora Educacional), uma professora de sala de leitura, uma professora de apoio a coordenação pedagógica, duas professoras readaptadas, uma na secretaria da escola e outra no apoio aos alunos com deficiência na aprendizagem. O corpo docente da escola é composto de quatro professores de 4º ano do 2º Ciclo de Formação - Período Inicial e cinco professores do 5º ano do 2º Ciclo de Formação - Período Intermediário e 25 professores do 6º ao 9º ano do 2º e 3º Ciclo de Formação do Ensino Fundamental. Num total de 34 professores regentes.

A escola campo A no ano letivo de 2008, possuía 820 alunos, no Ensino Fundamental, distribuídos em quatro turmas, no 2º Ciclo de Formação-Período Inicial (antiga 3ª série); cinco turmas, no 2º Ciclo de Formação-Período Intermediário (antiga 4ª série); quatro turmas, no 2º Ciclo de Formação-Período Final (antiga 5ª série); três turmas, no 3º Ciclo de Formação-Período Inicial (antiga 6ª série); três turmas, no 3º Ciclo de Formação-Período Intermediário (antiga 7ª série) e três turmas, no 3º Ciclo de Formação-Período Final (antiga 8ª série). Num total de 22 turmas, com atendimento em dois turnos, como podemos observar na tabela a seguir.

Tabela 1 - Distribuição das turmas da escola A por nível de desenvolvimento escolar:

QUANTITATIVO DE TURMAS		
Educação Infantil	4anos	N
	5anos	N
1º Ciclo de Formação	Período Inicial	N
	Período Intermediário	N
	Período Final	N
2º Ciclo de Formação	Período Inicial	4
	Período Intermediário	5
	Período Final	4
3º Ciclo de Formação	Período Inicial	3
	Período Intermediário	3
	Período Final	3
Educação Especial		N
PEJA		N

Os 820 alunos da escola A, são agrupados por nível de desenvolvimento da aprendizagem, conforme determinação da SME e distribuídos em 22 turmas da seguinte forma: 133 alunos, nas quatro turmas do 2º Ciclo de Formação do Período Inicial; 179 alunos, nas cinco turmas do 2º Ciclo de formação do Período Intermediário; 147 alunos, nas quatro turmas do 2º Ciclo de Formação do Período Final; 116 alunos, nas três turmas do 3º Ciclo de Formação do Período Inicial; 126 alunos, nas três turmas do 3º Ciclo de Formação do Período Intermediário e 119 alunos, nas três turmas do 3º Ciclo de Formação do Período Final. Como podemos verificar no gráfico 1.

Gráfico 1⁷- Quantitativo de alunos da escola A

Os alunos são em sua maioria pré-adolescentes e adolescentes, oriundos do bairro da Pavuna, no Rio de Janeiro e de assentamentos existentes no próprio bairro, outros são moradores do município vizinho, São João de Meriti. Algumas famílias são de baixa renda, outras vivem em situação de extrema pobreza, caracterizadas pelo desemprego e subemprego, o que torna a situação dos alunos bastante desfavorável em relação aos aspectos financeiro e sócio-cultural.

2.2.2 Escola B

A escola B, fundada em 16/09/1986, está situada no bairro de Acari, em frente à Avenida Brasil, principal via de acesso ao centro da cidade do Rio de Janeiro e próximo a Central de Abastecimento (CEASA). Criada para ser uma escola modelo, de atendimento em horário integral, atualmente possui algumas turmas em atendimento com horário parcial,

⁷ Fonte: Gráfico elaborado a partir dos dados obtidos nos documentos de matrículas da escola A.

porém, a maioria das turmas é de horário integral. Algumas dependências que pertenciam à escola em foco foram transformadas em Posto de Atendimento à Saúde.

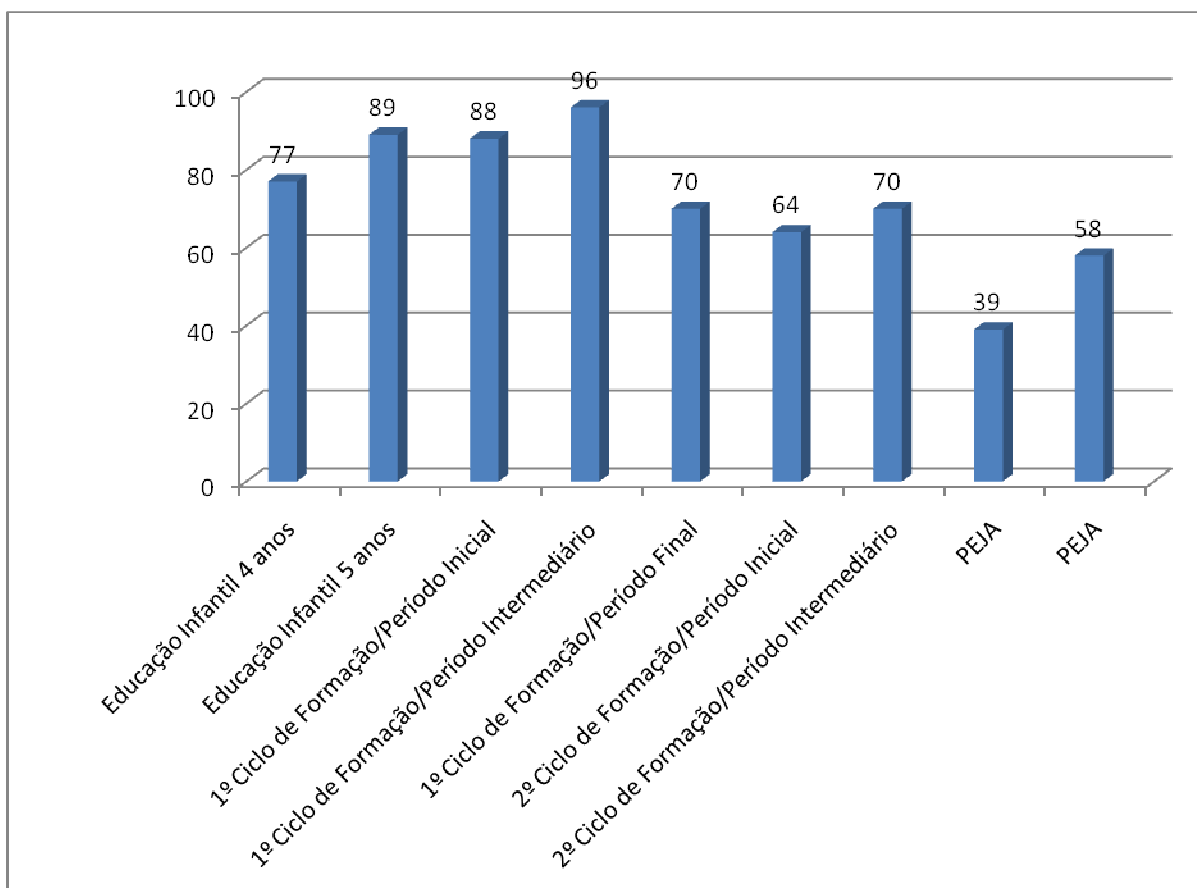
A escola B tem três pavimentos, no primeiro pavimento as dependências da cozinha, despensa, refeitório, banheiros masculino e feminino, pátio interno. No segundo pavimento nove salas de aulas, sala de professores, sala de leitura, sala de multimídias, sala da direção, banheiros masculino e feminino para os alunos e banheiros masculino e feminino para os funcionários, almoxarifado, copa e laboratório de informática com 10 computadores, usados para pesquisas e trabalhos, pelos professores regentes, alunos e ex-alunos e comunidade. A sala de Multimídia tem em seu acervo: fitas de vídeos e de áudio, CD-DVD, CD - áudio e CD-ROM, filmadora, máquina fotográfica e 8 computadores, onde desenvolvem oficinas de fotografia, produção de vídeo, jornal impresso, jornal eletrônico (INFORMADÃO), Blog e Fotoblog. Esses trabalhos já renderam frutos a escola B, pois eles têm 2 livros publicados (A Bruxa que roubava esperança e A Fada que espalhava esperança). Uma de suas produções de vídeo foi escolhida para ser apresentada no Programa Carta Animada pela Paz (MULTIRIO, 2004). Recebeu os prêmios de inclusão digital do Instituto Telemar (atualmente OI); do Projeto Cidadania do MEC; e o prêmio de Mídia Educativa da Universidade do Minho, Portugal. Atualmente a CUFA (Central Única de Favelas) desenvolve com alguns alunos, oficinas de cinema e televisão, Cada oficina tem uma duração aproximada de quatro meses. O último pavimento tem nove salas de aula e banheiros masculinos e femininos, nas extremidades do pavimento.

A equipe técnico-administrativa é composta pela diretora, duas adjuntas, uma coordenadora pedagógica, duas professoras de sala de leitura, três professores de Educação Física e 15 professores regentes, alguns desses professores trabalham com dupla regência, para atender as turmas que estão sem professores.

A escola B possui 22 turmas, num total de 651 alunos, atendendo em três turnos, da faixa etária de quatro anos até a idade adulta, que freqüentam o PEJA, programa de ensino de jovens adultos, com defasagem na aprendizagem. Os alunos foram agrupados por nível de desenvolvimento da aprendizagem e distribuídos em seis turmas de Educação Infantil, sendo que, três turmas de quatro anos, com 77 alunos; e três turmas de cinco anos, com 89 alunos; 12 turmas de 1º e 2º Ciclos de Formação: três turmas de 1º Ciclo de Formação-Período Inicial (antigo C.A), com 88 alunos; três turmas de 1º Ciclo de Formação-Período Intermediário (antiga 1ª série), com 96 alunos; duas turmas de 1º Ciclo de Formação-Período Final (antiga 2ª série), com 70 alunos; duas turmas de 2º Ciclo de Formação-Período Inicial (antiga 3ª série), com 64 alunos; duas turmas do 2º Ciclo de Formação-Período Intermediário (antiga 4ª

série), com 70 alunos e quatro turmas de PEJA (adolescentes e adultos com defasagem na aprendizagem), com 39 alunos no Bloco 1 e 58 alunos no Bloco 2. Podemos observar melhor esses dados no gráfico abaixo:

Gráfico 2⁸ - Quantitativo de Alunos da escola B



A distribuição atual das turmas segue o sistema adotado em 2007, pelo qual o Ensino Fundamental da rede municipal do Rio de Janeiro, ficou dividido em três ciclos, cada um com 600 dias letivos.

Para melhor compreensão, organizamos esses dados na seguinte tabela.

⁸ Fonte: Gráfico elaborado a partir dos dados obtidos nos documentos de matrículas da escola B.

Tabela 2 - Distribuição das turmas da escola B
por nível de desenvolvimento escolar

QUANTITATIVO DE TURMAS		
Ed. Infantil	4anos	3
	5anos	3
1º Ciclo de Formação	Período Inicial	3
	Período Intermediário	3
	Período Final	2
2º Ciclo de Formação	Período Inicial	2
	Período Intermediário	2
	Período Final	N
3º Ciclo de Formação	Período Inicial	N
	Período Intermediário	N
	Período Final	N
Ed. Especial		N
PEJA I	Bloco 1	2
PEJA I	Bloco 2	2

A maioria desses alunos é oriunda do Conjunto Amarelinho e das diversas comunidades, que compõem o bairro de Acari e adjacência. De situação sócio-econômica de baixa renda, sofrem também com a falta de emprego, subemprego e condições desfavoráveis em relação ao aspecto cultural.

2.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos entrevistados nesta pesquisa foram: duas diretoras, duas diretoras-adjuntas, duas coordenadoras pedagógicas, uma orientadora educacional, três professoras de sala de leitura e quatorze professores regentes do Ensino Fundamental da rede pública da cidade do Rio de Janeiro, das duas escolas-campo selecionadas, que após serem convidadas, manifestaram disposição em participar da pesquisa.

Os sujeitos participantes das entrevistas foram categorizados da seguinte forma:

Tabela 3 - Categorização dos sujeitos entrevistados

CATEGORIZAÇÃO DO GRUPO	QUANTITATIVO DE PESSOAS	CARACTERÍSTICAS DO GRUPO
Diretor (DR)	2	Um diretor por escola campo
Diretor-Adjunto (D. Ad.)	2	Duas diretoras-adjuntas da escola campo B
Coordenador Pedagógico (CP)	2	Um coordenador pedagógico por escola campo
Orientador Educacional (OE)	1	Uma orientadora educacional da escola A
Professor de Sala de Leitura (SL)	3	Uma professora escola A Duas professoras escola B
Professor Regente (PI)	8	Oito professores com licenciatura plena nas disciplinas de 2º e 3º Ciclo de Formação.
Professor Regente (PII)	6	Seis professores com Ensino Médio ou Pedagogia nas séries iniciais. Atuam na Educação Infantil, 1º Ciclo de Formação e PEJA.
Total de entrevistados	24	

Cada sujeito tem um importante papel a desenvolver. O diretor, por ser o gestor da ação administrativa, cria espaços, conduzindo a comunidade escolar para a, a discussão, a elaboração, a implantação e a avaliação do PPP. Assim como, o trabalho do coordenador pedagógico, que é de fundamental importância para subsidiar e organizar as ações

pedagógicas e estimular o professor a superar as dificuldades que encontram ao desenvolver seu trabalho.

A orientadora educacional atua junto aos alunos, dentre aqueles que apresentam dificuldades de adaptação as normas de conduta, problemas com a família e de aprendizagem. Atualmente é um cargo em extinção nas escolas da rede municipal, nem todas as escolas possuem esse profissional.

A professora de sala de leitura, de acordo com o fascículo do NCB-MULTIEDUCAÇÃO, é um professor regente, com experiência pedagógica para articular todo o trabalho de promoção da leitura ao PPP da escola à sala de aula. Seu trabalho deve ser direcionado para “projetos voltados para a “leitura de mundo”, na perspectiva da convergência de mídias” (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO RIO DE JANEIRO, 2005, p. 21).

Segundo Mello; Ribeiro (2003) os professores regentes selecionam, organizam e apresentam o conteúdo ao aluno. Ainda de acordo com essas autoras, a seleção desses conteúdos deve estar “ligada ao momento histórico-cultural, à filosofia da escola, aos objetivos propostos e aos interesses dos diferentes grupos constitutivos da comunidade escolar” (idem, p.87).

Podemos deduzir que a construção de um projeto político-pedagógico inovador, engajado nas mudanças da sociedade na qual a escola está inserida, requer o compromisso e a responsabilidade de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo.

2.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo as palavras de Freire (1996, p. 29):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que- fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Para esse autor o ensino depende de investigação constante. Através da pesquisa buscamos desvelar de forma mais transparente, as questões que afligem a escola e dificultam

a realização de um ensino de qualidade. Desta forma, conseguimos escolher qual a melhor solução para resolver determinadas situações.

Iniciamos a fase de negociação, em caráter informal, com a finalidade de obter alguns esclarecimentos acerca da possibilidade de inserção nas escolas da E/6ª CRE e assim compor os sujeitos da pesquisa, conforme explicitado no tópico anterior. Após a apresentação verbal da finalidade desta pesquisa, para a diretora de cada escola e conseqüente aceitação desta proposta, ficou acertado que a pesquisa fosse iniciada após solicitação e autorização da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ). Para que seja realizada a análise documental dos projetos político-pedagógicos, a aplicação de questionários e entrevistas com a equipe técnico-pedagógica e os professores.

Quanto à opção pela entrevista semi-estruturada, deve-se ao fato de ser interativa e dinâmica, pois nela o entrevistador pode fazer perguntas específicas, porém, deixando que o entrevistado responda livremente. Permitindo assim, a exploração de temas complexos com maior profundidade (ALVES-MAZZOTTI; GEWADSZNAJDER, 1998).

Após a autorização da Secretaria Municipal de Educação, para a entrada em campo, o próximo passo foi a solicitação de uma cópia do PPP, à coordenadora pedagógica, de cada escola campo, para iniciar a análise do documento.

Considera-se como documento qualquer registro que possa ser usado como fonte de informação. Regulamentos, atas de reunião, livros de freqüência, relatórios, arquivos, pareceres, etc., podem nos dizer muita coisa sobre os princípios e normas que regem o comportamento de um grupo e sobre as relações que estabelecem entre diferentes subgrupos.
(ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998)

A análise do PPP foi dividida em dois momentos. No primeiro momento desta análise, buscamos identificar se a escola especifica em seu PPP os seguintes elementos: missão, papel social, visão de futuro, objetivos, princípios e valores, ambiente interno e externo, sua comunidade interna e externa, os meios e as formas operacionais de realizar os objetivos, em consonância com as orientações do NCB-MULTIEDUCAÇÃO. No segundo momento, buscamos os indicadores de inserção das mídias, no PPP.

A pesquisa qualitativa, para Bodgan e Biklen (1982, apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, preocupando-se em tentar captar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os sujeitos da pesquisa percebem as questões que estão sendo focalizadas. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.12).

Para a concretização do segundo momento da análise, foram realizados questionários de igual teor para todos os sujeitos envolvidos na pesquisa, com o objetivo de conhecer as características dos participantes das escolas, em seguida foi selecionado aproximadamente um número de doze sujeitos por escola-campo, a saber, as diretoras, as diretoras-adjuntas, as coordenadoras pedagógicas, as professoras de sala de leitura, uma orientadora educacional e quatorze professores regentes, para a entrevista semi-estruturada, buscando coletar informações sobre suas concepções acerca do processo de elaboração e execução do PPP e da relação de cada um com as mídias, durante a prática pedagógica no cotidiano escolar.

A seleção dos professores para participar das entrevistas, utilizou como critério a manifestação de disposição em participar da pesquisa. O roteiro da entrevista foi semi-estruturado e de igual teor para todas as participantes da pesquisa. Procuramos ir além das aparências, além das falas dos professores.

CAPÍTULO 3

O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DAS MÍDIAS

Todo o homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras.

Artigo 19 Declaração Universal dos Direitos Humanos. In: Souza, 1989.

3.1 A COMUNICAÇÃO HUMANA: DAS PINTURAS RUPESTRES A INTERNET

A Comunicação entre os seres humanos, sempre foi fundamental para transmitir seus sentimentos, divulgar suas idéias e conhecimentos. Existem registros dos feitos humanos, desde o tempo primitivo da história da humanidade. As pinturas rupestres deixadas nas paredes das cavernas foi uma das formas de se transmitir os acontecimentos daquela Era.

Nossos antepassados durante muito tempo transmitiram oralmente seus conhecimentos. Cerca de 2.000 AC, os fenícios desenvolveram o alfabeto fonético, um marco histórico da palavra escrita na civilização ocidental (PRETTO, 2005). No século XV, Gutenberg adaptou uma prensa de vinho em uma prensa impressora, nascia à imprensa. No século XVIII, os livros produzidos pela Igreja Celta na Irlanda, representam o máximo da arte dos escribas, porém por serem únicos, eram caros e de complicada leitura. (SENAI, 2001)

O advento da prensa manual, inventada por Gutenberg, e a fotografia no século XIX, segundo Perrotti (2006), modificaram a forma como o conhecimento passou a ser produzido, registrado e disseminado, a cada dia o conhecimento torna-se mais complexo. Ora, as informações antes vinculadas ao contato direto e à linguagem oral, passam a dispor a partir de então de novos suportes que as preservam e disseminam.

Em 1870, com a invenção do telégrafo, a mensagem começou a viajar mais depressa do que o mensageiro. Ainda de acordo com as palavras de Perrotti (2006), essas mudanças transformaram para sempre a visão de mundo e a cultura nas sociedades. Esse autor afirma que, o mundo agora se desdobra em novas dimensões com representações construídas tecnologicamente.

Na primeira metade do século XX, já se tornara evidente o poder da mídia sobre as pessoas e sobre extensas populações. Hoje, o incessante desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação, tornou a cultura cada vez mais sofisticada, principalmente nos meios de comunicação – fotografia, gravadoras de disco, cinema, rádio, televisão, entre

outras. Assim, ela passou a atingir um grande número de pessoas, sendo transmitida pela indústria cultural, ou seja, transmitida de maneira industrializada para um público generalizado, formado por diferentes camadas socioeconômicas. (PERROTTI, 2006)

Cabe lembrar, que atualmente a cultura contemporânea é mediada pelas novas tecnologias, numa relação entre a sociedade e a cultura, surgindo novas formas de interações sociais. Podemos deduzir que, atualmente as mensagens difundidas pelos meios de informação e de comunicação, precisam ser analisadas e discutidas, de modo que se compreenda as relações que estabelecemos com as mídias, buscando a apropriação desses conteúdos, para a constituição de novos conhecimentos (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 2005).

Encontramos nas palavras do mestre Freire (1996, p. 157) a constatação dessa realidade:

O mundo encurta, o tempo dilui: o ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido. Debater o que se diz e o que se mostra e como se mostra na televisão me parece algo cada vez mais importante. Não temo parecer ingênuo ao insistir não ser possível pensar sequer em televisão sem ter em mente a questão da consciência crítica. É que pensar em televisão ou na mídia em geral nos põe o problema da comunicação, processo impossível de ser neutro. Na verdade, toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de alguém, nem sempre claramente referido.

Nessa mesma ótica, encontramos a concepção de Morin (2002), onde afirma que a nossa sociedade está interligada a maior parte do planeta. Os problemas que acontecem em determinada parte do planeta, não interessa apenas a quem vive lá, e sim, aos cidadãos de toda parte do planeta. Haja vista, as conseqüências que ocorreram após o sinistro de 11 de Setembro, em Nova York, e mais atualmente a derrocada de alguns bancos nos Estados Unidos, que desestabilizou as Bolsas de Valores, levando boa parte do planeta a recessão.

Nesse sentido, mais do que dominar algumas técnicas, habilidades ou competências, é preciso aprender articular e organizar os conhecimentos, de forma que se percebam os problemas do mundo, enfrentando os desafios na busca pela resolução dessas questões, contribuindo dessa forma para modificar a atual sociedade. Segundo Morin (2002 p.35) “O conhecimento do mundo como mundo é necessidade ao mesmo tempo intelectual e vital”, o autor coloca esta questão como sendo fundamental da educação, porque da visão que temos de mundo, depende da nossa habilidade para organizar ou construir o conhecimento.

3.2 BREVE REVISÃO DA HISTÓRIA DAS MÍDIAS NO BRASIL

Há exatos duzentos anos, em 1808, a família real portuguesa desembarcava em solo brasileiro, o que constituiu um marco histórico para o desenvolvimento da então colônia, principalmente para a Cidade do Rio de Janeiro. Com a chegada da corte portuguesa, foram permitidas diversas mudanças, tais como, a fundação de novas escolas, a implantação do ensino superior, entre outras medidas que muito beneficiaram o Brasil. Nesse mesmo ano, D. João autorizou a Imprensa Régia, porém era censurada a divulgação de qualquer notícia contra o reino, a família e os bons costumes. Ainda em 1808, foi publicado o primeiro jornal brasileiro oficial: “A Gazeta do Rio de Janeiro”. Suas notícias divulgavam documentos oficiais, as virtudes da família real e as notícias da Europa. (LAURA, 2002)

Com o passar dos anos foram surgindo outros jornais, ditos não oficiais: O Correio Brasiliense ou Armazém Literário, Revérbero Constitucional Fluminense, Diário do Rio de Janeiro, Farol Paulistano, Malagueta Extraordinária, Brasil Ilustrado, A República, Correio Paulistano, A Província de São Paulo, mais tarde passaria a se chamar “O Estado de São Paulo”. Em 1907, O Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, foi o primeiro jornal editado em cores. Em 1910, foi fundada a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) no Rio de Janeiro. (Idem)

Conforme constatamos, o jornal foi à primeira mídia regulamentada no Brasil, ainda nos tempos de colônia portuguesa, que teve uma evolução relevante com a vinda da corte de D. João VI, embora fortemente censurada. Observando a história da imprensa brasileira, através das décadas que se seguiram desde a criação do primeiro jornal, podemos constatar que essa mídia impressa sempre acompanhou os principais fatos históricos acontecidos em nosso país.

Desde a Independência, onde alguns jornais foram perseguidos pela aristocracia rural brasileira, até os fatos mais recentes, como os tempos de ditadura, a Campanha Nacional das Diretas Já, o retorno a democracia, o *impeachment* do então, presidente Collor, esses entre outros acontecimentos, sempre registrados pelos jornais, divulgando e assim eternizando os fatos. Atualmente no Brasil, temos jornais para todos os tipos de público, das notícias sensacionalistas, economia, esportes e os religiosos de diversas denominações, entre outros e o mais recente que é o jornalismo *online* (ALLANDEZOS; ESPÍRITO SANTO; TORRES, 2001).

Décadas mais tarde, foi a vez de outra mídia, o cinema. A origem do cinema começa com a exibição dos filmes dos irmãos Lumière, em 1895, em Paris (PRETTO, 2005). No

Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, apenas sete meses depois, realiza-se a primeira sessão de cinema no país. Um ano mais tarde, Paschoal Segreto e José Roberto Cunha Salles inauguram, na Rua do Ouvidor, uma sala permanente. O primeiro filme totalmente brasileiro, realizado por Afonso Segreto, foi rodado em 1898, eram apenas algumas cenas da baía de Guanabara.⁹

Nossos primeiros filmes, eram no estilo dos documentários franceses do início do século, são pequenos filmes sobre o cotidiano carioca e filmagens de pontos importantes da cidade, como o Largo do Machado e a Igreja da Candelária. Num período de dez anos, o cinema brasileiro esteve estacionado, por conta da precariedade no fornecimento de energia elétrica. Somente em 1907, com a inauguração da usina de Ribeirão das Lages, diversas salas de exibição são abertas no Rio de Janeiro e em São Paulo (idem).

A infra-estrutura brasileira para a produção de filmes começa a partir de 1930, com a criação de diversas companhias que anos mais tarde ficariam famosas. No Rio de Janeiro, o primeiro estúdio cinematográfico chamado Cinédia. A produção de chanchadas cariocas começa com a criação da companhia Atlântida, em 1941. Mais tarde, em São Bernardo do Campo, é criado o estúdio paulista Vera Cruz. (idem)

Outra mídia inventada ainda no século XIX foi o telégrafo, em seguida o rádio. A invenção do rádio tem diversas histórias, uma delas é a de que em 1863, em Cambridge, Inglaterra, Maxwell J.C. conseguiu demonstrar teoricamente a possível existência das ondas eletromagnéticas. A outra história é a do padre gaúcho Roberto Landell de Moura, nascido em 1862, na cidade de Porto Alegre. Em 1883, ele demonstrou na prática, através de um aparelho, que era possível a transmissão e recepção da voz humana, sem a utilização de fios condutores. Porém, seus superiores duvidaram de sua sanidade mental e as autoridades brasileiras não o apoiaram, somente sete anos depois ele conseguiu a patente brasileira de seu invento.¹⁰

Em 1901, Landell embarcou para os Estados Unidos, onde conseguiu a patente do telégrafo sem fio e o transmissor de ondas. Ao regressar ao Brasil, três depois ele novamente teve o apoio negado pelas autoridades brasileiras, para demonstração do seu telégrafo sem fio, na comunicação entre dois navios. Regressou então para Porto Alegre, sua cidade natal, onde morreu aos 66 anos (idem).

Enquanto isso, na Itália, Marconi, cientista, inventor, buscou nos resultados dos estudos de Heinrich Hertz, Augusto Righi e outros, continuar as experiências sobre a

⁹ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/cinema_do_Brasil

¹⁰ Disponível em: www.radioclaret.com.br/port/historia.

transmissão de mensagens através de ondas. Mesmo obtendo resultados positivos em experiências práticas, como alcançar navios cargueiros afastados da costa, Marconi assim como o brasileiro Landell, também não obteve apoio do governo italiano, mudou-se para a Inglaterra, onde conseguiu a primeira patente para o seu telégrafo sem fio, em 1896 (PRETTO, 2005). Marconi recebeu o Prêmio Nobel de Física, em 1909. Os registros datam em 1920, a primeira irradiação musicada. Foi Marconi quem transmitiu sinais de rádio, em 12 de outubro de 1931, comprimindo um botão em Roma, ele ligou o comutador geral da iluminação do Cristo Redentor, no Alto do Corcovado, no Rio de Janeiro.¹¹ No Brasil, a fundação da Rádio Clube de Pernambuco, no Recife, em abril de 1919, é usada como marco inicial do surgimento do rádio em nosso país. Porém, só em 1922 o rádio teve sua primeira irradiação realizada com sucesso, durante as comemorações do Centenário da Independência do Brasil, nesta ocasião foi transmitido o discurso do então Presidente da República Epitácio Pessoa (idem).

Em 1923, foi inaugurada a emissora Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, anos mais tarde viria a ser conhecida como Rádio Roquete Pinto, seu criador Roquete Pinto, até então, um dos principais antropólogos do país, previu que o rádio serviria para a difusão da cultura popular. Em pouco tempo, surgiram diversas emissoras de rádio, elas diante da forte concorrência investiram em evolução tecnológica. Com isso, na década de 30, as rádios abriam suas portas para o público, com apresentações no palco de grandes nomes da nossa música, como Silvio Caldas, Francisco Alves, Orlando Silva, e outros tantos (idem).

Na década de 50, o rádio passou a irradiar a Copa do Mundo de Futebol, contribuindo dessa forma para a popularização do rádio como meio de comunicação, aumentando o número de ouvintes. Em 1955, uma pesquisa apontou a existência de 477 emissoras de rádio e aproximadamente meio milhão de aparelhos receptores. Atualmente, estima-se que a maioria dos lares brasileiros tenha pelo menos um aparelho de som, com tecnologia digital de rádio-transmissão AM e FM (idem).

A televisão faz sua estréia no Brasil, nos anos 50, a primeira apresentação foi do padre cantor, o mexicano, Frei José Mojica, havia apenas alguns aparelhos de TV instalados no saguão dos Diários Associados, em São Paulo. Alguns meses depois, realiza-se ainda em fase experimental, a transmissão pela TV Tupi, de um filme em que Getúlio Vargas fala de seu retorno à vida política. Alguns dias depois, o paraibano Francisco de Assis Chateaubriand

¹¹ Disponível em: www.radioclaret.com.br/port/historia.

Bandeira de Melo, dono dos Diários Associados, cadeia de jornais e emissora de rádio, realiza seu maior sonho, inaugura a TV Tupi de São Paulo, PRF-3. Foi o próprio Chateaubriand quem importou duzentos aparelhos de TV e os espalhou pela cidade. O primeiro programa fez sucesso, porém as pessoas envolvidas tiveram problemas para manter uma programação diária. Chateaubriand era um homem de visão, embora o Brasil não produzisse aparelhos de TV e não ter público, ele conseguiu vender um ano de espaço publicitário de televisão para empresas consolidadas no mercado brasileiro, a Sul América de Seguros, Antártica, Moinho Santista e as Empresas Pignatari (Prata Wolf). (VALIM, 1998)

No ano seguinte, em 1951, já existiam, aproximadamente, sete mil aparelhos de televisão entre São Paulo e Rio de Janeiro. Algumas agências de publicidade americanas, instaladas no Brasil, passam a usar a TV brasileira como veículo publicitário. Nos primeiros anos, esses patrocinadores determinam os programas que devem ser produzidos e veiculados, além de contratar diretamente os artistas e produtores. Em 1959, o Governo promulga a primeira legislação regulamentando a censura de TV no Brasil.(idem, 1998)

Estudos realizados por Belloni (2001), Fischer (2002), Gadotti (1998), Orofino (2005) e Souza (2006) revelam que no Brasil, a televisão exerce forte influência na vida da maioria dos brasileiros, de todas as idades e classes sociais, porém, marca de forma determinante a grande massa da camada popular, que usam a televisão para entretenimento e se manterem atualizados sobre os acontecimentos do mundo contemporâneo. Além disso, Gadotti (1998) afirma que entre as várias mídias, a TV continua exercendo um papel formativo importante. Outra pesquisa aponta que quase todas as residências brasileiras possuem aparelhos de TV e mais de um receptor de rádio (SOUZA, 2006). Este autor afirma que as Organizações Globo são um dos maiores conglomerados de mídia do mundo e que a extensão de seu domínio sobre a audiência é um caso único em países formalmente democráticos.

Atualmente a discussão sobre a chegada da televisão digital no Brasil, ocupa espaço nos noticiários nacionais, porém, para a maioria dos telespectadores pouca coisa mudou, mas discutir como será a televisão no futuro, já faz parte de alguns encontros com pessoas envolvidas em estudos de mídia televisiva. Outros envolvidos com a produção televisiva opinam sobre a união da televisão com a Internet e suas possibilidades de interatividade, convergência, inclusão digital, alta definição e programação não linear, o que mudaria os hábitos dos telespectadores.

Uma das mídias mais populares desse novo século, o computador, tem sua origem registrada ainda na remota época dos povos primitivos. Aproximadamente no ano 2000 a. C., esses povos criaram um sistema de cálculos e numeração, que satisfazia as necessidades de

contagem daquela época. O que nos leva a conhecer um dos primeiros significados de computar, o mesmo que calcular. Ao longo da história da humanidade, foram desenvolvidos diversos sistemas de cálculos e numeração, cada vez mais eficientes. Muitos séculos depois, surgiu o ábaco, um instrumento simples, porém, capaz de calcular com eficiência e rapidez.

Durante séculos, a humanidade criou métodos e inventou máquinas capazes de realizar cálculos com mais rapidez. Por volta do século XVII, em 1614, o escocês John Napier, criou o cálculo do logaritmo. A partir desse cálculo William Oughtred, em 1620, desenvolveu a régua de cálculo. Em 1645, a máquina de Pascal, a calculadora de Leibniz, em 1672, o tear programável de Jacquard, em 1801.

A Teoria de Boole, em 1847, introduziu o conceito dos códigos binários. Boole ficou conhecido como o inventor da lógica matemática. Em 1890, Hollerith inventou um aparelho que usava os mesmos cartões idealizados por Jacquard, seu invento fez grande sucesso. Em 1896, Hollerith fundou a Tabulation Machine Company, que anos mais tarde, mudaria de nome e nasceria a famosa IBM (Internacional Business Machine).¹² A Teoria da Informação nasceu em 1948, inspirada na lógica booleana (1847), Shannon descobriu que havia semelhanças entre o princípio booleano de números binários com um circuito elétrico. O bit (binary digit) como ficou conhecido, foi tão bem recebido, que foi adotado ao sistema telefônico americano (IME-USP).

A história dos computadores se divide em cinco gerações distintas: 1ª Geração - tecnologia de válvulas (1940 - 1955). Em 1943, a IBM em parceria com a marinha Norte-Americana, construiu Mark I, um computador totalmente automático, com finalidade bélica. No auge da segunda Grande Guerra, em 1945, os britânicos criaram Colossus, com a finalidade de decifrar os códigos nazistas. Nesse mesmo período os americanos apresentavam o ENIAC (Eletronic Numerical Integrator and Calculator). Um computador com cem vezes mais memória interna que o ENIAC, com o mesmo tamanho de seu antecessor, porém com um diferencial, as instruções não eram passadas por fios e válvulas, e sim por um dispositivo eletrônico, o EDVAC, foi construído em 1949. Em 1951, construíram o UNIVAC I, foi o primeiro computador comercial da história, era bem menor que seus predecessores e recebia instruções de cartões magnéticos. O computador IBM650 criado em 1954, era indicado para resolver problemas comerciais e científicos, capaz de realizar em um segundo 1.300 somas e

¹² Disponível em: [www.baboo.com.br/absolutenm/anmviewer.asp? a=3591](http://www.baboo.com.br/absolutenm/anmviewer.asp?a=3591)).

100 multiplicações de números de dez dígitos.¹³ O início da 2ª Geração é marcada pela utilização do transistor (1955 - 1965). Em 1952, a Bell Laboratories inventava o transistor, a partir desse momento, surgiram muitos modelos de computadores devido à facilidade e praticidade do transistor. Os cálculos passaram a ser medidos de segundos para microssegundos. Os computadores utilizavam em geral as linguagens FORTRAN, COBOL ou ALGOL. O primeiro computador totalmente transistorizado foi o TRADIC. Outro modelo foi o IBM1401 e o IBM/TX-0, um modelo sofisticado que tinha um monitor de vídeo de alta qualidade. (idem)

A introdução dos circuitos integrados (transistores, resistores, diodos e outras variações de componentes eletrônicos miniaturizados e montados sobre um único chip), marca o início da 3ª Geração - os circuitos integrados (1965 - 1980). Uma nova linguagem foi desenvolvida a CPL. Um dos primeiros modelos dessa geração foi o Burroughs B-2500. O primeiro minicomputador comercial foi o PDP - 5, produzido pela DEC. Em seguida, surgiu o INTEL4004, o primeiro microprocessador (circuito integrado que contém todos os elementos de um computador num único local). Nessa mesma época foram lançados: IBM-PC, Lótus 1-2-3, Sinclair ZX81/ZX Spectrum, Osborne1 e os famosos IBM PC/XT, PC/XP (sistema operacional PC/MS-DOS, uma versão do MS-DOS desenvolvida para a IBM pela Microsoft) (Idem).

A 4ª Geração (1980 - 1990) era dos circuitos de larga escala (LSI - mil transistores por “chip”) e larguíssima escala (VLSI - cem mil transistores por “chip”). As linguagens mais utilizadas eram POLOG, FP, UNIX e o início da linguagem C. A popularização do uso dessa geração de computadores, cunhou o conceito de “PC”, ou “Personal Computer” (Computador Pessoal) (Idem).

Enfim, a 5ª Geração (1990 - Hoje) - Ultra Large Scale Integration, os microcomputadores iniciaram o processo de miniaturização, diminuindo drasticamente seu tamanho, aumentando a velocidade e a capacidade de processar seus dados, armazenar e de taxas de transferência. Recentemente foi rompida a barreira dos terabytes. Nos séculos anteriores entre uma novidade e outra, passavam-se dezenas de anos, hoje nem sempre chega um ano, já se fala em processadores quânticos, quando os limites da miniaturização do silício foram atingidos. Sabe-se que novas gerações estão por vir e que a evolução dos computadores deve continuar (Idem).

¹³ Disponível em: [www.baboo.com.br/absolutenm/anmviewer.asp? a=3591](http://www.baboo.com.br/absolutenm/anmviewer.asp?a=3591)).

Por fim, surge no final do século XX, a Internet, signo, imagem e som, todos numa só janela, aberta para qualquer parte que se deseje do nosso planeta. Informação, comunicação e interação, todos num mesmo aparelho, o computador. Segundo Castells (2003) a formação atual da Internet é recente, formada a partir de um browser (navegador),¹⁴ do World Wide Web¹⁵. O computador vem se tornando uma ferramenta cada vez mais importante para a comunicação. Hoje, a grande rede de computadores interligados, que formam a Internet pode ser usada para diversas finalidades. Para isso existem diversos tipos de serviços. Alguns desses serviços são muito populares, outros requerem conhecimentos específicos sendo utilizados por profissionais de computação e pesquisadores de universidades: WWW, E-MAIL, NEWSGROUPS, MSN, FTP e CHAT, entre outros.

A Internet como um todo, não tem um poder central ou um dono ou uma empresa encarregada de administrá-la. Cada rede individual conectada a Internet pode ser administrada por uma entidade governamental, uma empresa ou uma instituição educacional. Castells (2003, p.257) afirma que a Internet “se desenvolve a partir da interação entre a ciência, pesquisa universitária fundamental e os programas de pesquisa militar nos Estados Unidos”. Os produtores da tecnologia da Internet são seus usuários, num processo de realimentação, de retroação constante, compartilhando idéias e atualizando suas aplicações, assim se desenvolve a base da inovação tecnológica da Internet (Idem).

Atualmente a Internet na visão de Castells (2003), é um meio para tudo, sendo considerada mais que uma tecnologia, ela é um meio de comunicação, de interação e de organização social, pois interage com a sociedade, reorganizando o modo de se comunicar, de pensar e de agir dentro da sociedade.

Observando as argumentações de Castells (2003) sobre a Internet, pode-se concluir que o uso da Internet está crescendo cada vez mais, porém, não igualmente em todo mundo, visto que existem em algumas partes bolsões de pobreza, que impedem que todos igualmente compartilhem da mesma conectividade. Este autor cita a existência de outra divisória digital igualmente importante, a que o indivíduo precisa ter conhecimentos e capacidade suficiente para saber acessar a informação e transformá-la em conhecimento específico, e isso, está implícito na desigualdade social e ao nível de educação de cada indivíduo. Não basta ele estar

¹⁴ O Browser (navegador) é um programa utilizado para visualizar os sites na WEB. Existem diversos Browsers no mercado, os mais populares são o Netscape Navigator e o Microsoft Internet Explorer.

¹⁵ A WWW é também conhecida como WEB. Através da WWW podemos consultar páginas de HTML de todo mundo, que contém informações e imagens sobre ciências, tecnologia, arte, entretenimento, serviço, comércio, enfim praticamente todos os ramos de atividade da sociedade.

conectado. É preciso ter “capacidade de saber fazer com o que se aprende.” (CASTELLS, 2003, p.267).

As previsões feitas no passado, sobre o uso da Internet e suas conseqüências, a cada dia tem sido desmitificadas. Castells constata que hoje, as empresas têm capacidade de funcionar em rede, de articular diretamente o mercado, os insumos e provedores e a organização interna da empresa *online* em todas as tarefas. Para o autor a Internet possibilitou o desenvolvimento vertiginoso da transação financeira eletrônica, sem um lugar físico no espaço, como as bolsas eletrônicas Nasdaq, o Eurex, o Liffe e o Matif. (Idem, p. 269 e 270).

Castells (2003) conclui que atualmente, a Internet é o meio de comunicação que constitui a forma organizativa de nossas sociedades, e mais, ela não é simplesmente uma tecnologia, porém, é o coração de um novo paradigma sócio-técnico, que transforma virtualidade em realidade, constituindo o mundo em que vivemos em uma sociedade em rede.

Nessa mesma ótica, nas palavras de Silva (2003), a Internet é um oceano de informações, pois através dela a linguagem assume novos caminhos, circulando virtualmente com “novos valores, saberes e conhecimentos, sistematizados ou não”. Para o autor a *web*, propicia modos diferenciados de interação entre muitas pessoas. O autor afirma ser notório que atualmente diversas pessoas têm sua comunicação mediada por computadores, como constatou um importante jornal através de uma crônica.¹⁶ “Jamais, em tempo algum, o brasileiro escreveu tanto. E se comunicou tanto. E leu tanto. E amou tanto.”

Podemos deduzir que a sociedade necessita buscar novas significações entre Cultura, Educação e Tecnologias, numa tentativa de se resgatar o ideal de Educação comprometido com os valores que constituem a humanidade (PERROTTI, 2006). Hoje, a mídia tornou-se um espaço privilegiado na construção social de sujeitos dentro da sociedade, pois a televisão, o jornal, o rádio, a Internet, entre outros, segundo Fischer (2002) também participam decisivamente nessa construção, com eles também aprendemos através da experiência diária os modos de ser e estar nesse mundo.

Concordamos com Libâneo (2006, p.23) quando descreve a escola de seus sonhos, como sendo aquela que cumpre seu papel social, assegurando a todos uma sólida “formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações”. O autor afirma que desse modo a escola contribui na formação de cidadãos participantes em todas as

¹⁶ Esta crônica foi publicada no dia 20 de setembro de 2001, no Caderno 2 do jornal O Estado de São Paulo. Ela foi enviada via e-mail a Silva (2003) e citada no livro A leitura nos oceanos da Internet. A versão eletrônica pode ser obtida no endereço <http://www.estado.estadao.com.br/columnistas/prata/2000/09/prata000920.html#>.

instâncias sociais, cumprindo as exigências da sociedade contemporânea, no que diz respeito a uma “maior competência reflexiva, interação crítica com as mídias e multimídias, conjunção da escola com outros universos culturais, conhecimento e uso da informática, formação continuada (aprender a aprender), capacidade de diálogo e comunicação com os outros” (Idem).

Nas palavras de Libâneo (2006, p. 25) a função atual escola, dever ser a de ajudar o aluno a reordenar e reestruturar as informações, que chegam até ele de forma fragmentada e desordenada, dotando o aluno de meios para aprender a atribuir significados às mensagens e informações, que chega até ele através da televisão, do rádio, do jornal, do livro didático, do vídeo e da internet. Assim o aluno busca analisar criticamente seu conteúdo, dando a elas um significado pessoal.

Entende-se que educar também é contribuir, para que os cidadãos percebam que a aprendizagem é um processo permanente em suas vidas. Por conseguinte, nas palavras de Moran (2000) só educamos de verdade quando também aprendemos com aquilo que nos envolvemos, seja pela experiência, pelo compartilhamento, pelos nossos sonhos ou através dos nossos cinco sentidos e em todos os lugares em que vivemos.

Moran (2000, p.13) sustenta que educar:

É ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional - do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e profissionais e tornarem-se cidadãos realizados e produtivos.

3.3 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS MÍDIAS

A Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, em 1993, passou a contar com o suporte da MULTIRIO, uma empresa de MULTIMEIOS criada pela Lei Municipal nº 2.029, em outubro de 1993. De acordo com a sua fundadora e presidente, a Professora Regina de Assis, a MULTIRIO tem a finalidade de prestar assessoria às secretarias da Prefeitura do Rio de Janeiro, no que diz respeito às relações entre mídia e educação.

As aquisições de produtos e relações internacionais, de integração com a rede de escolas do município do Rio de Janeiro e da Assessoria Jurídica, assim como, a Comunicação Social e a Ouvidoria, são ocupações das assessorias da presidência da MULTIRIO. Sua equipe diversificada conta com profissionais de diferentes áreas acadêmicas, professores,

artistas, desenhistas, jornalistas, entre outros mais, que trabalham em conjunto para produzir mídias impressas, audiovisuais, eletrônicas, entre outras mais.

A MULTIRIO é parte integrante da Secretaria Municipal de Educação (SME), desenvolvendo com este órgão municipal, um trabalho em conjunto, na perspectiva de articular as ações de seus três núcleos de produção: Televisão, rádio e cinema; tecnologias da Informação e publicações junto à SME. É uma empresa voltada para a produção e veiculação de diferentes mídias, promovendo a reflexão sobre a mediação mídia, escola, professores e alunos.

Sua ação considerada pioneira, busca interagir com as escolas municipais da Cidade do Rio de Janeiro, desenvolvendo projetos com alunos e professores, nas diferentes linguagens midiáticas, contribuindo desta forma para que tenham o direito de educar “*pela, para e com* a mídia¹⁷” (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 2006, p.16) atendendo a proposição da MULTIEDUCAÇÃO, que diz: “A nova realidade tecnológica e cultural cria, constantemente, novos desafios e, com eles, a exigência de uma visão mais crítica e ampliada dos recursos que estão à volta de todos nós, adultos e crianças, dando nova ordem ao tempo e espaço em que vivemos” (idem, 1996, p.132).

Essa atitude inovadora tem produzido resultados em diversas instâncias, a saber, programas na televisão (aberta e canal pago), onde são discutidos diferentes temas, assim como, os quadros: Aventuras Cariocas; Rio, a Cidade e Encontros com a Mídia; a Revista Nós da Escola, que é um complemento pedagógico para todos os professores da Rede; Encarte da Revista “Gira Mundo”; Cartaz produzido mensalmente contendo diferentes assuntos; Caderno do Professor; Kit da Educação Infantil; Kit da Educação Especial; a Série JURO QUE VI criação da equipe da MULTIRIO com a colaboração de alunos da Rede Municipal, sobre as lendas brasileira: O boto - cor-de-rosa, A Iara, Matinta-Pereira e o Saci; o Rio Mídia, um site com artigos, entrevistas e diversas produções e indicações e, o Centro Internacional de Referências em Mídia para Crianças e Adolescentes; o Projeto MONITOMANIA, um projeto de monitoria com alunos do 6º ao 9º ano, do Ensino Fundamental.

A MULTIRIO patrocina e participa de importantes eventos na esfera da Mídia, como o Anima Múndi e a 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, realizada em 2004, na Cidade do Rio de Janeiro. Esses são apenas alguns exemplos da política pública, que a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro vem desenvolvendo, através da empresa MULTIRIO, investindo em mídias para a educação e cultura, viabilizando o acesso de

¹⁷ Grifos do autor

professores e alunos, às novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), contribuindo assim com o desenvolvimento de práticas pedagógicas midiáticas.

Em 2001, a MULTIRIO passou por um processo de reestruturação, quando foi criada a Diretoria de Mídia e Educação (DME). Sua principal função é coordenar projetos especiais, tais como, o Século XXI, que compreende um site e materiais de apoio voltados para as práticas pedagógicas de professores do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, atividades de animação para crianças de 4 a 10 anos, Carta Animada pela Paz e Juro que Vi (ASSIS, 2008).

O Governo Federal, através do MEC, há várias décadas vem implantando diversos programas, visando atender à formação em serviço dos profissionais da educação, das escolas de todo o país. Atualmente vêm intensificando os projetos que visam a discussão sobre o uso de mídias na educação. Dentre eles podemos citar, o Programa Salto para o Futuro, da TVESCOLA, que tem como proposta, analisar as mídias com maior potencial de uso pedagógico. Em 1996, foi elaborado o curso TV na escola e os Desafios de Hoje, o MEC, através da recém-criada SEED, lançou nacionalmente o programa TV Escola, cujo objetivo era a qualidade da educação, focado na capacitação de alunos, professores e gestores, quanto ao uso crítico e criativo da televisão e vídeo.

Outras propostas têm sido colocadas em prática, pelo Governo, como é o caso da distribuição de recursos materiais para as escolas de Educação Básica, por todo o país. Já foram distribuídos aparelhos de TV, de DVD, caixas com 50 CDs, contendo os mais diversos temas sobre educação. Recentemente houve o repasse de verbas para os governos estaduais e municipais, para a compra de notebooks, para todos os professores e equipe extraclasse das escolas públicas, embora ainda não tenha chegado a todas as escolas.¹⁸

A questão é que, apesar de todo o esforço, uma parcela significativa dos professores, ainda não conseguiu conciliar o tempo entre seus afazeres e os cursos oferecidos pelo Governo. Não participando das atualizações, os professores acabam por ter seus conhecimentos defasados, e por que não dizer ultrapassados, pois a cada dia surgem novas maneiras de aprender e de ensinar.

¹⁸ Disponível: em WWW.tvebrasil.com.br/salto/boletins2006/dme/061127midiaeducacao.

CAPÍTULO 4

ASPECTOS TEÓRICOS

4.1 O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

Projetar como já foi dito anteriormente é antever um futuro diferente do presente, tendo em vista que ao planejar novos rumos, o indivíduo deseja alcançar resultados diferentes daqueles que ele tem no presente. De acordo com Ferreira (1975, p.1.144 apud VEIGA, 1995, p.12) “No sentido etimológico, o termo projeto vem do latim *projectu*, particípio passado do verbo *projicere*, que significa lançar para diante. Plano, intento, desígnio. Empresa, empreendimento. Redação provisória de lei. Plano geral de edificações”.

O planejamento, segundo a visão de Gandin; Gandin (1999) é um processo natural ao ser humano. É idealizar uma situação e agir para concretizá-la, ou seja, para transformá-la em realidade. Em relação ao pensamento desses autores (1999, p.38), “o planejamento é o processo de transformar idéias em ação”. Os autores citados explicam que para intervir na realidade, precisamos antes de idéias (o que queremos) e de planejamento (o que e como fazer).

A essas concepções, acrescentamos as palavras de Freire (2008, p.84):

A prática exige também seu planejamento. Planejar a prática significa ter uma idéia clara dos objetivos que queremos alcançar com ela. Significa ter um conhecimento das condições em que vamos atuar dos instrumentos e dos meios de que dispomos. Planejar a prática significa também saber com quem contamos para executá-la. Planejar significa prever os prazos, os diferentes momentos da ação que deve estar sempre sendo avaliada. Podemos planejar em curto prazo, em médio prazo e em longo prazo.

Na visão de Veiga (1998, p.11) o PPP é um documento que traduz as expectativas da escola, não deve servir apenas aos propósitos de alguns membros isolados, pois ele pertence a todos os membros da comunidade escolar. A autora completa seu pensamento afirmando que o PPP, resulta da discussão sobre a realidade atual da escola e aquela que se deseja alcançar, observando o contexto na qual a escola encontra-se inserida. Para a autora, o PPP é “a própria organização do trabalho da escola como um todo” (VEIGA, 1995, p.11)

Nessa perspectiva, é importante a escola conceber o PPP, como eixo central da organização do trabalho que ela pretende desenvolver, no PPP devem estar contemplados, a

identidade da escola, as inquietudes e anseios de todos os membros da comunidade escolar, portanto, deverá ser construído coletivamente, direcionando todas as ações educativas da escola, explicitando claramente seus objetivos, os fundamentos teórico-metodológicos, o tipo de organização e as formas de implantação e avaliação.

Para Veiga (1996) o PPP deve ser considerado como um processo permanente de reflexão e discussão dos problemas que atingem a escola, visando alcançar soluções possíveis para a efetivação de sua finalidade.

Destacamos a definição do Ministério da Educação francês, apud Neves (1995, p.112), eles assim descrevem o significado de um projeto da escola:

Quadro 1- O que é projeto da escola e o que não é projeto.

O QUE É UM PROJETO DA ESCOLA	O QUE NÃO É UM PROJETO DA ESCOLA
A colocação em prática dos objetivos nacionais, levando em conta as situações locais e as necessidades específicas da clientela.	Um simples cardápio atraente proposto aos alunos e pais vistos unicamente como consumidores.
Um conjunto de objetivos concretos e realistas.	Uma carta de intenções ou um manifesto cujo caráter abstrato torna impossível qualquer implantação ou avaliação.
Um plano preciso de ações coerentes, articuladas entre si, reunidas em torno de objetivos e cujos efeitos são avaliáveis.	Ações esparsas ou manifestações mais ou menos justapostas, sem nenhuma coerência.
O trabalho de uma equipe responsável decida a trabalhar em conjunto.	A reflexão de um só responsável hierárquico ou de um grupo restrito.
Um programa plurianual, um calendário com uma programação e prazos precisos para cada fase.	Uma ação efêmera sem nenhuma precisão de data ou duração.
Um conjunto de ações concebidas para os alunos e, se possível, com eles.	Uma simples formalidade administrativa.

Definido desta forma clara e objetiva, o PPP passa a ser entendido como sendo um processo essencial, para a organização das ações desenvolvidas na escola, assim sendo valorizado por seus princípios norteadores.

4.1.1 A construção do projeto político-pedagógico

A construção de um PPP nasce da necessidade de mudanças na realidade da escola, da correção de rumos, para tanto, o planejamento do que é possível ser feito pela escola, precisa estar de acordo com suas necessidades, a escolha das prioridades ajuda a definir os caminhos que a escola deve seguir. O PPP é um documento essencial, pois ele pode auxiliar na identificação da situação atual da escola e na projeção daquela que se quer alcançar. Ao buscar compreender o contexto onde se vive, ou seja, superando a visão fragmentada da realidade, observando e conhecendo bem a comunidade, achando detalhes, buscando encontrar soluções, para diminuir os possíveis pontos de conflitos existentes.

Assim, é relevante buscar uma gestão integrada ao PPP, discutindo o que fazer para melhorar a qualidade do ensino oferecido pela escola, através da abertura para o diálogo. A escola precisa saber onde se encontra e para onde quer ir, mas, sozinha ela não conseguirá mudar nenhuma situação. Para haver mudanças, a escola precisa buscar a parceria da comunidade e, esta deve se sentir sujeito participe da construção do PPP, pois quanto mais o sujeito se sentir incluído, mais se sentirá responsável pela execução, avaliação e sucesso do PPP da sua escola.

Veiga (1998, p.11) define as características, que um projeto pedagógico de qualidade, deve apresentar em sua elaboração:

- (a) Ser um processo participativo de decisões; (b) Preocupar em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que desvele os conflitos e as contradições; (c) Explicitar princípios baseados na autonomia da escola, na solidariedade entre seus agentes educativos e no estímulo à participação de todos no projeto comum e coletivo; (d) Conter opções explícitas na direção da superação de problemas, no decorrer do trabalho educativo voltado para uma realidade específica; (e) Explicitar o compromisso com a formação do cidadão.

Ainda de acordo com a visão de Veiga (1995, p.12), “o projeto político-pedagógico vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas”. A autora afirma que “o projeto não é algo construído e em seguida arquivado ou encaminhado às autoridades educacionais como prova do cumprimento de tarefas burocráticas. Ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola” (idem, p.13). Desta forma, os sujeitos participantes se tornam co-responsáveis, pelo prosseguimento de todas as etapas que envolvem o PPP da escola.

No que diz respeito à execução, para Veiga (1998, p.11) um projeto é de qualidade quando:

(a) Nasce da própria realidade, tendo como suporte a explicitação das causas dos problemas e das situações nas quais tais problemas aparecem; (b) É exequível e prevê as condições necessárias ao desenvolvimento e à avaliação; (c) Implica a ação articulada de todos os envolvidos com a realidade da escola; (d) É construído continuamente, pois, como produto, é também processo, incorporando ambos numa interação possível.

Veiga (1995, p.22) explica que: "A construção do PPP parte dos princípios de igualdade, qualidade, liberdade, gestão democrática e valorização do magistério". Nesse sentido, a escola ao construir seu PPP, possivelmente passará pela reflexão de cada um desses princípios, na intenção de reorganizar sua estrutura, no sentido de diminuir os conflitos existentes, a fragmentação do trabalho pedagógico, as relações de trabalho, entre outras tantas necessidades que a escola supostamente detectará durante esse processo.

Figura 1¹⁹ – Os sete elementos básicos na constituição de um projeto político-pedagógico.



¹⁹ Figura inspirada nas palavras de Veiga, 1995, p.22

Observamos nessa figura que na construção do PPP, cada um dos elementos básicos constitutivos da organização do trabalho escolar, traz contribuições importantes (idem).

Ao elaborar seu PPP, a escola deve definir claramente que finalidades ela pretende alcançar, quais os objetivos reais da escola, que ações ela desenvolverá para atingi-los. Além disso, ao analisar e compreender a estrutura organizacional, a escola aumenta o nível de conhecimento das questões, nas esferas administrativa e pedagógica. Outro elemento de fundamental importância, de acordo com Veiga (1995, p.26) “o currículo é uma construção social do conhecimento”, a sistematização dos conhecimentos historicamente constituídos passa pelo currículo. O currículo não deve estar alheio ao contexto social, histórico e cultural.

Há também a organização do trabalho escolar determinado pelo tempo e, orientado pelo calendário letivo, através da distribuição do tempo se determinam as horas-aulas, ou seja, o horário de cada disciplina, os intervalos, a hora da merenda, os dias de centros de estudos, de conselhos de classe, avaliações, cursos etc. Nas palavras de Veiga (1995), o tempo ritualiza as relações dentro da escola, sendo necessário tempo para a escola entender o PPP como reflexão do seu cotidiano, tempo para reorganizar suas ações e tempo para a consolidação do PPP. Nesse sentido, Gadotti (1998) afirma que a noção de projeto implica, sobretudo em tempo: político, institucional, escolar e para amadurecer as idéias.

O poder de tomar decisões na escola atende a uma estrutura administrativa, e a organização formal, que detém o poder de decisão. Novamente afirmamos que para atender as finalidades da escola, tem que haver a participação de todos os envolvidos neste processo.

Quanto às relações de trabalho, estas deverão estar alicerçadas em “atitudes de solidariedade, de reciprocidade e de participação coletiva” (VEIGA, 1995, p.31). A autora a esse respeito afirma que nas relações de trabalho, há uma correlação de forças, originando conflitos, tensões e rupturas, propiciando assim, a construção de novas formas de relação de trabalho (idem, p.31).

Por fim, no que se refere à avaliação, segundo Veiga (1995), avaliar o PPP é avaliar a própria organização do trabalho da escola e as relações que nela ocorrem, oferecendo suportes ao PPP. Para a autora, o processo de avaliação envolve três momentos distintos: “a descrição e a problematização da realidade escolar, a compreensão crítica da realidade descrita e problematizada e a proposição de alternativas de ação, certamente um momento de criação coletiva” (idem, p.32)

Construir um projeto político-pedagógico inovador, como acreditamos que deva ser construído, requer um cuidadoso “desenho”, conforme ressalta Jorge (1996, p.39), pois segundo Veiga (1998) é ele que mostra o que vai ser feito, quando, de que maneira e por

quem, para chegar aos resultados desejados. Na elaboração de um projeto supõe-se a existência de uma proposta de aprender na prática, de se expor com maior clareza o objetivo que se quer alcançar, considerando que o importante, hoje, não é dominar um conhecimento, mas “aprender a aprender” (VASCONCELLOS, 2000, p.141).

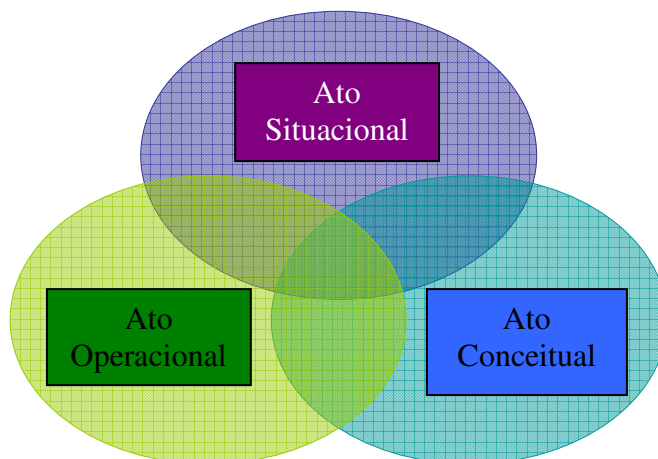
Desta forma, de acordo com a proposição de Gandin; Gandin (1999) existem quatro passos para a elaboração, a execução e a avaliação de uma “proposta pedagógica”, são eles:

Perceber problema(s) em qualquer dimensão ou em qualquer nível, mesmo não sendo suficiente, é indispensável para mover as pessoas ao esforço de transformar alguma realidade; (2) Produzir uma proposta ideal de superação dos problemas (PPP); ou seja, refletir e elaborar o PPP, quais idéias possibilitariam ações para mudanças na atual realidade. Desse modo, o projeto político exposto através dos resultados finais a serem alcançados, os princípios, os valores sociais, ou ainda a finalidade a que se propõe a escola e o projeto pedagógico, a intermediação da escola entre o ideal e a realidade, que ações a escola indica para alcançar os resultados almejados; (3) Avaliar a própria prática e a realidade circundante, confrontando-as com os objetivos estabelecidos, buscando as possíveis causas do que está impossibilitando a escola de alcançar seu objetivo final, descobrindo os pontos de apoio para a superação das falhas existentes; (4) Estabelecer a duração do tempo para a execução das ações, que possam satisfazer as necessidades, aproximando da realidade o ideal proposto pela escola. (GANDIN; GANDIN, 1999, p. 27-29)

Percebemos a importância da ação coletiva em cada um desses passos, pois a escola possivelmente só conseguirá construir uma autonomia satisfatória, se agir coletivamente, ou seja, com a participação efetiva de seus membros. Participar pode ser a garantia da efetivação da autonomia, pois diante das inúmeras situações da escola, será necessário que cada unidade escolar observe sua própria realidade, procurando os elementos que se fizerem necessários para a elaboração do seu PPP, buscando de forma consciente as questões que a afligem e a realidade que almeja alcançar, assim como as ações que se propõem por em prática, trabalhando de forma criteriosa e crítica, buscando possíveis soluções.

O objetivo almejado pela escola, as relações que ela deseja que sejam concretizadas em seu cotidiano, segundo Gandin; Gandin (1999) já deveriam ser vividas no próprio processo de elaboração do PPP. Paralelamente, Veiga (1998, p.9) afirma que existem vários caminhos para a construção de um PPP, que devem ser marcados por três fases bem distintas, mas ela ressalta que estas fases são interdependentes, como podemos observar na figura elaborada a partir das afirmações de Veiga (1998, p.23-29):

Figura 2 – As três fases de construção do Projeto Político-Pedagógico (PPP)



Na primeira fase, *o ato situacional*, a escola procura descobrir sua “realidade sociopolítica, econômica, educacional e ocupacional” (VEIGA, 1998, p.24). Ainda de acordo com essa autora isso implica levantar questões, tais como: Percepção da sociedade atual, realidade da escola em todos os seus aspectos, dados demográficos, clientela e suas características socioeconômicas, cultural e educacional, o papel da escola nessa realidade, as relações entre a escola e o mundo do trabalho, principais questões pedagógicas, quais são as prioridades da escola? Suas alternativas para superar os problemas levantados.

Na segunda fase, *o ato conceitual*, segundo Veiga (idem) a escola deverá rever suas concepções a respeito dos alunos que quer formar, para qual sociedade, que experiências os alunos deverão vivenciar para melhor atingirem os objetivos, quais as decisões, o que significa para a comunidade escolar elaborar um PPP como prática social coletiva? Será que a comunidade tem formada essa concepção? Que mensagem a escola passa para a comunidade? Qual referencial teórico deverá ser adotado para fundamentar a proposta. Durante todo o processo, a escola deverá rever os eixos norteadores do PPP, vistos anteriormente.

Na terceira e última fase, *o ato operacional* orienta como a escola desenvolverá as ações para a transformação da realidade atual para a que foi planejada? O que será preciso alterar? Quais são as decisões a serem tomadas? Qual o tipo de gestão? Qual o papel de cada

sujeito? Quais são os recursos de que dispõe a escola? Estes questionamentos orientam a escola na tomada de decisões. (VEIGA, 1998, p. 26)

Quanto à elaboração do PPP coletivamente, deverá ser feito de forma consciente, revendo a atual realidade, planejando criticamente que medidas deverão ser tomadas, para efetivamente transformar numa escola de todos para todos. Ou seja, somente após um minucioso levantamento de todos esses aspectos, a escola poderá propor soluções que resolvam as questões e reconduzam suas ações. No cotidiano aprendemos tudo que sabemos e somos. Fazer um levantamento do que acontece e como agimos no cotidiano, é uma forma de refletirmos e reeducarmos, eliminando as fórmulas prontas e rígidas, ou seja, devemos refletir sobre os valores que circulam na escola, que conceitos nós temos a respeito de determinados temas.

Sendo o PPP “fruto de reflexão e investigação”, portanto, ele deve refletir a identidade da escola, e todos os membros da comunidade escolar, devem ter garantido o seu espaço de participação. Discutindo, refletindo, contribuindo de alguma forma para a transformação de idéias em ações, com possíveis resultados satisfatórios no âmbito escolar e isso implica em “conhecer todas as limitações de atuação da escola, assim como , reconhecer a existência e a importância de outras agências educadoras” (GANDIN; GANDIN, 1999, p.70).

Quanto à legislação, a Lei N°9394, de 20-12-1996, que fundamenta a “proposta pedagógica” das escolas, prevê em seus artigos 13 e 14, que ela seja feita de forma participativa, por todos os membros da comunidade escolar, ou seja, professores, equipe técnico-administrativa, especialistas em educação e responsáveis pelos alunos, são os indivíduos responsáveis pela elaboração coletiva do PPP.

A elaboração de um PPP por ser um processo complexo, exige que os membros participantes tenham conhecimentos sobre o referencial teórico, que formarão a base de sustentação de sua finalidade educacional; a legislação educacional vigente, que fundamenta legalmente seu funcionamento; a compreensão dos principais elementos que compõem o PPP, no que diz respeito às questões metodológicas (planejamento) e de conteúdos (idéias, saberes), assim como, à sua execução e à avaliação do planejado. (GANDIN; GANDIN, 1999)

Nesta mesma ótica, Gadotti (1998) afirma que um PPP, não nega a realidade da escola, ou seja, a sua história, seu modo de vida, seu currículo, seus métodos, e membros envolvidos, pressupondo que a partir dessa realidade, será instituída uma nova realidade.

Ainda de acordo com as palavras de Gadotti (1998), o PPP é um processo inconcluso, inacabado, uma etapa em direção a uma finalidade que permanece como horizonte da escola.

Para o autor o PPP está inserido num contexto marcado pela diversidade, onde cada escola é o resultado de um determinado processo de desenvolvimento. Nesse sentido, Gadotti (1998) alerta que a escola precisará de autonomia, para construir o PPP, para executá-lo e avaliá-lo.

Acreditamos que a qualidade de um projeto político pedagógico, em todas as suas etapas de construção, dependerá do grau de envolvimento da comunidade escolar, pois ele deverá ser o resultado do esforço coletivo, para mudar uma determinada realidade, oferecendo soluções para os possíveis conflitos existentes na escola, reorganizando o trabalho pedagógico e dinamizando as interações ocorridas no cotidiano escolar.

4.1.2 A metodologia de projetos no NCB-MULTIEDUCAÇÃO

A discussão sobre Pedagogia de Projetos e sua importância para o processo ensino-aprendizagem, vem desde o século XX. Seu marco teórico surgiu no início do século com John Dewey, um educador norte-americano, cuja concepção de educação era a de que os educadores devem preparar os alunos, para a vida de hoje e não para o futuro. A escola através de atividades diversificadas deve gerar situações de aprendizagem, que conduzam o aluno à construção de conhecimentos para serem utilizados em seu cotidiano.

Encontramos no NCB-MULTIEDUCAÇÃO (1996, p.95) uma citação do pensamento de Freire sobre educação que reforça o ideal de Dewey: “O futuro não é uma coisa escondida na esquina. O futuro a gente constrói no presente”. Ou seja, ensinar para a vida, valorizando o conhecimento que o aluno traz para a escola, sua vida, seu cotidiano, sua fala, seu olhar do mundo. Nesse sentido, o professor atua como mediador da aprendizagem do aluno.

Acreditamos que trabalhar com projetos o ensino de situações reais, motiva o aluno, torna a aprendizagem mais dinâmica, possibilita o trabalho cooperativo, o aluno deixa de receber conhecimentos fragmentados e vivencia um conhecimento integrado ao seu mundo.

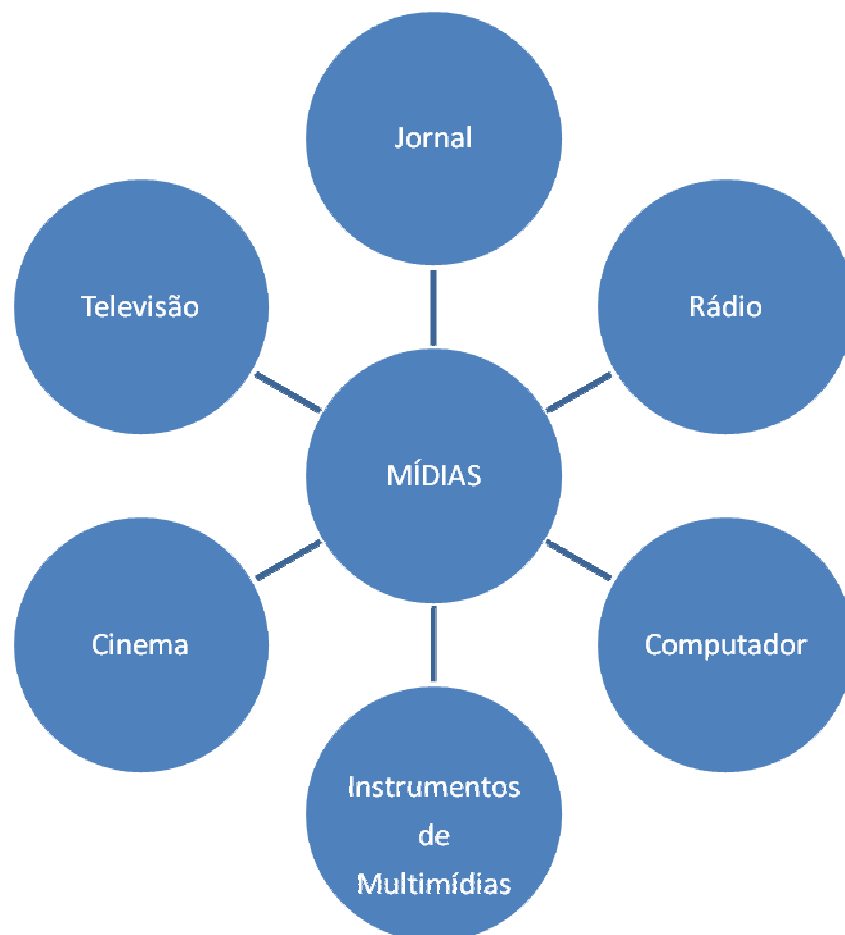
A Lei educacional brasileira, a LDBEN, de 1996, exige das escolas a elaboração de um projeto político pedagógico que defina a identidade, o objetivo e a metodologia adotada pela escola. Em atendimento a nova Lei de Diretrizes e Bases, uma nova postura pedagógica foi adotada pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, em 1996, através do NCB-MULTIEDUCAÇÃO, que utiliza como referencial teórico, autores como Freinet, Freire, Piaget e Vygotsky. Essa nova concepção de ensino, adotada pelas escolas da rede municipal do Rio de Janeiro encontra-se fundamentada principalmente na pedagogia sócio-histórica de Vygotsky (2007), nela é defendido um conhecimento construído socialmente dentro das relações sociais, ou seja, através do diálogo, das interações, da cooperação e da reflexão. É a

superação das aulas expositivas, procurando trazer para dentro da escola, elementos do cotidiano do aluno, estimulando o aluno a buscar conhecimentos concretos e reais, necessários para sua compreensão de mundo.

4.2 CONCEPÇÕES DE MÍDIAS: SIGNIFICADOS E DIVERGÊNCIAS

O termo mídia deriva do idioma inglês “media”, significando o conjunto de meios de informação e comunicação, utilizados na sociedade de conhecimento globalizado. Embora alguns autores brasileiros, utilizem o termo “meio de comunicação”, porém, a tradução não é unânime, ora mídia, ora meios, vários autores ainda divergem a esse respeito. Além do mais, o termo “*media*”, compreende os mais diversos meios de comunicação (FANTIN, 2006):

Figura 3 - Principais mídias do mundo contemporâneo.



A preferência de Belloni (2001) pelo termo “mídias”, se dá ao fato dele ser consagrado pelo uso mais corrente, além de ser mais conciso, segundo ela mesma afirma. Por essas razões aqui expostas, adotaremos nesta pesquisa, o termo “mídias”.

Em 1973, na primeira definição de mídia educação, proposta pela UNESCO, dizia que a capacidade de ensinar os meios é reconhecida pela especificidade escolar e não familiar ou de outras agências educativas.

Na língua inglesa *Media Education*, pode ser traduzida pelos termos: educação para os meios, mídia educação (ou educação para as mídias), que diz respeito à dimensão ‘ objeto de estudo’ e tem importância crescente no mundo da educação e da comunicação. Mas, no Brasil de acordo com Fantin (2006), não há consenso em sua definição, por conta da já citada dificuldade, encontrada na tradução semântica do termo inglês *media*.

4.2.1 As dimensões das mídias na educação

Ao propormos a discussão sobre o dimensionamento das mídias, no PPP das escolas públicas do Rio de Janeiro, assumimos a importância de se refletir à luz de novos paradigmas, buscando o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras, discutindo as implicações de novas tecnologias, no atual contexto mundial e por consequência seus reflexos no cotidiano escolar.

Ao abordarmos as mídias em suas várias dimensões, buscamos analisar as propostas contidas no fascículo MULTIEDUCAÇÃO Tema em Debate: Mídia e Educação (2006, p.16) ao assumir uma educação pela, para e com a mídia. De acordo com as propostas da SME, os professores e alunos passam a ter o direito a um novo paradigma educacional, que segundo os autores, é diretamente influenciado pela *dimensão mídia*.

Através da MULTIRIO²⁰, a Secretaria Municipal de Educação, desenvolve diversas ações direcionadas para a produção de diversas mídias, procurando possibilitar sua apropriação por parte dos professores e alunos.

Procuramos construir nossa reflexão sobre as dimensões da mídia na educação, buscando referencial no excelente trabalho realizado por Belloni (2005), o qual ela especifica as cinco diferentes dimensões da mídia-educação, a saber: (1ª dimensão) a concepção sócio-política da tecnologia, ou seja, uma abordagem sociológica da relação entre as TICs e outros

²⁰ MULTIRIO, Empresa Municipal de Mídias, criada pela Lei Municipal 2029, em outubro de 1993, desenvolve em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação, a produção e a compra de diversas mídias, para apoiar as práticas pedagógicas nas escolas municipais, da Cidade do Rio de Janeiro. (WWW.midiativa.org.br).

processos sociais, exemplificado por Belloni (2005) como educação, cultura, política, entre outros; (2ª dimensão) a abordagem da sociologia da infância, a compreensão dos diferentes usos e interpretações que os jovens fazem das mídias; (3ª dimensão) a integração das novas tecnologias aos processos educacionais; (4ª dimensão) mídias como objeto de estudo e reflexão, como tema transversal; e por fim a (5ª dimensão) como ferramenta pedagógica.

Por conseguinte, em relação à escola, ao observarmos as orientações de Veiga (1998) e Gadotti (1998), Gandin; Gandin (1999) e MEC (1996), para a elaboração de um PPP, percebemos ser este o momento propício, para a discussão sobre novas práticas pedagógicas, visando à integração das mídias na educação, em todas as suas dimensões: social, cultural, política, pedagógica e lúdica, entre tantas outras possibilidades.

4.2.1.1 A dimensão sócio-política

O NCB-MULTIEDUCAÇÃO (2005) propõe que os professores reflitam sobre algumas concepções que circulam no espaço escolar, dentre essas as mídias, suas linguagens e especificidades. Na dimensão sócio-política da TIC, a concepção de Belloni (2008) é a de que nós, professores, precisamos buscar compreender as relações que se estabelecem entre a tecnologia e os outros processos sociais, tais como, educação, cultura, política, entre outros, com o objetivo de se ofertar uma educação de qualidade, procurando favorecer o acesso e a inclusão de todos nesse processo de transformação da sociedade. Nessa mesma ótica, autores como Fantin (2006) e Gadotti (2005) afirmam que a sociedade atual se organiza cada vez mais a partir das mídias, portanto, o papel das mídias deve ser estudado melhor, para que seu uso no cotidiano escolar seja transdisciplinar, ou seja, rompa com as barreiras das disciplinas e supere a segmentação do conhecimento.

Admitindo a premissa de Gadotti (2005, p.22), de que “a relação entre a educação e comunicação é bastante complexa”, entende-se que a escola deve estar preparada para discutir sua realidade e fazer suas escolhas de forma consciente e crítica. Assim sendo, discutir e/ou estudar as mídias e seu impacto na atual sociedade, deve ser priorizado pela escola, de maneira que, a escola não seja apenas transmissora de conhecimentos, que são apenas fragmentos de uma possível realidade.

Paralelamente Gonçalves (2000, p.46) afirma que “pensada em sua dimensão de totalidade”, a realidade tem um caráter transdisciplinar. Este autor propõe que para melhor compreensão da realidade, precisamos reunir elementos que possibilite a “análise da realidade, dos problemas, das contradições e das possibilidades de superá-los”.

Percebemos que, sem uma formação para a compreensão crítica da mídia, do que é real, ou não, do que é verdadeiro ou não, das várias versões que podemos ter de determinados fatos. Em nada resolve trazer somente a temática sobre as mídias para a escola, e deixar por conta dos professores, acreditando inocentemente que a maioria é autodidata. Necessitamos de uma discussão profunda e responsável, sobre os conteúdos trazidos pelas mídias e também sobre a forma de transmissão desses conteúdos, iniciando por uma reflexão pessoal sobre a relação que cada um de nós estabelece com estes meios e condições para reflexão crítica das mensagens que circulam na mídia.

Em discurso proferido na primeira Conferência Nacional de Educação para a Mídia na África do Sul, Bob Ferguson (1991, p.19/20 apud PRINSLOO 2002, p.188) responde a questão “O que é a Educação Para a Mídia”:

Sugiro um compromisso de longo prazo com todas as formas de representações da mídia. Diz respeito à forma como as mensagens são reunidas, por quem e no interesse de quem. Diz respeito ao conceito de beleza e ao conceito de comum – com discussão sobre cultura ‘superior’ e ‘inferior’. Também diz respeito à forma de construir mensagens da mídia que são semelhantes às que estão agora disponíveis, e como construir mensagens diferentes; e a forma de adquirir habilidades de produção – do uso da caneta à utilização do gravador e da câmera. É um assunto que deveria estar na pauta de todos os professores e alunos e que não se presta a encontros de curta duração. (...) Pois, acima de tudo, a educação para a Mídia é um exame sem fim das formas como entendemos o mundo e das formas como os outros interpretam o mundo para nós. Antes de tudo, ela precisa ser genuinamente aberta e crítica.

Reforçando a postura expressada por Ferguson (1990), Belloni (2001, p.46), refere-se à educação para as mídias, dizendo que:

A escola tem condições teóricas e práticas de executar a tarefa de educação para as mídias, pois é responsável pela elaboração das aprendizagens e pela coerência da informação, a escola detém a legitimidade cultural e as condições práticas de ensinar a lucidez e a criticidade às novas gerações.

Desta forma, para Belloni (2005, p.9), a integração da mídia à escola pode se realizar em dois níveis: como instrumento pedagógico, fornecendo suporte para a melhoria da qualidade de ensino e como objeto de estudo, fornecendo meios para o domínio desta nova linguagem e a forma de expressão que eles introduzem no universo infantil, principalmente em relação à televisão.

Ratificamos que a utilização da mídia dentro do espaço escolar, depende do conhecimento que se tem sobre as formas de como utilizá-las, quando utilizá-las e por que

utilizá-las. Cabe à escola capacitar seus alunos e professores a fazerem das mídias um uso crítico e ativo.

4.2.1.2 A dimensão da sociologia da infância

É fato que o mundo vive em contínua transformação, alterando profundamente as relações que se estabelecem na sociedade e as percepções que temos de mundo.

Após a descoberta da palavra impressa, o mundo iniciou um processo que modificou a forma de se produzir, registrar e disseminar o conhecimento. Hoje, com a sociedade interconectada à rede, as mudanças acontecem mais rápido do que conseguimos assimilar e transformar em novos conhecimentos.

Parafrazeando Perrotti (2006), hoje, há muita informação, porém, com pouca significação, ou seja, informa-se muito, mas sem sentido, sem a produção de conhecimento. Ele cita como exemplo, a atual febre pelo celular, onde até as crianças pedem o aparelho, de presente, no lugar de brinquedos. Perrotti (2006, p.58) afirma que:

Nunca falamos tanto, nunca produzimos tanta informação, nunca tivemos acesso a tantos e tão diferentes assuntos com a rapidez que temos hoje, e tudo isso em escala planetária. No entanto, talvez nunca, também, tenhamos vivido uma época tão esvaziada de sentidos quanto à atual.

Atualmente, a sociedade procura alternativas para superar a séria crise em que vivemos, alguns autores falam em angústia, em estresse informacional. Canclini (2004), em palestra proferida na 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças, no Rio de Janeiro, afirma que há uma séria crise nas relações entre o público e os meios de comunicação, alerta que a mídia sozinha não conseguirá resolvê-la, para o autor será preciso uma transformação cultural na Educação que contribua para formar públicos, que acreditamos sejam críticos e conscientes. Canclini (2004) questiona as práticas pedagógicas nas escolas: *¿Por qué las escuelas siguen reduciendo la enseñanza de las artes a la plástica y la música? Insisten en entrenar a los niños solo para que se informen en libros y revistas cultas, no en la radio, la televisión y el cine.* Bastante pertinente a questão levantada por Canclini (2004): Por que as escolas seguem reduzindo o ensino das artes, das plásticas e da música? Insistem em treinar as crianças para que se informem em livros e revistas científicas, e não no rádio, na televisão e no cinema? (tradução livre).

Concordamos com este autor, por que não se discute as mensagens dessas diferentes linguagens? Quais são as dificuldades que ainda persistem, para se incluí-las no currículo

escolar, ampliando as possibilidades de acesso dos alunos das camadas populares a essas linguagens? Acreditamos que a escola precisa discutir essas questões com sua comunidade.

Canclini (2004) cita como exemplos a França e a Suécia, como uns dos poucos países que incorporaram o cinema em seu currículo como parte da Educação Artística. Segundo o autor urge o estabelecimento de uma política cultural para a Mídia, a fim de regular sua ação em função de interesses públicos.

Esta dimensão diz respeito à interação que as crianças e os jovens fazem das mídias, Belloni (2005) afirma que devemos priorizar a criança enquanto sujeito a ser educado. Para tanto, a autora argumenta que devemos atentar para o fato de que as mídias são meios poderosos de socialização e de controle social.

A escola precisa ficar atenta, pois o educando ao ingressar na escola, traz com ele uma gama de conhecimentos adquiridos no mundo, que não podem ser desconsiderados, a escola deve estar aberta aos acontecimentos do mundo.

4.2.1.3 A dimensão de integração das novas tecnologias aos processos educacionais

Os professores reclamam da falta de interesse de muitos de seus alunos, pelos conteúdos trabalhados em sala de aula. Belloni (2002) afirma que existe uma incomunicação entre os jovens e seus educadores. Para a autora este conflito deve-se à distância de saberes entre as novas gerações e as antigas. A escola ainda não valoriza as novas linguagens, valores e gostos assumidos pelos jovens. Belloni (2002) acredita que as mídias devem ser integradas aos processos educacionais, de modo crítico e criativo, desta forma minimizaria a perda de prestígio e de importância da escola contemporânea.

Especialistas de muitas áreas de conhecimento, segundo Belloni (2002), vêm discutindo em fóruns nacionais e internacionais, sobre este novo campo de conhecimento e de práticas pedagógicas. Faltam definir seus limites e critérios. Nas considerações da autora, duas vertentes de estudos vêm sendo delineadas, uma voltada para o uso das mídias como ferramenta de ensino e aprendizagem e a outra sobre trabalhos teóricos e práticos sobre os conteúdos das mídias.

4.2.1.4 A dimensão objeto de estudos

Na concepção de Belloni (2002), uma escola que queira trabalhar com mídia-educação, precisa problematizar e envolver as mídias como objeto de estudo, educando o

olhar e a percepção de alunos e professores, para entender as mensagens nas entrelinhas. Desenvolvendo ações voltadas para o estudo, reflexão e discussão sobre as mensagens midiáticas, possibilitando a apropriação crítica de alunos e professores leitores e autores de diferentes textos. Para tanto, se faz necessário a utilização de mídias, como jornais, telejornais, revistas, e outras mídias que trazem significações produzidas pela indústria cultural.

Nas palavras de Belloni (2005) as mídias (a televisão, entre outras) e suas mensagens, devem ser estudadas como conteúdo, da mesma forma que se estuda literatura. A autora constata que o número de crianças e adolescentes em frente à televisão, vem crescendo acentuadamente, elas passam mais tempo em frente à TV do que na escola. Belloni (idem) afirma que as formas e conteúdos das mensagens televisivas, correspondem à lógica da economia mundial, elas não têm objetivos educativos. Nesse sentido, ampliamos a questão para os conteúdos veiculados pela internet, que a cada dia surgem mensagens de conteúdos, bastantes duvidosos.

Nessa perspectiva, a escola pode promover discussões em torno de questões que permitam a alunos e professores exercitarem suas opiniões, formarem conhecimentos em relação aos conteúdos das produções de diferentes mídias. Qual a qualidade de determinada programação? Qual a diferença entre informação e comunicação? Deve existir censura em determinados horários? Por que algumas programações têm mais audiência que outras? Por que tanta publicidade dentro dos horários “nobres”?

4.2.1.5 A dimensão ferramenta pedagógica

A dimensão ferramenta, segundo Belloni (2005), diz respeito a integrar as mídias ao cotidiano escolar. Na visão da autora é, utilizá-la em diversas situações, criar, produzir conhecimento a partir da linguagem midiática. Por se tratar de um campo novo de conhecimento, bastante complexo e interdisciplinar, os professores e pesquisadores, de acordo com Belloni (2005) precisam ser capazes de realizar a integração das mídias ao cotidiano da escola.

Gadotti (1998, p.21) é outro autor que faz referência ao conhecimento interdisciplinar. O autor afirma que vem surgindo em diversos Estados brasileiros, um movimento histórico-cultural, que tem como eixos norteadores da escola cidadã: “a integração entre educação e cultura, escola e comunidade; assim como, o enfrentamento da questão da repetência e da avaliação; a visão interdisciplinar e transdisciplinar e a formação permanente de educadores”.

Ao estabelecer a diferença entre a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, Gadotti (1998) afirma que na interdisciplinaridade existe uma estreita relação entre as disciplinas e a transdisciplinaridade vai além da interação, superando as fronteiras existentes entre as disciplinas.

Cabe lembrar, que o documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) define a interdisciplinaridade como a dimensão que questiona a segmentação dos diferentes campos do conhecimento e a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola se constituiu.

Ao definir transdisciplinaridade, Morin (2002, p.36) afirma que de um lado estão “os saberes desunidos, divididos, compartimentados e, de outro, as realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários”. Concordamos com Morin (2002), quando ele afirma que, o conhecimento das informações ou dados isolados são insuficientes, pois os aspectos referentes à realidade tornam-se invisíveis para a educação. Fica assim evidente que, para a visão de mundo ter significado, a Educação necessita contextualizá-lo, ou no dizer de Morin (2002) torná-los evidentes.

O ser humano e a sociedade, na visão de Morin (2002), são multidimensionais, ou seja, comportam várias dimensões, sendo assim, para que a educação tenha sentido e o aluno construa seus conhecimentos, será preciso reconhecer esse caráter multidimensional.

4.3 MEDIAÇÕES MÍDIA-PROFESSOR-ALUNO

Atualmente a nova ordem mundial se estabelece através de múltiplas redes e conexões. Sendo assim, precisamos nos preparar para auxiliar o educando, em sua inclusão na “Era Digital”, através de uma educação dialógica, interativa, criativa e, sobretudo mais humana. Discutir as novas formas introduzidas pelas mídias de se ver o mundo e com ele se relacionar, buscando sua compreensão, revendo as possíveis falhas que mantêm a distância, entre as transformações ocorridas em nosso mundo e a sistematização destes saberes. Certamente facilitaram a reflexão sobre a necessidade de ressignificação do papel da escola e do professor, como mediadores e cooperadores, na aquisição desses novos conhecimentos.

A educação para a mídia implica em uma reformulação da atitude dos educadores que precisam aceitar que não são mais os únicos detentores do saber e que não existe mais uma única forma de ensinar e aprender. O professor compreendido como facilitador de

aprendizagens é um intermediário de saberes, praticando uma pedagogia ativa centrada no aluno e que tem um papel decisivo na construção do cidadão crítico e ativo.

Insistimos sobre a necessidade de se redefinir o papel do professor, mediante as novas tecnologias digitais, que trazem consigo uma infinidade de formas de aprender, sem que necessariamente se passe pela escola. De acordo com Lopes (2005) algumas indagações continuam a serem feitas. São necessários mais estudos para se desvelar como as novas tecnologias podem alterar ou não as relações entre o professor e seus alunos, o aluno e os conhecimentos, o professor e o conhecimento. Precisamos, assim, de uma nova educação. A autora afirma que há diversos caminhos para responder às questões que vêm emergindo diante desta nova realidade.

O uso das novas tecnologias, no parecer de Lopes (2005), continuará a valorizar a atenção, a capacidade de concentração, a organização do conhecimento. Porém, ela alerta que há outros aspectos mais essenciais a serem trabalhados pela escola, que exigirão a elaboração de uma nova abordagem teórica, centrada na valorização do conhecimento.

Na visão de Lopes (2005), as novas tecnologias favorecem as interações entre os indivíduos, fazendo surgir formas de aprender baseadas mais nos sentidos, sentimentos e emoções. Porém, de acordo com esta autora (2005), as mudanças exigem a superação de ações antagônicas e visões fragmentadas do conhecimento. A autora afirma que a maioria das escolas subutiliza a informática no processo pedagógico, como máquina de instrução programada, brinquedo divertido para troca de mensagens ou, em casos piores segundo ela, meio e fonte em pesquisas escolares que se restringem a copiar e colar artigos.

O primeiro desafio que a escola precisa enfrentar, de acordo com Lopes (2005), é assumir que está superada a visão da estrutura escolar baseada na transmissão da informação por parte do professor, na atitude receptiva do aluno e na utilização das tecnologias como ferramentas auxiliares. O segundo ponto a considerar é a que as tecnologias digitais (re) significam a aprendizagem em todas as suas dimensões. As escolas precisam construir novos ambientes de aprendizagens, pois as novas tecnologias necessitam de um espaço educacional que possibilitem o estabelecimento de redes de relações que promovam múltiplas formas de interação.

Apontando falhas nas correntes teóricas que embasam a educação, argumentando que elas podem não dar sustentabilidade a estas inovações. Lopes (2005) questiona se as teorias pedagógicas atuais sustentam este novo modo de aprendizagem construído pelas tecnologias digitais. O cenário educacional precisa ser (re) configurado, Lopes (2005) observa que o

homem só se constitui na coletividade, na valorização dos sentimentos, das emoções e do inconsciente, como garantia de uma aprendizagem prazerosa e criativa.

Citando Lévy, Lopes (idem) afirma que as tecnologias são uma linguagem mediadora entre o homem e as relações que ele estabelece com o mundo, e que as tecnologias digitais são as principais responsáveis pelas transformações sociais e culturais dentro da sociedade. Nesse sentido, os novos fundamentos do trabalho deste novo professor, deverão surgir no mesmo tempo que as mudanças começarem a ocorrer na escola.

Repensar o papel do professor como interface ativa, ou seja, comparando-o a uma tecnologia digital que permite a interação da forma mais transparente possível, é a proposta feita por Lopes (idem). O professor não pode ser aquele que impõe obstáculos ao aluno, mas sim aquele que facilita a caminhada, indica os caminhos, expandindo as possibilidades de aprender.

Em sua conclusão, Lopes (idem, p.52) argumenta que é preciso unir prazer e educação, aprendizagem e emoção e convida aos professores “a prazerosamente buscar estabelecer interações criativas e dinâmicas que contribuam para a construção de novos ambientes de aprendizagem mais coerentes com a dinâmica de um mundo complexo”.

Diante do exposto, concordamos com a visão de Fantin (2005), ao afirmar que cabe a educação decifrar a atual cultura e refletir as novas formas de mediação cultural.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DOS DADOS

Nas pesquisas qualitativas conforme os dados vão sendo coletados, o pesquisador vai procurando identificar temas e relações, construindo interpretações e gerando novas questões e/ou aperfeiçoando as anteriores, o que, por sua vez, o leva a buscar novos dados, complementares ou mais específicos, que testem suas interpretações, num processo de “sintonia fina” que vai até a análise final. (ALVES-MAZZOTTI; GEWASZDNAJDER, 1998).

Para analisar os dados coletados nas escolas-campo A e B, optamos pela análise de conteúdo, pois de acordo com Rizzini; Rabello e Sertor (1999, p. 92) “a Análise de Conteúdo nasceu com um pressuposto básico: os textos não são transparentes, pois dependendo da pessoa que o lê pode ter inúmeras interpretações. A Análise de Conteúdo pretende ser uma técnica de investigação de textos que permite ir além das aparências”.

No caso desta pesquisa, foi feito o levantamento dos PPP das escolas-campo, aplicamos questionários com perguntas fechadas, gravamos entrevistas que posteriormente foram transcritas para a sua análise, estabelecendo temas e sub-temas que emergiram da análise dos conteúdos transcritos das entrevistas e do levantamento documental dos projetos político-pedagógicos e dos Planos de Ações para 2008, das escolas-campo.

5.1 ANÁLISES DOS PROJETOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS

Conforme delineamos nos procedimentos metodológicos, solicitamos as cópias dos projetos político-pedagógicos e dos Planos de Ações para 2008, das escolas-campo A e B, procedendo com o que Bardin (2003, p.60) chamou de “leitura flutuante”, ou seja, o primeiro contato com a leitura dos projetos político-pedagógicos, buscando a princípio por idéias ou presenças que nos remetessem às respostas para nossos questionamentos.

Supondo que a elaboração do PPP deve partir dos princípios de igualdade, qualidade, liberdade, gestão democrática e valorização do magistério. A escola precisa refletir sobre esses princípios, buscar a reorganização do trabalho pedagógico, com a finalidade de superar a fragmentação da prática pedagógica. Para tanto, será de suma importância rever os elementos que constituem a organização da escola. (VEIGA, 1995, p.22-32) Conforme podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 2- Os sete elementos básicos na construção do Projeto político-pedagógico (PPP) ²¹

FINALIDADES DA ESCOLA	<ul style="list-style-type: none"> • A escola deve estabelecer como atingir sua finalidade cultural, política e social; • Os professores precisam conhecer com clareza as finalidades da escola; • A ação educativa desenvolvida pela escola, deve estar fundamentada nas finalidades e objetivos que ela definiu no PPP.
ESTRUTURA ORGANIZACIONAL	<ul style="list-style-type: none"> • Administrativa - O tipo de gestão, a estrutura física, os recursos materiais; • Pedagógica - Os pressupostos teóricos, as questões que afligem o ensino-aprendizagem.
CURRÍCULO	<ul style="list-style-type: none"> • A organização do conhecimento escolar; • Expressão da cultura, tanto a dominante, quanto à popular.
TEMPO ESCOLAR	<ul style="list-style-type: none"> • Previsão dos dias letivos, das férias, recessos, feriados, centros de estudos, conselhos de classe, cursos, eventos festivos ou pedagógicos; • Previsão do horário escolar, horas-aula semanais, número de aulas de cada disciplina, horário de entrada e saída, hora da merenda.
PROCESSO DE DECISÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Revisão das atribuições específicas e gerais; • Distribuição do poder; • Descentralização do processo de decisão; • Participação coletiva; • Processos eletivos de escolha de gestores; • Avaliação continuada dos serviços escolares.
RELAÇÕES DE TRABALHO	<ul style="list-style-type: none"> • Atitudes de solidariedade; • Reciprocidade; • Participação coletiva; • Articulação de práticas emancipatórias; • Comunicação dialógica.
AValiação	<ul style="list-style-type: none"> • Visão crítica; • Visão global; • Visão diagnóstica.

Procedendo a análise do PPP e do Plano de Ação 2008, da escola campo A, observamos que ela iniciou a estrutura do seu PPP, com uma breve análise histórica, o que Veiga (1998) chama de ato situacional. A escola descreveu sua realidade sócio-política, econômica e educacional, apontando para as dificuldades que enfrentam no cotidiano, tais

²¹ Síntese da análise dos sete elementos básicos, constitutivos da organização do trabalho pedagógico, na elaboração de um PPP. (VEIGA, 1995, p.22-32)

como, espaço físico antigo, não comportando adequadamente sua clientela; a utilização das dependências da escola por outras duas unidades escolares, o barulho a que são expostos diariamente seus alunos, por conta das salas de aula serem muito pequenas, grande diversidade do corpo discente, a maioria é formada por famílias de baixa renda e oriundas das comunidades que se formaram no entorno da escola.

O segundo item, intitulado justificativa do projeto, apresenta a finalidade e o papel da escola, nele a escola assume como sendo seu papel, dar continuidade à formação do cidadão. Demonstrou preocupação quanto aos alunos que apresentam problemas de auto-estima, desinteresse, agitação, questionamento de regras e conflitos próprios do período em que vive a adolescência. Caracterizou a gestão como democrática, que busca construir uma escola dinâmica, através das ações de seu diretor, professores e funcionários.

O terceiro item, fala de marco situacional, onde descreve a situação global, do Brasil e da América Latina, onde as pessoas convivem diariamente com situações de pobreza, violência, fome, narcotráfico e distribuição desigual de renda. Sinalizaram também alguns problemas críticos do nosso país, como a disputa por terras, as corrupções dos políticos, a crise da saúde e da segurança pública.

O item seguinte descreve o marco doutrinal, no qual a escola coloca suas pretensões, o desejo de contribuir para a formação de uma sociedade mais humana, fraterna, solidária, responsável, capaz, compromissada, criativa, transformadora, justa, democrática e plural. Na busca por uma sociedade mais inclusiva.

Encontramos no marco operativo, a primeira referência quanto ao uso de mídias, na escola. Nele a escola se propõe a buscar a formação de valores, através da participação em projetos internos e externos, reconhecendo que o uso das mídias é indispensável, e que a valorização das diversas linguagens e da cultura, colabora para que o aluno melhore sua auto-estima. Quanto às ações, a escola prioriza a leitura, o diálogo e a participação do aluno. Porém, não sinaliza de que forma organizará suas ações, quanto ao uso das mídias.

Quanto ao diagnóstico da escola, foi apontado que embora os alunos sejam em sua maioria considerados de baixa renda possuem celulares, MP3, tênis de marca, entre outros; muitas famílias são chefiadas por mulheres, e a escola tem percebido que o descrédito quanto à instituição tem crescido. Há um percentual significativo, de alunos que lêem, mas não compreendem, outros apresentam dificuldades em adquirir o código da leitura.

Os objetivos gerais, são em torno de cinco objetivos, no último item é apontado o desejo de se investir em infra-estrutura do laboratório e da sala de vídeo. Quanto aos objetivos

específicos, a escola pretende convocar as famílias para reuniões, palestras e oficinas, não houve citação sobre as mídias.

Encontramos como uma das metas da escola, a promoção da leitura de mundo, a escola estabelece como ações, parcerias com os meios de comunicações e outros órgãos que auxiliem a escola a mediar os conhecimentos e experiências de mundo, com análise crítica, tomada de postura e uso proveitoso dos conhecimentos acessíveis num mundo globalizado e na era da informação. Nesse sentido, procura oferecer subsídios como palestras, aulas-passeio, transportes, vídeos, teatros e exposições.

A outra meta citada foi a valorização dos trabalhos desenvolvidos, destacamos como ação interessante, fotografar e/ou filmar os eventos e atividades cotidianas, para a análise do grupo e sua posterior divulgação.

Na metodologia, o PPP da escola campo A, ao citar a sala de leitura, não especifica seu acervo, apenas o dispõe para o uso da comunidade escolar. Observamos que o acervo de uma sala de leitura, da rede municipal, não dispõe apenas de livros, mas também de televisão, vídeos, DVD, fitas, CDs, entre outros diversos recursos. O professor de sala de leitura recebe formação, para desenvolver projetos envolvendo as diversas mídias disponíveis na escola.

Quanto à parceria a escola cita o Jornal Extra; este ano procuraram desenvolver um trabalho, envolvendo as diversas disciplinas com o uso do jornal em sala de aula. Quanto aos últimos itens, é citado o centro de estudo para os professores: as escolas da rede municipal do Rio dispõem de um tempo de duas horas quinzenais, sempre na quarta-feira; a avaliação feita de forma diagnóstica e formativa, onde são sinalizadas as dificuldades dos alunos, durante o período letivo em questão; por fim, o conselho de classe (COC), onde é feita a reflexão sobre os resultados do desempenho de determinado período: a avaliação positiva e negativa e os registros do desempenho de alunos e professores.

O Plano de ação da escola campo A, de 2008, foi denominado: LEITURAÇÃO, este plano anual, buscou desenvolver um projeto que ampliasse o número de alunos capazes de ler e interpretar o que lêem, visto que, há um grande número de alunos com essas dificuldades.

Dentre os objetivos específicos deste PPP, destacamos aqueles que sinalizam a utilização das mídias, como ações pedagógicas: (a) promover atividades variadas de leitura e entendimento do que foi lido no cotidiano escolar, utilizando-se de diversas linguagens e mídias, para que os alunos ampliem suas habilidades e competências de ler e interpretar; (b) utilizar o jornal e outras mídias para promover ao aluno possibilidades de relacionar os conteúdos escolares à vida; (c) promover atividades de pesquisa, utilizando-se de diversas linguagens e mídias, para que os alunos ampliem suas habilidades e competências de

pesquisar; (d) pesquisar em jornais e outras mídias, para promover ao aluno a possibilidade de relacionar os conteúdos escolares à vida.

Das ações do coordenador pedagógico e da sala de leitura, destacamos (a) participar dos centros de estudos com temas de mídias, leitura de mundo entre outros; (b) participar das reuniões da parceria com o jornal Extra, junto com a sala de leitura e outro professor e dinamizar as informações; (c) procurar parcerias: MULTIRIO, SESC, CCBB, COMLURB, Guarda Municipal e Museu Nacional, entre outras.

Quanto às ações dos professores evidenciamos (a) o desenvolvimento da leitura, através dos conteúdos de suas disciplinas, buscando utilizar diferentes mídias e linguagens. O jornal deverá ser um grande aliado. (b) para a primeira mostra dos trabalhos desenvolvidos, cada sala de aula desenvolverá e apresentará uma temática, ligada ao trabalho feito em sala de aula. “Destacamos os da Sala H, dos professores de artes “Leitura, arte, mídia e vida” e da sala I, dos professores das diversas disciplinas do 2º e 3º Ciclo de Formação “O que eu leio na internet?”

Ao analisar o PPP da escola campo A, encontramos nos objetivos específicos e nas ações, algumas referências sobre as mídias e sua importância, indicando seu uso pelos professores. Porém, ao cruzarmos estes dados com as entrevistas, percebemos que ainda há muito que se refletir, discutir e estudar, sobre essa temática. Encontramos alguns professores ainda confusos, sem saber como lidar com inúmeros fios, cabos, aparelhos, como utilizar as mensagens de mídia em sala de aula, ou seja, como utilizá-la como objeto de estudo.

Outros professores apontam como obstáculos, a falta de tempo para se atualizarem, o número excessivo de alunos em sala de aula e a defasagem de conhecimentos. Alguns professores chegaram a sugerir que se procurasse investir mais em aparelhos para as salas de aulas, mas eles próprios reconheceram que apenas os aparelhos, não são uma garantia de apropriação pelos alunos e professores.

Na análise do PPP da escola campo B, percebemos que ele foi estruturado de outra forma, ou seja, as escolas da rede municipal do Rio de Janeiro, não têm uma estrutura igual, ao construírem o PPP de suas escolas. O histórico está com alguns dados mais completos, como data de formação da comunidade, forma de ocupação, levantamento do censo demográfico, de 2000, do IBGE. Nesse censo, Acari obteve um triste recorde, o último lugar em desenvolvimento humano.

Embora possua uma boa estrutura viária, pois é margeado pela Avenida Brasil, próxima à Avenida Martin Luther King, à estação do metrô de Coelho Neto e ao CEASA, a

maioria dos alunos dessa escola, são oriundos das comunidades carentes, que formam o bairro de Acari.

O PPP da escola campo B foi elaborado em 2004, de lá para cá, os professores a cada ano, procuram atualizá-lo elegendo temas geradores, que priorizam as tecnologias como ferramentas de trabalho, possibilitando a inclusão digital de toda a comunidade escolar. Já no diagnóstico da escola e a comunidade, há uma referência sobre o trabalho com as mídias.

A escola campo B começou a funcionar em 1985, porém só em 1986 aconteceu sua inauguração oficial. Desde a sua fundação, a escola atende aos alunos em horário integral e jovens e adultos em horário noturno.

O trabalho dessa escola está fundamentado nas correntes teóricas de Bourdieu, Freinet, Freire e Vygotsky, o mesmo referencial teórico do NCBMULTIEDUCAÇÃO. O PPP aponta como questão principal, a alfabetização de seus alunos. Para resolver essa questão, foi deliberado por todos, utilizarem como referencial, o método Freire de alfabetização. Para tanto, a escola procurou aprofundar seus estudos na metodologia freireana.

No item operacionalização do PPP, foi levantados os recursos físicos e materiais de multimídia, observamos que a escola campo B, possui 2 laboratórios de mídia educação, recursos audiovisuais, acesso a Internet com provedor da prefeitura, Sala de Leitura Pólo. Observamos que em 2004, a escola possuía um número razoável de computadores com acesso a Internet.

A tabela abaixo mostra os equipamentos em uso na escola em 2004.

Tabela 4 - Equipamentos de multimídia

EQUIPAMENTOS	QUANTITATIVO
Videocassete	03
Aparelho de televisão	03
Retroprojeter	01
Aparelho de som	06
Antena parabólica	01
Microcomputador Pentium ou superior (interligados em rede local e Internet)	22
FAX	01
Impressora	05

Em dezembro de 2008, todas as escolas da rede municipal do Rio de Janeiro, receberam um aparelho de televisão e um aparelho de DVD, para cada sala de aula. Cada professor independente de sua função na escola recebeu um computador portátil (laptop).

Na questão interação família-escola, foi realizada uma consulta às famílias, com o objetivo de coletar sugestões sobre a dinâmica escola. Desta participação destacamos algumas ações que parecem sinalizar o uso efetivo de mídias na escola: Elaborar um vídeo institucional e um periódico de caráter interno que tenha como objetivo informar as iniciativas da escola, envolvendo todos os seus segmentos e nos quais possam ser testemunhados tantos aspectos organizacionais quanto pedagógicos. A própria página na Internet da escola campo B já documenta uma série de fatos e dados a respeito da Instituição.

O PPP da escola campo B, estabelece sua função principal, a escolaridade básica; a fundamentação teórica, dentro das diretrizes do NCBMULTIEDUCAÇÃO; o tipo de gestão como sendo democrática e descentralizadora das ações administrativas, dando maior autonomia aos professores; dentre os objetivos definidos no PPP elencamos. (a) trabalhar a utilização das novas tecnologias no mundo atual; (b) refletir sobre os discursos veiculados na sociedade através da mídia e (c) interpretar mensagens midiáticas.

Encontramos referências às mídias nas estratégias do PEJA, o uso de jornais, revistas e músicas. Nas premissas de qualidade de educação, elaboradas por Assmann (1996 apud PPP da escola B), que foram distribuídas em treze colocações, a quarta colocação diz que são quatro os analfabetismos por derrotar hoje, um deles, a saber, o tecnológico, isto é, saber interagir com máquinas complexas.

Uma proposta de oficina de vídeo produção e animação com câmeras VHS e Mini DV, Fitas VHS e Mini DV, chama a atenção. As oficinas foram divididas em duas etapas, a primeira etapa foi composta pela discussão teórica e exibição dos vídeos gravados da TV aberta, na segunda etapa, a construção de vídeos para a utilização dos professores e alunos em aulas posteriores.

A outra proposta foi a de sessão de cinema quinzenal, com o objetivo de ampliar o capital cultural de alunos e professores, ao trazer a linguagem cinematográfica para o espaço escolar. De acordo com o PPP, os produtos produzidos nas oficinas de vídeo farão parte do acervo de sala de leitura pólo e exibidos para a discussão e reflexão da comunidade escolar e seus familiares.

O PPP da escola campo B foi organizado de acordo com os segmentos atendidos, desta forma, cada segmento tem estipulado dentro do PPP, suas propostas, objetivos, metas e ações.

No Plano de ação para 2008, o tema gerador proposto foi a história da TV, com o objetivo de mostrar aos alunos que existem diversos tipos de programas na TV, discutindo seus conteúdos e mensagens. Com uma meta ambiciosa, a de ser referência em tecnologia, para tanto, se organizaram em grupos de estudos sobre registro, imagens e tecnologia.

Observando o PPP das duas escolas campo, percebemos que não há um padrão definido, quanto à sua estrutura, os itens recebem vários nomes: metas, ações, procedimentos, conteúdos distribuídos por períodos, área de conhecimento, justificativa, etapas previstas, tempo de duração, estratégias, público alvo, recursos utilizados, fundamentação, marco situacional, marco operativo e marco doutrinal, enfim, podemos encontrar em todos os PPP, a estrutura básica, que é o histórico, o objetivo geral, os objetivos específicos e a avaliação. Porém, nem todos seguem o mesmo padrão, os nomes utilizados e a quantidade de itens variam de um PPP a outro.

Quanto ao planejamento de ações educativas, que possibilitem o uso das mídias e seus conteúdos em sala de aula, ainda que timidamente, vimos que as mídias começam a surgir no PPP das escolas da rede municipal do Rio de Janeiro, a elaboração dos objetivos e metas, já sugerem o uso delas no ambiente escolar. Consideramos de fundamental importância que as escolas discutam os conceitos e as práticas escolares, ampliando a possibilidade e as condições de se incluir as mensagens e conteúdos veiculados pela mídia, nas discussões em sala de aula.

5.2 ANÁLISES DOS QUESTIONÁRIOS

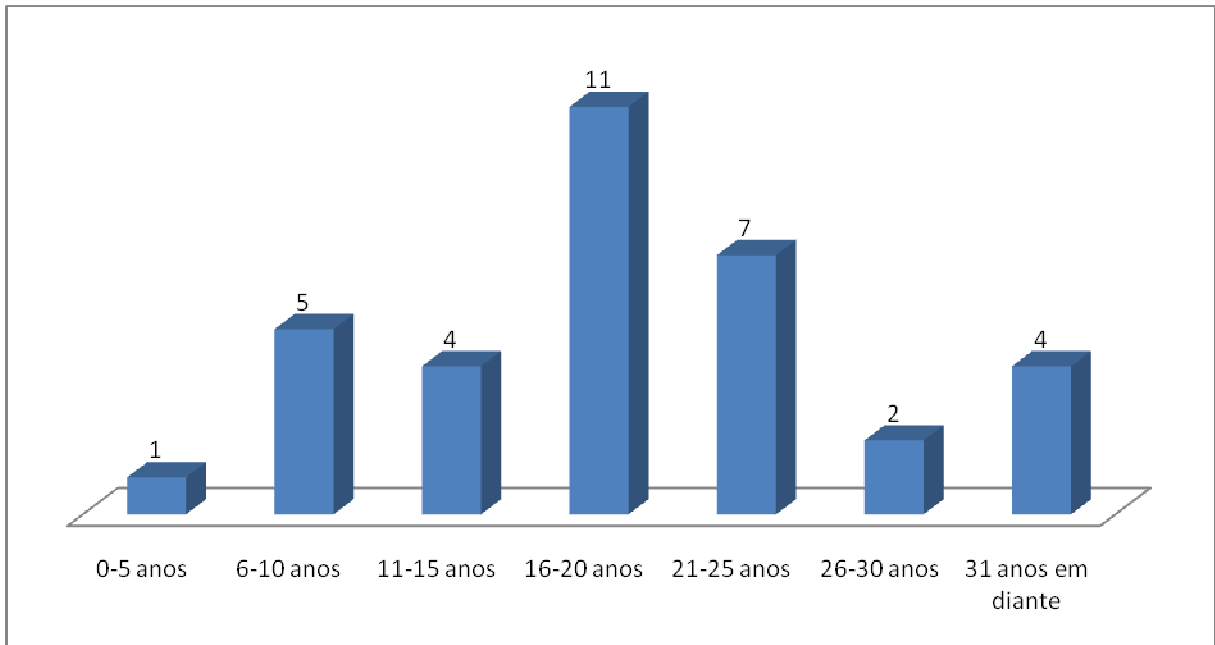
Nos trinta e quatro questionários aplicados aos gestores e professores das escolas-campo A e B, buscamos levantar as características dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa, analisando os seguintes itens: a função que exerce na escola; o tempo que exerce a profissão; o tempo que trabalha nesta escola-campo; a formação profissional; a formação em serviço; a participação ou não, na elaboração do PPP da escola; a orientação do NCB-MULTIEDUCAÇÃO, quanto ao uso de mídias nas ações pedagógicas; a participação em seminários, palestra e/ou centro de estudos, cujo tema era o uso de mídias na educação; a utilização de mídias como recurso pedagógico em sala de aula. Os resultados obtidos foram organizados na tabela 5:

Tabela 5 - Temas mencionados no questionário

TEMAS MENCIONADOS		
Foco central	Número	%
Participação na elaboração do PPP	28	82
Não participação na elaboração do PPP	6	18
Observação da sugestão do NCBMULTI	28	82
Participação de palestras sobre mídias	29	85
Utiliza algum tipo de mídia como recurso pedagógico em sala de aula	31	91

De acordo com as respostas dos trinta e quatro questionários, podemos constatar que, 82% dos professores afirmaram que participaram da elaboração do PPP de sua escola, sendo assim, podemos supor que os professores encontraram espaço e tempo, dentro do ambiente escolar, para discutir suas expectativas quanto aos objetivos da escola, as prioridades e as propostas para a solução dos problemas encontrados. Do total de questionários, apenas 18% afirmaram que não participaram da elaboração, por diversas causas, sendo a mais freqüente, a de que não se encontravam na escola por ocasião da elaboração do PPP.

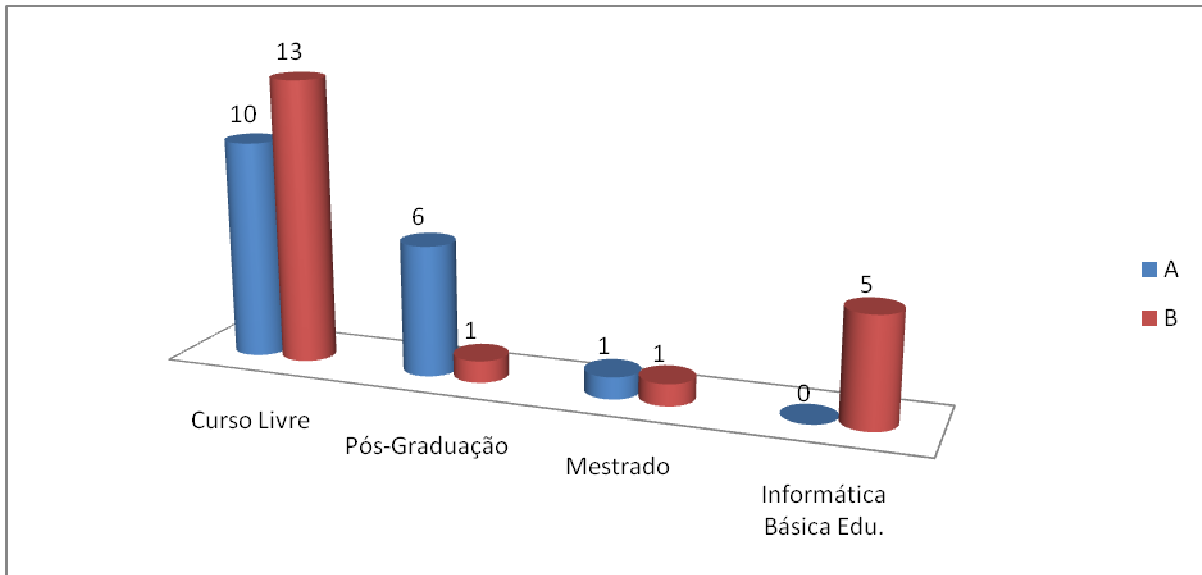
Para melhor identificação dos sujeitos dessa pesquisa, apresentamos a seguir, as principais características coletadas nos dados obtidos nos questionários. No gráfico a seguir mostramos os dados obtidos sobre o tempo de exercício no magistério dos professores.

Gráfico 3- Tempo de exercício no magistério

Observamos que, apenas um professor, tem menos de cinco anos de exercício no magistério público; cinco professores têm de 6 a 10 anos; quatro professores têm de 11 a 15 anos; onze professores têm de 16 a 20 anos; sete professores têm de 21 a 25 anos; dois professores têm de 26 a 30 anos e quatro professores têm mais de 30 anos de exercício no magistério.

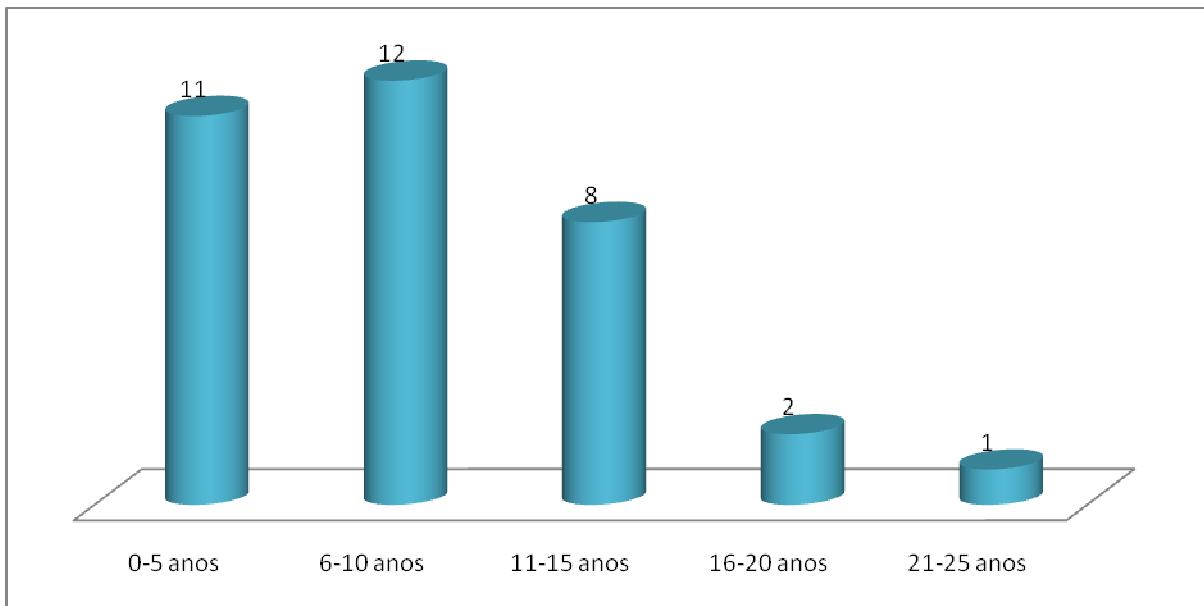
Percebemos que a maioria dos professores possui entre 16 a 20 anos de exercício no magistério público, o que provavelmente, pode contribuir para uma ação pedagógica mais consistente. Porém, constatamos que a formação continuada sobressai em relação à experiência. Como podemos verificar no gráfico 4.

Gráfico 4- Formação Continuada



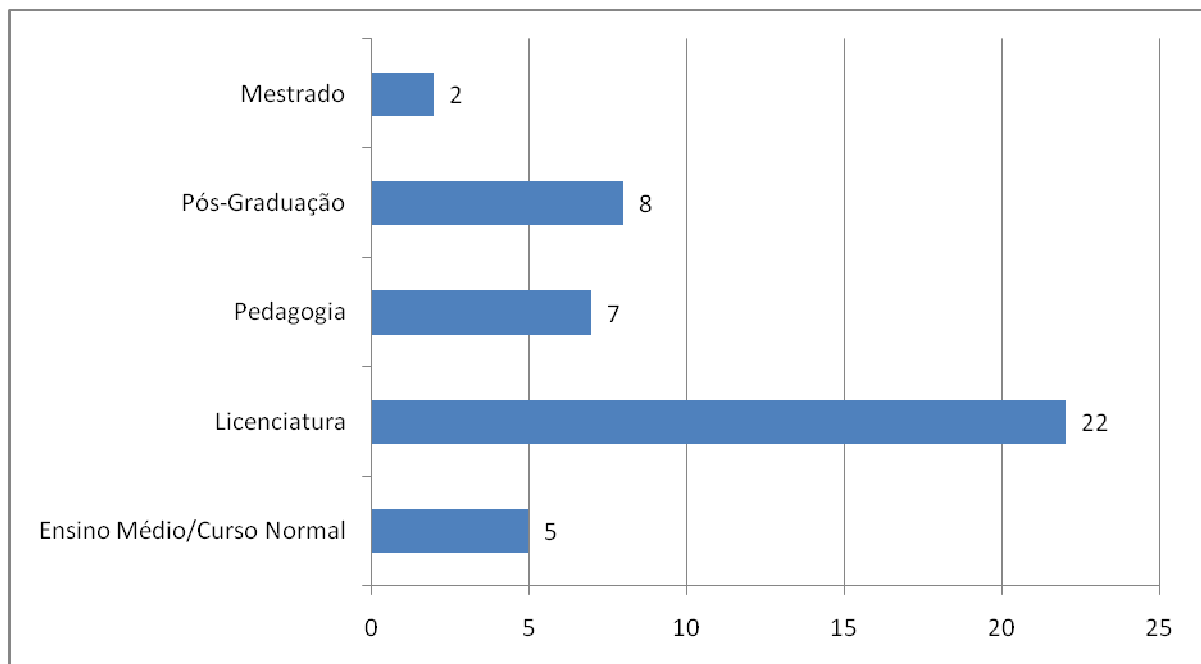
Dos trinta e quatro questionários devolvidos, constatamos que vinte e três professores fizeram cursos livres, sete professores fizeram Pós-Graduação, cinco professores fizeram informática básica educativa e dois professores fizeram mestrado. Dessa forma, entendemos que os professores têm participado de algum tipo de formação continuada. Porém, constatamos que dos sujeitos pesquisados, apenas cinco possuem qualificação num tipo de mídia, a de informática, um número bastante aquém do necessário, para a quantidade de alunos em cada escola. Percebe-se que as capacitações promovidas na rede municipal não têm alcançado a maioria dos professores que nela trabalham.

No gráfico abaixo, procuramos verificar o tempo que cada professor trabalha na escola pesquisada. Entendendo que quanto maior for o tempo de exercício do magistério na mesma escola, o elo do professor com a escola aumentará. Assim sendo, o professor provavelmente terá mais responsabilidade, participação e comprometimento com os objetivos propostos no projeto político-pedagógico da escola.

Gráfico 5- Tempo de Serviço na Escola

De acordo com o gráfico acima, constatamos que, onze professores trabalham menos de cinco anos na escola pesquisada; doze professores de 6 a 10 anos; oito professores de 11 a 15 anos; dois professores de 16 a 20 anos e apenas um professor trabalha a mais de 21 anos na mesma escola. Verificamos que a maioria dos professores trabalha na mesma escola, há mais de seis anos.

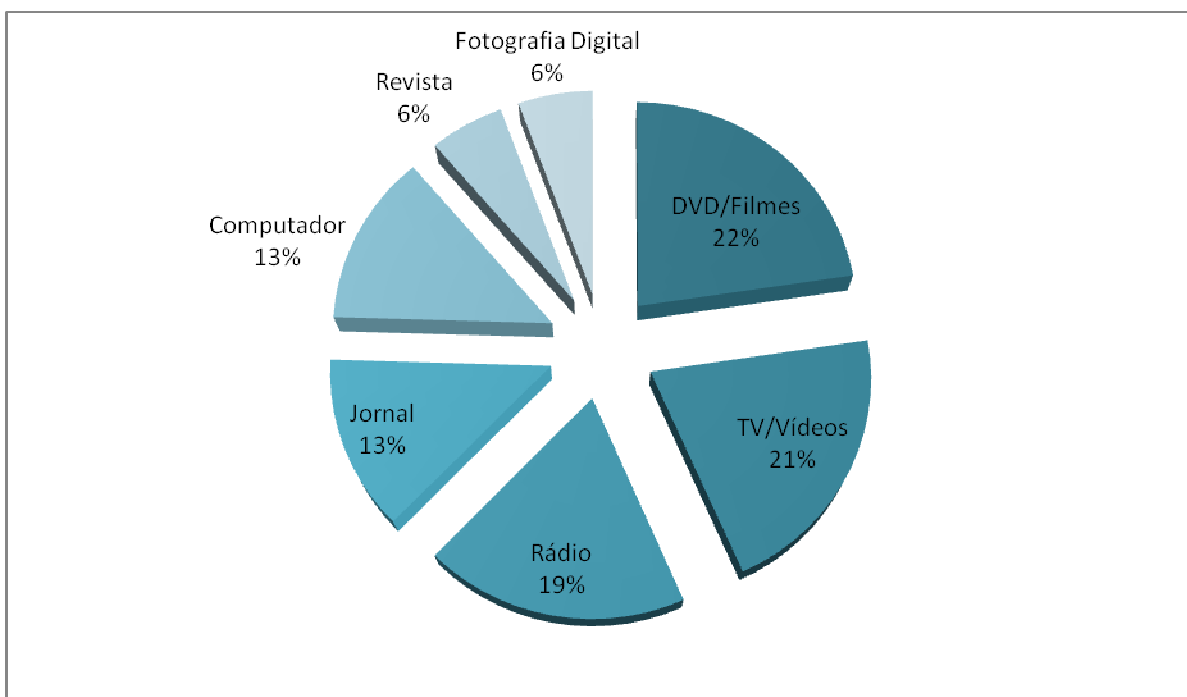
Quanto à formação profissional dos sujeitos pesquisados, observamos que apenas cinco professores possuem o curso de Formação de Professores, em nível de Ensino Médio; 22 professores possuem licenciatura nas disciplinas do 2º Segmento do Ensino Fundamental; sete professores são formados em Pedagogia; oito professores possuem Pós-Graduação e apenas dois professores fizeram o Mestrado em Educação. Concluímos que a maioria dos professores possui maior qualificação além da Formação de Professores, pois concluíram Graduação a nível superior.

Gráfico 6- Formação Profissional

Um total de 85% dos professores afirmou que, já participaram de palestras, seminários ou centro de estudos sobre mídia na educação, Porém, alguns revelaram que ainda necessitam de mais capacitações, pois continuam inseguros e não têm habilidade para o manuseio dessas mídias.

Um total de 91% dos professores respondeu que, utilizam mídias no ambiente escolar, mas não são todos os professores que o fazem regularmente, alguns professores revelaram que o fazem ocasionalmente, e nem sempre com objetivos pedagógicos, pois não tiveram tempo para planejar.

Verificamos através dos questionários, as mídias que são mais utilizadas pelos professores em sala de aula, alguns professores citaram mais de uma mídia. Organizamos os dados obtidos no gráfico 7:

Gráfico 7- Mídias mais citadas pelos professores

Segundo as respostas dos professores, a mídia mais utilizada em sala de aula é o filme em DVD, de acordo com eles o filme serve para reforçar os conteúdos aplicados em sala de aula. As outras duas foram o jornal e a internet. Porém, observamos que apenas uma das escolas tem laboratório de informática. A outra escola está em fase de implantação. Organizamos na tabela 6, os dados em porcentagem, de acordo com as mídias mais citadas pelos professores:

Tabela 6 - Mídias citados por categorias

VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO CITADO POR CATEGORIA		
Veículo	Número	%
Jornais	7	20
Revistas	3	9
Rádio/CD Player	10	29
Televisão/Vídeo	11	32
Cinema	0	0
Internet	7	20
DVD/filmes	12	35
Fotografia digital	3	9

Quanto à sugestão do NCBMULTIEDUCAÇÃO, sobre ao uso de mídias na escola, 82% dos entrevistados revelaram que, foi observada sim, porém, ao analisarmos o PPP, não encontramos a referência do NCBMULTIEDUCAÇÃO sobre essa temática.

O que se percebe, de acordo com as respostas dos professores nos questionários, a maioria revelou a participação de alguma forma da elaboração do PPP da sua escola, porém, cruzando esses dados com os das entrevistas, percebemos que os professores ainda não conseguem perceber o PPP, como o documento elaborado coletivamente, orientador do planejamento das atividades, no ambiente escolar.

No que diz respeito à observação dos professores sobre as orientações do NCBMULTIEDUCAÇÃO, sobre o uso de mídias na escola, desde a elaboração do PPP, nas falas dos professores, percebe-se que ainda existem dúvidas quanto a observação deles no momento dessa elaboração.

Dos professores que responderam aos questionários, apenas cinco deles, afirmaram ter conhecimento sobre informática básica educativa. Portanto, a participação em palestras, centro de estudos e outros encontros, está longe de atender as expectativas dos professores, para garantir um uso efetivo dos conteúdos midiáticos na escola.

Sobre a utilização ou não de mídias dentro da sala de aula, embora 91% tenham afirmado que a utilizam, porém, nos foi sinalizado que, nem sempre atendem aos objetivos propostos pelo NCBMULTIEDUCAÇÃO e ao PPP da escola.

5.3 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

As entrevistas foram do tipo, semi-estruturadas, capturamos as falas de gestores e professores gravando-as e em seguida fizemos as transcrições das mesmas. Após as transcrições, procedemos com a análise buscando nas falas dos professores, as palavras mais presentes; a partir da leitura emergiram os temas e sub-temas, como pode ser observado na tabela abaixo:

TABELA 7 - TEMAS E SUB-TEMAS DE INTERPRETAÇÃO DE DADOS

TEMAS	SUB-TEMAS
5.3.1 A importância do PPP	5.3.1.1-A finalidade do PPP 5.3.1.2-A visão do professor sobre PPP 5.3.1.3-A participação coletiva na elaboração do PPP 5.3.1.4-Articulação PPP e prática pedagógica
5.3.2 A inserção das mídias no PPP	5.3.2.1- Desconhecimento diante das novas tecnologias 5.3.2.2- Tempo para a atualização do professor 5.3.2.3- A utilização das mídias em sala de aula 5.3.2.4-As dificuldades na utilização das mídias 5.3.2.5-A mediação no processo de aprendizagem

5.3.1 A importância do PPP

Este tema trata da importância do PPP, de acordo com as falas dos professores e gestores da rede municipal de ensino. Procuramos analisar de que forma os entrevistados dimensionam o PPP durante a organização dos trabalhos escolares. Uma vez que, construir o projeto político-pedagógico da escola, exige o conhecimento teórico dos sujeitos envolvidos,

onde eles assumam uma participação ativa, crítica e responsável com o que foi planejado. Podemos perceber na fala dos professores, que alguns ainda não têm uma idéia muito clara da importância do PPP para escola.

P2 - O PPP é tudo o que envolve a escola com o objetivo maior de desenvolver o aluno.

P4 - A gente fica meio que sem noção de toda a construção e depois não tem um retorno de tudo o que foi construído, a coisa funciona compartimentada, isolada.

P6 - São as metas que são criadas pela escola, pela equipe, para permear durante o ano letivo.

Embora algumas falas não sejam encorajadoras, contudo, reafirmamos que é de vital importância que os professores conheçam as concepções teóricas de PPP e as possibilidades de sua construção. A escola precisa garantir a participação de todos, durante as fases de elaboração do PPP, porque sem essa continuidade ou participação constante, o resultado final ficara limitado a apenas alguns sujeitos, sem que todos os membros da comunidade escolar, tenham uma noção global do planejamento, pois como um membro de equipe gestora afirmou:

P9 (CP) - O PPP seria a alma da escola, um documento que direciona todas as ações escolares, as fundamentações teóricas, com as regras de trabalho, inclusive de convivência e que facilita o cotidiano escolar, ampliando também a questão das decisões coletivas, porque dá maior autonomia para se discutir questões que antes eram muito ligadas apenas à administração da escola.

Como se pode perceber, nos dias atuais, a escola não pode mais atuar sem um planejamento participativo, sem refletir na própria realidade, sem a organização do trabalho da escola. Não há mais a possibilidade da escola trabalhar com métodos, ditos, tradicionais, centralizados na equipe e nos professores, pois estes atualmente são considerados ultrapassados e ineficazes para o ensino-aprendizagem. Como tão bem definiram alguns sujeitos participantes da pesquisa:

P3 - O PPP é muito importante dentro da escola, porque ele norteia as ações do que nós vamos fazer durante o ano... Aquilo tudo que nós pensamos estruturamos a partir do PPP, acho que é fundamental toda escola ter e colocar em prática.

P5 - O PPP é importante porque ele vai alicerçar cada elemento desse grupo, desde o professor, o aluno e outras instâncias ao futuro. A gente pensa que não, mas o presente é breve, hoje eles estão aqui na escola, amanhã eles irão cursar uma faculdade, e a gente precisa olhar desta forma, não pode olhar como uma coisa só daqui da escola, precisamos olhar pra frente, pro futuro. E quanto mais completo ele for, melhor vai ser o futuro dos nossos alunos e até da nossa escola.

As idéias da Metodologia de Projetos foram disseminadas em diversas partes do planeta, no século XX. Nos Estados Unidos, John Dewey e William Kilpatrick, são considerados os criadores desse método. Essas idéias chegaram ao Brasil com o *Movimento Nova Escola*, e foram defendidas principalmente por Anísio Teixeira e Lourenço Filho. A Metodologia de Projetos, tem por objetivo uma prática pedagógica mais dinâmica, ampliando o espaço para a criatividade, com a possibilidade de construção do conhecimento pelo aluno. (AMARAL, 2000, p.37)

Hoje com a obrigatoriedade imposta pela Lei 9394/1996, que exige das escolas a elaboração de um Projeto Político Pedagógico (PPP), algumas ações têm sido implantadas pela Prefeitura do Rio de Janeiro, com a finalidade de fornecer condições a cada escola, de reinterpretar essa metodologia, pressupondo que trabalhar com projetos exige um planejamento sistemático, das ações que serão desenvolvidas durante o ano letivo e a (re) organização dos trabalhos escolares. Dessa forma, a Prefeitura pode obter um maior controle sobre a organização geral e as ações dinamizadas pelas escolas de sua rede. Durante a transcrição das entrevistas surgiram os seguintes sub-temas: 5.3.1.1-A finalidade do PPP; 5.3.1.2-A visão do professor sobre PPP; 5.3.1.3-A participação coletiva na elaboração do PPP; 5.3.1.4-Articulação PPP e prática pedagógica.

5.3.1.1 - A finalidade do PPP

Neste sub-tema buscamos nas falas dos professores qual a concepção deles sobre a finalidade do PPP. Acreditamos que a principal finalidade de um PPP, é a (re) organização do trabalho escolar, procurando através da reflexão e discussão redimensionar o tempo, o espaço, as relações e os conteúdos escolares. Porém, a pesquisa aponta dificuldades severas, para se romper com o instituído e de se conduzir a um processo de construção do novo. Como podemos constatar nos discursos a seguir:

P2 - Eu acho que a maioria dos professores não trabalha com o PPP. Eu acho que eles não estão de acordo com o PPP, acho que na grande maioria,

porque a gente ainda não processou a história que você tem que integrar uma matéria com a outra, que você tem que ter tempo pra elaborar essa integração... Eu acho que nós ainda estamos engatinhando.

P4- A prática dos professores com as orientações do PPP? Acho que a gente ainda não está por dentro, não sabe como funciona, mas sempre estamos tentando, a gente vai tentando construir.

P6 - Não, nós, professores estamos presos a própria rotina com os conteúdos. O PPP muitas vezes vem inserido por conta das coisas que nós já trabalhamos que é a questão da cidadania, o respeito ao próximo, geralmente o tema do PPP das escolas estão vinculados a isso.

Apesar das discussões em torno da importância e da finalidade do PPP, sua elaboração final, parece ficar ao encargo de um número reduzido de participantes, deixando o restante dos professores com uma visão parcial do projeto da escola. Nem todos os participantes conseguem manter a visão global do PPP da sua escola. O que poderia ser uma solução para algumas questões que afligem a rotina escolar, transformando o conceito que alguns professores têm a respeito do PPP.

O que se constata é que nem sempre o professor consegue perceber claramente a finalidade do PPP, para ele é apenas mais um ritual dentre tantos outros, a ser cumprido nas tarefas da escola. Porém, ao entrar na sala de aula, o professor mantém sua rotina, nesse sentido, mantém-se o padrão estabelecido. O que foi tratado coletivamente, nem sempre é acatado pelo professor, ele permanece com o instituído, como se esse fosse imutável.

Dentre as dificuldades apontadas pelo professor, para que sua prática pedagógica esteja de acordo com o PPP, está a carga horária que ele tem para cumprir, ou seja, o tempo escolar, nem sempre está de acordo com o horário estabelecido dos encontros para estudos. Quando o horário do professor combina com o horário de estudos, ele participa, quando não, o professor fica sem a exata noção, do que está sendo elaborado, as orientações acontecem por relatórios e murais, por exemplo. A outra causa apontada foi a forma como foi implantada a MULTIEDUCAÇÃO, em 1996, que teve sua divulgação através de estudos veiculados pela televisão. Nas escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro, a elaboração do PPP é norteado pelos **Princípios Educativos:** de Meio Ambiente, Trabalho, Cultura e Linguagens, com os **Núcleos Conceituais:** Identidade, Tempo, Espaço e Transformação, que se articulam como um eixo, sob a ótica da interdisciplinaridade (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 1996). O que se percebe, é que nem todos os professores conseguiram assimilar as orientações contidas na proposta educacional da SME, daí a confusão que alguns professores fazem entre PPP e MULTIEDUCAÇÃO, desta forma parece que na concepção deles, o PPP e

a MULTIEDUCAÇÃO são a mesma proposta. Isso, com certeza, dificulta a percepção total dos professores sobre o PPP, sua importância e finalidade. Como podemos observar nas seguintes falas:

P1 - Existem muitas críticas e infelizmente alguns professores ainda dizem que não participaram desse processo, eu lembro que a gente participou muito, só que em graus variados. Eu acho que qualquer teoria ela tem muita dificuldade de ser discutida na prática, pela carga horária que o professor tem, pela dificuldade de estar em espaços permanentes de formação, ou mesmo de ter oportunidade de cursar uma pós-graduação. De estar em espaços de elaboração. Tudo o que você tem que fazer estritamente a partir da teoria, você fica numa dualidade, parece que a prática é uma coisa, e a teoria é outra, enquanto as duas deveriam estar estritamente relacionadas. Existe uma resistência muito grande de o professor discutir a teoria, e uma dificuldade da teoria estar presente dialogando com a prática. Eu acho isso quando o professor olha aquele livrão grosso, com uma série de princípios e orientações, ele não consegue ver o que está lá na MULTIEDUCAÇÃO, identificado com aquilo que ele pratica no seu dia-a-dia, mas se você sentar nos Centros de Estudos, que infelizmente do jeito que são organizados aos pedacinhos, não ajuda muito, mas se nós sentarmos e pegarmos os princípios e os conceitos vai ouvir muitos professores dizerem: Ah! Isso aí não tem nada de novo, eu já faço na minha sala de aula. Mas, parece que tem certa barreira entre a teoria e a prática.

P7 - Aqui no Rio houve um problema extremamente sério, essa MULTIEDUCAÇÃO, foi colocada de cima para baixo, e os professores se ressentiram disso, eu acredito que muitos, não só nessa escola. Houve certa rejeição à MULTIEDUCAÇÃO, não houve um diálogo aberto entre a Secretaria e os professores para a sua implantação. Então eu acho que tudo que vem para o professor, ele é mais reservado, tende primeiro a dizer não, para depois refletir, isso é um defeito dos professores que tem que acabar. Eu acredito que o que aconteceu com a MULTIEDUCAÇÃO foi isso. Ela foi passada através da mídia, foram alguns programas que nós tivemos que assistir juntos com os colegas, num determinado horário, faltou o diálogo. Televisão não é para passar determinadas coisas, a televisão passa informações, nós precisávamos de formação para praticar essa MULTIEDUCAÇÃO, aí houve uma grande falha da Secretaria de Educação.

Diante do exposto, percebemos na fala desses professores, que não possuem a noção exata do que seria um PPP, talvez em consequência disso, alguns se excluíam do processo de elaboração do mesmo, se eximindo da responsabilidade da execução e avaliação do PPP da sua escola, dificultando a possibilidade de um melhor desempenho na escola em que trabalha.

Veiga (1995, p.30) explica que “para alterar a qualidade do trabalho pedagógico torna-se necessário que a escola reformule seu tempo, estabelecendo períodos de estudos e reflexão de equipes de educadores, fortalecendo a escola como instância de educação continuada”.

A SME-RIO, mantém um tempo estabelecido para o estudo dos professores, em seu calendário escolar, o Centro de Estudo, porém, como os professores alegaram esse tempo marcado, nem sempre está de acordo com o horário que o professor cumpre na escola, visto que, muitos desses professores, trabalham em outras escolas. Quanto à implantação da MULTIEDUCAÇÃO, de acordo com os registros do NCB-MULTIEDUCAÇÃO, de 1993 a 1996, quando ocorreu a implantação desta, aconteceram diversos encontros com os professores representantes de diferentes segmentos de ensino da rede municipal, com a finalidade de se discutir a elaboração e implantação do NCB-MULTIEDUCAÇÃO. Nas escolas, foram realizados Centros de Estudos, onde os professores das unidades escolares tinham tempo e espaço, para expor suas opiniões e comentários. Por ocasião da implantação, os professores tiveram que fazer um curso de atualização sobre a nova proposta, que foi realizado pelo canal aberto da TV Bandeirante, Canal 7, produzido pela empresa MULTIRIO, vinculada à SME (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 1996).

5.3.1.2 - A visão do professor sobre o PPP

Este sub-tema trata da visão que o professor construiu a respeito do PPP, ao longo desses anos, tendo participado de vários Centros de Estudos, nas escolas em que trabalham. Percebemos que a idéia central do que seja o PPP, já se encontra inculcado no conceito dos professores, como podemos observar nas seguintes falas:

P1 - Bom, eu entendo por PPP, sendo o planejamento que faz parte de uma concepção de educação, o que eu entendo de educação, qual aluno eu quero formar, qual o tipo de sociedade a gente está buscando, e quais serão as estratégias pedagógicas, os recursos humanos e materiais, os prazos e resultados que a gente espera a partir desse planejamento.

P3 - Eu acredito ser uma maneira que a escola, que todos juntos na escola procuram, melhorar o processo de criação, de produção.

P8 - O PPP é exatamente a possibilidade do trabalho coletivo, da construção coletiva. Por ser projeto ele vincula os vários pensadores da educação. Os vários profissionais docentes discutem e constroem juntos, o perfil da escola que ele quer construir. A minha visão do PPP me deixa assim de maneira confortável para discutir temáticas variadas dentro das várias óticas dos docentes, nas várias áreas do conhecimento, então quando nós temos um tema, ele é proposta de todos. Quando eu digo tema, ele não é limitador, ele é abrangente, na medida em que o tema é discutido por várias

óticas e vários ângulos. O PPP é um determinante de construção de conteúdo mais legítimo para o educando.

P12 - Pra mim o PPP da escola é o eixo norteador, é o que vai embasar toda a minha prática, vai me ajudar a construir, a planejar de uma forma mais tranqüila.

Segundo a concepção de alguns professores entrevistados, o PPP é um processo coletivo que vai nortear toda a prática pedagógica desenvolvida na escola. Ainda de acordo com eles, na elaboração do PPP são elencados temas que são julgados prioritários pelos sujeitos participantes, para o trabalho escolar e a construção do conhecimento dos alunos.

P18- O PPP tem que atender às necessidades da comunidade escolar como um todo. A gente tem que destacar a prioridade daquela escola, para a partir daí a gente estar trabalhando os nossos anseios, as nossas dúvidas, as questões que a gente precisa desmembrar, pesquisar e aprender, porque durante o projeto tanto professor, quanto aluno e comunidade estão aprendendo. O projeto parte de uma dúvida e a partir daí todos vão a busca de uma concretização, de uma realização.

P24 - É a diretriz que a escola segue, ele é feito com a participação dos professores, da comunidade, de todo o pessoal envolvido no trabalho da escola, dá a sua participação nesse projeto, é a direção que a escola vai seguindo.

Segundo Gadotti (1998) geralmente as pessoas confundem plano com projeto, nas palavras deste autor, o projeto necessita sempre ser revisto, para que se possa instituir outra realidade que se deseje alcançar, desta forma ele é um processo inacabado, que orienta as ações da escola. Gadotti (idem) afirma que na última década as escolas têm discutido bastante sobre autonomia, cidadania e participação. Cabe aqui lembrar, que a LDBEN nº 9394/1996, que exige das escolas a construção de seu projeto político-pedagógico, tem pouco mais de dez anos. Desde então a discussão sobre a realidade da escola, o contexto sócio-histórico, os objetivos, entre outras tantas discussões, tem marcado presença nos estudos feitos pelos professores.

5.3.1.3 - A participação coletiva na elaboração do PPP.

A participação do professor na elaboração do PPP da sua escola é de fundamental importância, desta forma ele contribui com sugestões, refletindo a realidade da sua escola, as relações de trabalho e propondo soluções.

Segundo as entrevistas realizadas, os professores se mostraram interessados numa participação ativa na elaboração do PPP da sua escola, e mesmo aqueles que chegaram depois do PPP elaborado, afirmaram que participam das suas atualizações, como podemos constatar nas seguintes falas:

P1 - Eu já participei da elaboração do PPP aqui da escola, no entanto, eu defendi uma visão, uma concepção de projeto a qual só foi aproveitada em parte, eu não consegui convencer o coletivo, de que a forma, quanto à concepção e à temática que eu defendi fosse colocada no PPP.

P4 - A minha participação está sempre por área, quando a gente se reúne elabora o projeto. Estamos juntos sempre querendo somar, mas, eu acho que a gente está sempre aprendendo e buscando caminho, porque tudo é novo, é o trabalho interdisciplinar, a participação de todos, da comunidade, da escola, do aluno, isto não é fácil, é difícil, a gente sente certa dificuldade, mas tentamos.

P5 - Participei sim, através de debates e de encontros, nós conseguimos elaborar o projeto com a comunidade, com os professores, enfim, a gente não fez uma coisa assim, só com os professores, nós tivemos o apoio da comunidade.

P7 - Qualquer escola em que dou aula, eu participo desse projeto. Isso pra mim é fundamental, porque você vai aprendendo também. Minha participação é bastante efetiva, a gente acaba discutindo as questões política, social, econômica e cultural, aquilo que vai permear a vida do aluno no seu fazer diário na sala de aula.

Buscar a melhoria da qualidade do ensino deve ser o foco principal ao elaborar o PPP da escola, os sujeitos envolvidos nesse processo, precisam discutir a (re) organização das atividades escolares. Nesse caso, a participação de toda comunidade escolar é de suma importância, para que se construa um projeto onde esteja refletida a intenção de todos.

Na concepção de Gadotti (1998) a elaboração do PPP é da responsabilidade de todos, o autor afirma que “A participação pertence à própria natureza do ato pedagógico” (GADOTTI, 1998, p.17). O PPP de acordo com este autor é um momento importante em que toda comunidade participa para renovar a escola. Segundo Veiga; Resende (1998, p.9) na

elaboração do PPP todos os seus autores, compartilharam de suas “crenças, convicções, conhecimentos da comunidade escolar, do contexto social e científico”, desta forma ele passa a ser de responsabilidade de todos.

Gandin; Gandin (1999, p.16) ressalta que a construção do PPP é um dos momentos, “a qual deve juntar-se um diagnóstico para julgar a prática e uma proposta concreta, para um tempo, de nova prática”.

5.3.1.4 - Articulação PPP e prática pedagógica

Neste sub-tema procuramos observar como os professores articulam as ações planejadas durante a elaboração do PPP e sua prática pedagógica em sala de aula. Como buscam diminuir a distância entre o que foi planejamento e a prática cotidiana.

P1- Eu considero que as práticas dos professores, estão sendo em parte colocadas, isso em parte é natural, porque projeto é sempre um projeto, a gente dialoga no cotidiano com a realidade vivenciada, com o acúmulo de cada professor, com as condições materiais que a escola oferece, com a participação do aluno, da família, dos outros colegas, na implantação dessa proposta e como determinante muitas vezes o projeto ele vai trilhando outros caminhos que não são os que, se pensaram anteriormente, mas no geral, os professores conseguem, com divergências é claro, pela formação, pela experiência, mas no geral estão conseguindo entender o projeto da escola.

P18- Trabalhar só com projeto ainda é uma experiência que a gente está aprendendo, porque não é fácil, trabalhar o ano inteiro somente com o projeto, mas a gente tem melhorado bastante, priorizado mais as questões do projeto, trazendo os nossos conteúdos pra dentro dos nossos projetos, tentando entrelaçar e conforme os anos vão passando, acho que essa experiência vem melhorando, a gente já está tendo mais facilidade em transpor o conteúdo pra dentro do nosso projeto e vice versa.

P24 - A gente sempre recebe uma diretriz a cada ano de acordo com o PPP, do que a vai fazer e aí vamos aplicando conforme desenvolvemos as nossas atividades, vamos procurando aplicar, o que está sendo pedido, pra que esses objetivos sejam alcançados.

Como podemos perceber, os professores procuram orientação nas diretrizes emanadas do PPP, para apoiar sua prática pedagógica, porém, nem sempre alcançam seu objetivo. Uns por falta de experiência, outros por resistência ao novo, ou por não se sentirem parte integrante do processo e, portanto, responsável pela execução do PPP. Uma das entrevistadas chegou a afirmar que:

P8 - Olha a prática dos professores é algo que não é muito fácil avaliar, porque muitas vezes a gente senta e discute umas questões, mas acaba mesmo fragmentando, apesar de discutirmos no coletivo, existe a individualidade, a sala de aula é o universo que é muitas vezes do professor.

A escola que deseja alcançar uma articulação maior do PPP com a prática pedagógica, segundo Veiga (1995, p.33) “precisa criar condições para gerar outra forma de organização do trabalho pedagógico”. Buscando diminuir a divisão trabalho, a fragmentação dos conteúdos, incentivando os professores a ampliarem e aprofundarem seus conhecimentos, contribuindo para diálogo e a participação ativa de todos os envolvidos. Ainda de acordo com a autora o movimento de luta e resistência dos educadores é indispensável para que aconteça de fato essa mudança.

5.3.2 - A inserção das mídias no PPP

Neste tema trataremos da inserção das mídias nas escolas da rede municipal do Rio de Janeiro, procurando observar as orientações do NCB-MULTIEDUCAÇÃO (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, p.134) que diz “O Núcleo Curricular Básico MULTIEDUCAÇÃO propõe o reconhecimento de que as múltiplas linguagens de que dispomos são princípios que educam, devendo, portanto integrar-se definitivamente à ação pedagógica”. Perguntamos aos sujeitos entrevistados, se haviam seguido essas orientações ao elaborar o PPP da escola. As respostas revelaram que as escolas têm procurado seguir essas orientações. Contudo, uma parte dos professores expôs que ainda tem dificuldades em seguir as orientações, pois encontra diversas barreiras para transformá-las em ações pedagógicas no cotidiano escolar. Como podemos ver nas seguintes falas:

P3 - Talvez não tanto quanto nós queríamos, ou fosse necessário, mas nós conversamos sobre essas utilizações, até porque esse ano nós fizemos parceria com o jornal Extra, e trabalhamos com esse jornal. (grifo nosso)

P4 - Importantíssimo, mais a gente ainda não sabe como trabalhar, é o que eu sinto dificuldades, não sei trabalhar porque não consigo pegar a atenção de todos, trabalhar com a minoria a gente já trabalha em sala de aula, a grande maioria está dispersa, então mais alunos, então com as mídias a gente precisa também conseguir atingir a maioria dos alunos.

P12 - A fala que tem no PPP, é a fala dos próprios professores, porque eles muitas vezes querem buscar novos recursos para o seu trabalho, então ele sinaliza que ele precisa de um vídeo, ele sinaliza que ele precisa de um

trabalho que tem em DVD, eles querem que a escola compre rádio, que a escola tenha DATASHOW, mas a gente percebe que a fala ainda está no campo do eu quero alcançar, que no dia-a-dia a prática ainda não consegue colocar bem isso. (grifo nosso)

P8 - Olha a discussão do NCBMULTIEDUCAÇÃO é uma discussão constante. Agora na questão da mídia, o professor tem condição de trabalhar com a mídia em sala de aula. O que eu tenho observado é que a mídia, ela precisa estar no acesso do professor, muitas vezes nós, ainda temos que empurrar uma televisão, nem sempre a gente tem nas mãos um DATASHOW, pra que a gente possa realmente trabalhar esse instrumento com dinâmica, pois nós não temos acesso a ele.

A mídia educação, ou seja, a educação para os meios tem alcançado um avanço significativo dentro das unidades escolares. Porém, os estudos feitos até o momento, ainda não responderam todas as questões que envolvem o uso das mídias na educação.

Durante a análise deste tema emergiram os seguintes sub-temas: 5.3.2.1- Desconhecimento diante das novas tecnologias; 5.3.2.2- Tempo para a atualização do professor; 5.3.2.3- A utilização ou não das mídias em sala de aula; 5.3.2.4- As dificuldades na utilização das mídias.

5.3.2.1 - Desconhecimento diante das novas tecnologias

As entrevistas revelaram que alguns professores, demonstram interesse no uso de mídias em sala de aula, porém, eles afirmaram que nem sempre possuem os conhecimentos práticos para manusear determinados aparelhos. Outra questão apontada foi a falta de conhecimentos teóricos e finalmente como aplicá-los corretamente, utilizando o princípio da interdisciplinaridade, uma vez que, as mídias não constituem uma disciplina integrada ao currículo do Ensino Fundamental.

Diante de tais questões, sentem-se inseguros e temerosos, pois eles percebem que os alunos estão cada dia mais interessados na utilização de diversas mídias e desinteressados nas aulas expositivas. Como podemos verificar nas falas que se seguem:

P2 - Eu acho que o mais importante é o professor, falo por mim, abrir seu coração para que possa utilizar essa mídia, porque nós temos é aquela coisa de medo da mudança, então a gente não tem que ter medo da mudança, a gente tem que essa mudança e até pedir contribuição dos alunos pra isso, inserir a gente dentro dessa mídia, porque é interessante pra eles.

P3 - A questão é como utilizar essas mídias, ali no concreto muitas vezes até em função do ligar, como eu vou fazer isso funcionar, outras vezes como eu vou adequar ao meu conteúdo, muitas vezes meu conteúdo é extenso e tal, só

que nós temos que trabalhar o conteúdo, e aí eu penso será que eu vou ter tempo, o tempo de trabalho em sala de aula é muito curto, parece que é longo demais, mas na prática, então pra você fazer a articulação dessas duas coisas, sempre você tem que correr como você planejou, às vezes você precisa de mudanças, ajustá-lo a algumas práticas novas, você tem que estar sempre antenado com o que esta acontecendo, nós que trabalhamos na área humana, temos que estar sempre antenados com tudo o que esta acontecendo.

P4 - Hoje em dia os jovens estão com o pensamento muito mais rápido do que o nosso, a questão visual deles tudo é mais rápido, se a gente observar um clipe de conjuntos musicais que é de interesse dos jovens, a gente vê a velocidade das imagens, então o que acontece nas nossas aulas, aquilo tudo é monótono, pacato, por mais que a gente tente diversificar, mudar, acrescentar, a gente encontra né?! Tudo muito lento prá eles, prá gente parece que está tudo muito interessante, que tá bom, mas a gente é de outra geração e eles não, eles acompanham tudo muito rápido, com a Internet que todos tem acesso, na LAN HOUSE, ou tem em casa ou na casa de colegas. É um acúmulo de informações, eles têm acesso a tudo, mas tudo descartável, ao mesmo tempo não tem nada. Então a aula também acaba sendo isso, não vêem, não olham, não aprendem não se interessam, porque passou, acabou! E tudo vira uma grande festa.

P7 - Nós, professores, não somos formados para lidarmos com as novas mídias, o professor aprendeu muito mais como autodidata, do que como alunos voltados para a compreensão das mídias, essa é a dificuldade e às vezes o professor acaba reforçando aquilo que o material traz de informação e não é capaz de construir e desconstruir aquela construção do autor. O problema tá na sua formação, nós precisamos passar por um breve curso sobre a utilização dessas novas mídias e diminuir essas dificuldades

P8 - Eu acho que o professor pode até não estar preparado, mas como a gente trabalhou no PPP, com a participação do aluno, muitas vezes eu chego num determinado momento não sei dominar aquela mídia, meu aluno me ajuda então isso também é parceria, meu aluno liga, meu aluno desliga, me auxilia numa sonoplastia, porque ninguém é dono da verdade, porque o que o professor precisa entender é que mesmo que não domine uma mídia ou outra, existe toda uma possibilidade de ser ajudado naquele trabalho coletivamente.

P12 - A gente sabe que na Faculdade não se aprende como utilizar essas novas mídias, então eu acho que a nossa Prefeitura pode investir mais em palestras, estudos sobre essa temática. Esse ano nós fizemos uma parceria com o jornal Extra, então alguns professores conseguem colocar o jornal na sua prática, mas outros ainda não. Lêem jornal, adoram ler jornal, mas ainda não sabem como levar isso para a sua aula. Eles dizem: - Como é que eu posso trabalhar o jornal com a minha disciplina?

P13 - A primeira dificuldade de se utilizar as mídias, é a alfabetização tecnológica do professor, eu acho que o professor ainda tá caminhando na questão tecnológica, segundo é a questão da falta de tempo pra planejar essas ações que o professor também tem, em terceiro é a próprias formação do professor, que ainda tá numa forma muito acadêmica, muito linear, muito na escrita e pouco na criação. Na questão da criatividade, eu acho que esses são os pontos cruciais nas dificuldades de você articular as mídias

ao processo pedagógico, eu não vejo muito como não saber técnica do professor, também é a questão da alfabetização tecnológica, mas antes de tudo esse tempo pro professor se adaptar a essa tecnologia, conhecer a identidade é das pessoas que circulam naquele meio, e tentar transportar essa linguagem para alguma coisa que ele possa utilizar ou no registro visual ou na sua aula, ou no planejamento da sua aula, as questões mais diversas possíveis.

Encontramos no fascículo do NCB-MULTIEDUCAÇÃO, a afirmação de que:

Aos educadores, mais do que nunca, cabe, entre outras tarefas, a de (re) pensar sua ação, compreendendo-se também como protagonistas nesse processo. Desse modo, em vez de se situar entre rejeitar ou negar a presença da mídia na escola, é preciso discuti-la, aprender a lidar com ela e aplicá-la de acordo com o projeto político-pedagógico. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 2005, p.25)

Diante dessa afirmação, entendemos que, o professor deve assumir a postura de ser o agente de seu próprio aprendizado, porém, sabemos que a escola pode e deve fornecer subsídios ao professor, para que ele consiga transpor os obstáculos que muitas vezes acontecem, impedindo-o de se atualizar.

5.3.2.2. Tempo para a atualização do professor

O que se pode observar neste sub-tema, é que uma parcela dos professores trabalha em mais de uma escola, e nem sempre podem acompanhar as atualizações oferecidas pela escola, ou pela Secretaria de Educação. Eles sinalizaram que a falta de participação nestas atualizações contribuem para a defasagem de conhecimento o que acaba dificultando o planejamento de aulas mais dinâmicas, que possam interessar mais os alunos. Um dos professores descreveu seu desencontro nos períodos de atualizações:

P4 - Normalmente alguns cursos que acontecem, as palestras na escola, acontecem na escola no dia de Centro de Estudos, que é o dia que todos passam pela escola, ai é possível participar, mas normalmente quando os cursos acontecem no Rio, eu estou trabalhando no Estado, e quando é no Estado, eu estou trabalhando no Rio. Então eu perco muito por conta disso, porque eu não posso deixar de trabalhar no Estado, pra estar participando de Seminários e Palestras no município do Rio.

Pretto (2005, p.116) sinaliza que precisamos considerar a formação de um novo educador, tendo como objetivo o de preparar os novos professores para enfrentar os desafios

do mundo atual. Para esse autor, a comunidade escolar deve trabalhar, numa única direção, a de “uma alfabetização da imagem, da comunicação, da informação e, ao mesmo tempo, da língua e da escrita”.

Ainda de acordo com Pretto (2005) as escolas estão recebendo diversos aparelhos, porém ele alerta que alguns cuidados devem ser tomados, para que eles não virem apenas um suporte pedagógico, para esse autor é necessário um movimento por parte da escola, para que essas mídias sejam incorporadas de maneira crítica.

5.3.2.3- A utilização das mídias em sala de aula

A utilização das mídias em sala de aula depende de inúmeros fatores, dentre eles, o conhecimento do professor tanto teórico quanto prático, a questão do manuseio de determinados aparelhos e de seus conteúdos. A falta de alguns equipamentos, tais como, fios e cabos, que deterioram com o uso diário. Alguns professores alegaram falta de tempo para verem o filme que escolheram e de planejarem sua aula, outros revelaram que só as utiliza com *caráter lúdico*, ou seja, como passatempo.

P6 - Somente TV e DVD. Geralmente com caráter lúdico, nunca com caráter pedagógico do conteúdo programático.

P11 - A dificuldade de articular as mídias com as práticas pedagógica esbarra com essa questão da disponibilidade de você poder ter tempo para arranja os materiais e para planejar mesmo.

P17 - Eu tento utilizar o vídeo, mas é complicado porque é aquele detalhe, no outro dia eu estava procurando animais selvagens, um vídeo de animais selvagens aqui na escola, não tinha. Ai eu fui numa locadora, e consegui achar, mas não consegui ver em casa pra poder trazer pra eles verem, então ficou uma coisa desnecessária, porque eu até encontrei o vídeo, mas eu não consegui ver, analisar e passar pra turma, eu só tenho vídeo as terças-feiras, se eu não consegui ver naquele dia, então eu só vou poder ver na outra semana, quando chegar à outra semana, eu já passei daquele conteúdo há muito tempo.

P21 - Uso pouco, eu acho que deveria usar mais, uso vídeo, falo muito sobre televisão, nas conservas informais, busco saber o que eles assistiram.

P24 - Uso sim, e agora deverá ficar ainda mais fácil, porque estamos para receber um aparelho de TV e de DVD, em cada sala de aula e cada professor deverá receber até dezembro o seu notebook. Antes nós tínhamos que combinar com as colegas, quem iria usar o aparelho naquele dia, agora não será mais preciso.

Dentre os pressupostos apresentados no fascículo do NCB-MULTIEDUCAÇÃO (2005, p.21) destacamos o seguinte:

As atividades pedagógicas a serem desenvolvidas devem, sempre que possível e necessário, propiciar aos alunos e professores a **identificação das possibilidades de encontro do computador com a TV /vídeo, o jornal, o rádio e o livro, entre outros**, propiciando uma frutífera convergência de mídias. O diálogo entre as respectivas linguagens destas com os diferentes atores envolvidos contribui para a observação das características e particularidades de cada uma delas, dos aspectos éticos e estéticos subjacentes e da sua relação com/no processo de produção de sentidos na escola e fora dela. (grifo do autor)

5.3.2.4-As dificuldades na utilização das mídias

Neste sub-tema, diversas dificuldades foram apontadas, os professores revelaram que mesmo a escola possuindo determinados aparelhos, nem sempre é garantia de seu uso, pois eles esbarram em muitos obstáculos, desde a falta de conhecimento de como manusear o aparelho, ou então são em número insuficiente, às vezes funcionam em sistema de rodízios nas turmas. Como podemos constatar nas palavras de alguns professores:

P2 - As dificuldades que a gente encontra de interagir com a prática pedagógica, a escola não tem computadores, não tem número adequado de rádios que possa usar e televisão, é uma televisão pra uma escola inteira, então é muito complicado porque às vezes, você programa uma coisa e quando você chega já foi agendado por outro colega, e você é obrigado a não utilizá-la e fazer outro tipo de atividade.

P5 - A nossa escola apesar de ter melhorado muito, a gente tem conseguido recursos, a gente está trabalhando com jornal na escola, isso é muito bom. Mas às vezes a questão da sala de aula está tão cheia, tão superlotada, às vezes a gente quer passar um vídeo, e não tem uma sala de vídeo, tem que deslocar colegas, prá poder ficar naquela sala, então se você quer passar uma transparência, não tem como, porque alguém está usando a extensão em outro aparelho, então se você quiser trabalhar no laboratório também, porque você teria que vir muito antes, e gastar um tempo que você não tem, pra bolar uma prática, no meu caso de ciências, trazer um material que às vezes aqui na escola não tem espaço pra isso, não é que a escola seja pequena, é que ela está ocupada com outras coisas necessárias, são prioridades. Então eu acho que tem o recurso e a gente ainda tem dificuldades de usar. Mas a escola tem dado oportunidade de continuar tentando. Então a maior dificuldade é essa mesma o tempo e o espaço.

P23 - Há também o número excessivo de alunos, que complica na utilização de algumas mídias, por exemplo, o computador, digamos que tem 15 computadores, mas nem sempre todos estão funcionando, e eu tenho na

minha turma mais de 40 alunos. Todos querem mexer, estar no controle, ninguém quer ficar apenas ao lado olhando o monitor, ele quer teclar também, mexer no mouse, fica uma confusão. Então há dificuldade na utilização de determinadas mídias.

De acordo com as considerações de Belloni; Subtil (2002), nos estudos sobre o uso de mídias na educação, o novo papel do professor precisa ser revisto, segundo essas autoras, mesmo diante de diversas dificuldades, alguns professores conseguem utilizar as mídias dentro da sala de aula, Belloni; Subtil (2002, p.51) analisam que:

A questão do papel do professor diante das inovações técnicas e, mais geralmente, das inovações pedagógicas é crucial para a compreensão do problema: embora a maioria dos professores tenda a rejeitar a inovação, sobretudo se ela vem revestida de meios técnicos sofisticados, há sempre uma minoria que a integra em sua prática docente, abrindo para elas as portas da escola.

A maioria das turmas com número excessivo de alunos dificulta o desenvolvimento de qualquer atividade que seja. Outro fator apontado foi a falta de tempo hábil, para planejar as atividades articulando as mídias ao conteúdo programático. Observamos a preocupação dos professores nas seguintes palavras:

P18 - Bom, dependendo da mídia que a gente estiver usando, as turmas cheias e o comportamento dos alunos, às vezes dificulta um pouco o nosso trabalho com certas tecnologias, há certo desgaste por parte do professor, para trabalhar com essas novas linguagens.

P20 - - Eu vejo assim, a sociedade está muito agitada, então as turmas estão muito agitadas por conta dessa agitação da sociedade e normalmente turmas grandes; aqui, por exemplo, as turmas de Educação Infantil, que deveriam ter até 25 alunos. Aqui na escola, nós fazemos turmas de EI, com até 30 alunos, para não deixar nenhuma criança fora da escola, acho que o número grande de alunos é uma das dificuldades.

Há também a preocupação por parte do professor, em aplicar todo o conteúdo previsto para o período letivo. Na visão de alguns professores trabalharem com as mídias, demandaria um tempo maior do que aquele que o professor dispõe. Observando que o horário escolar é distribuído em horas aula. Uma professora afirmou:

P22 - Aqui na escola a gente tem acesso às mídias, mas acho que o pessoal fica tão preocupado em trabalhar o conteúdo que acaba por não usar com mais frequência as mídias do jeito que deveria e na hora de planejar acaba se atrapalhando e não as inserindo.

Essas falas refletem as preocupações de alguns professores, pois apesar da intenção de trabalharem com as mídias, ainda não conseguiram vencer determinados obstáculos. A falta de material adequado, o número excessivo de alunos, o próprio barulho das turmas agitadas, provocam o desgaste do professor, que aliado ao pouco contato que alguns têm com o manuseio de certas mídias, acaba por desanimar o professor, que mesmo inserindo as mídias em seu planejamento, não consegue articular com a sua prática pedagógica. Essas falas remetem às colocações de Pretto (2005, p.115) quando afirma que:

A utilização do vídeo como instrumentalidade - o resultado é que a educação continua como está só que com novos e avançados recursos tecnológicos. Ou seja, o futuro está no equipamento e não na escola. Com isso, esta será, na verdade, uma escola sem futuro.

5.3.2.5 A mediação no processo de aprendizagem

Ao verificar como ocorre a mediação entre o professor- mídia-aluno, na prática pedagógica no cotidiano escolar observou-se que no parecer de alguns professores, as mídias são consideradas parceiras, que vem em auxílio do professor enriquecendo o fazer pedagógico. O papel do professor aparece como o grande facilitador das ações dos alunos, ao possibilitar o diálogo e a troca de informações dentro e fora da sala de aula, sendo o professor considerado o mediador de todo o processo de aprendizagem.

P7-A mediação entre aluno e professor, está justamente naquilo onde você pode passar uma tarefa a partir da mídia e o professor e o aluno discutirem, então haverá uma construção daquele objeto e desconstrução de outros, é muito comum, por exemplo, não se ter uma noção de como foi a tortura na ditadura militar, quando você passa um filme ta lá, essa amostragem, alguém esta mostrando como era a tortura, você a partir dali mantém um diálogo com o aluno, então você pode fazer essa mediação, música também, às vezes você pega qualquer música e vai trabalhar o seu ponto histórico, o que tem de verdade ali, o que aconteceu e o que não aconteceu, qual foi a versão, porque o cara colocou ali, então estabelece o diálogo entre o aluno e o professor a partir da mídia, a mídia ela favorece esse diálogo.

P8-Sim as mídias podem favorecer a mediação entre o professor e o aluno, vitalmente e não tem nem mais o que discutir, ela favorece porque a linguagem do professor é lenta, até pela nossa geração, hoje quando se fala de amor é diferente do que se falava antes, nossa forma de expressar amor rimava mais com dor, hoje pra crianças não o amor rima com ficar, ser feliz e pronto, e vão por ai a fora. Então essa mediação é o professor aprendendo e a criança aprendendo, porque se você não perceber que tem que aprender com a linguagem do jovem, você fica obsoleto.

Uma das questões em debate atualmente sobre a educação é concernente ao uso de mídias na escola, em destaque o papel do professor como mediador no processo ensino-aprendizagem. Na conceituação de Masetto (2000) mediação pedagógica é “a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem” (idem, p.143). Mas, a mudança de atitudes por parte dos professores é difícil, pois de acordo com esse autor o professor está acostumado com o papel que desempenha o de transmissor de conhecimentos. Ao sair dessa posição o professor corre o risco de não estar preparado para responder a todas as perguntas dos alunos.

Mediar no pensamento barberiano é estabelecer pontes entre diversos elementos. Nesse sentido, a mediação é concebida como conexões que se estabelecem formando um todo novo. O professor ao fazer a mediação entre as mídias e os alunos, estabelece um ponte entre as mídias e seus conteúdos e o aluno, permitindo a este a produção de novos significados a partir das mensagens midiáticas.

A seguir transcreveram-se outras falas dos professores que refletem o que pensam sobre o processo de mediação:

P12-O professor quando ele percebe que ele já não tem mais a forma de pensar como era no tempo dele, o pensamento dele é numa velocidade diferente da que era no nosso tempo, ele começa a trazer o recurso de mídia, para alcançar os objetivos que ele precisa, por exemplo, um professor que vai dar aula de Língua Portuguesa, ele traz um filme que ele vai trabalhar as diversas linguagens daquele filme, ele transcreve as falas de determinados personagens, então ele está conseguindo trazer um filme de interesse para seus alunos, então ele está fazendo a mediação entre o interesse do aluno, como ele pensa e o objetivo que ele quer alcançar, muitos dizem que o aluno já não quer mais saber de estudar, ele só quer ir ao baile, dormir, ouvir música, mas se o professor consegue trazer para dentro da sala de aula, algo de interesse do aluno como uma notícia de jornal, da discussão lá de fora, ou um filme interessante, o professor consegue despertar o interesse do aluno e fazer essa mediação entre os diferentes recursos de mídias e o aluno, desta forma ele consegue alcançar seus objetivos.

P18- Bom eu vejo a mídia como uma parceira, eu acho que é algo mais que acrescenta, inova, acrescenta e auxilia o nosso fazer em sala de aula. Há algum tempo atrás, logo que introduziram a televisão na escola, havia certo receio, medo que a TV tomasse conta da nossa sala de aula, e a gente viu que não foi isso que aconteceu, o que acontece na nossa escola é uma parceria, a mídia veio para enriquecer o nosso fazer dentro da nossa sala de aula.

P19- Quando os alunos trazem alguma notícia que está no ar; a minha leitura diária com eles também, eles dão respostas, há troca, eles têm uma

opinião sim, sobre determinado assunto, o gosto pela música, então eles apresentam isso e são bem abertos a isso, a essa recepção.

P20- Realmente o professor é o grande mediador dessa engrenagem, e ele precisa estar bem antenado até para facilitar as coisas para o aluno. Porque o papel do professor enquanto mediador é o de grande facilitador das ações.

Enquanto alguns professores afirmaram que as mídias podem favorecer a mediação entre aluno e professor, outros acreditam que nem todos os professores assimilaram completamente a temática da mediação e necessitam aprofundar mais esses estudos, como podemos verificar nas falas transcritas abaixo:

P13- A questão da mídia, a mediação do professor é ainda pouco conhecida e pouco estudada, mas ela está relacionada ao universo cultural, o que o meu aluno faz no dia-a-dia na Lan House, o que ele houve de música, e o que eu conheço sobre isso, até pra eu me comunicar melhor com ele, não só utilizar o meio comunicacional, mas também as regras gramaticais desses meios são importantes, não basta fazer uma apresentação no Power Point, mas utilizar a mesma linguagem tradicional, quer dizer, além de utilizar o meio, eu tenho que entender qual é a gramática do meio, então como é a gramática do vídeo, como é a gramática do MSN, como é que é a gramática do Orkut? Existe uma gramática, existe uma forma correta de se prestar esses meios, ainda que não seja a norma culta da Língua Portuguesa.

P22- Acho que o professor ainda esta temeroso ao usar a informática, pelo menos comigo é assim. Eu tenho certo temor em trabalhar com os alunos.

P23- É uma troca, uma relação dialética mesmo, tem coisas que eu até tenho uma prática maior em determinados instrumentos da mídia, mas tem professores que não têm contato, e as crianças trazem isso pra você, tanto o conhecimento a gente não sabe tudo, tem que esta sempre aprendendo e o aluno às vezes trás uma coisa nova que você não espera, inclusive quanto à mídia, para eles é muito mais fácil, tanto que se o aluno senta no computador, ele até te dá uma aula, se você não está acostumado a mexer, você fica perdido e ao mesmo tempo outras coisas que as crianças não têm acesso você dá o suporte, então é uma relação de troca, o tempo todo você esta trocando as informações.

Nas palavras de Moran (2000) a sociedade está mudando e hoje o ensino está defasado, para este autor se perde muito tempo e se aprende pouco, por esta causa as pessoas estão desmotivadas. Este autor (idem) afirma que tanto alunos quanto professores percebem que muitas aulas estão ultrapassadas. O autor questiona para onde mudar? Existe a pressão para que ocorram mudanças no campo educacional, os investimentos estão acontecendo, porém, segundo Moran (idem) as questões que afligem a educação ainda estão por resolver. Este autor conceitua educação como um processo permanente de aprendizagem de alunos e

professores, em suas palavras: Educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos (idem, p.12).

O processo de ensino- aprendizagem num mundo saturado pelas mídias necessita de mudanças nas atitudes tanto do aluno quanto do professor. Nas palavras de Masetto (2000) o aluno deixa de ser mero repetidor e assume o papel de “aprendiz ativo e participante” (idem, p.141), que trabalha individualmente para aprender e em parceria com os colegas e professores. Quanto ao professor “o papel de mediador, incentivador e orientador nos diversos ambientes de aprendizagem” (idem, p.143). Nesse sentido, ainda de acordo com Masetto (idem) ocorre o incentivo, a participação e a interação entre alunos e professores, a pesquisa, o debate e o diálogo, possibilitando a produção de conhecimentos.

Segundo Masetto (idem) as características de um professor que se propõe a ser um mediador pedagógico são:

Figura 4 ²²– Características do professor mediador pedagógico



²² Figura elaborada a partir da argumentação de Masetto (2000).

Conforme Masetto (idem) ao trabalhar na educação com as mídias, o professor deve assumir que o aluno é o centro desse processo, definindo e planejando as ações, compartilhando e construindo juntos; as ações devem ser conjuntas e voltadas para a aprendizagem; planejar as atividades, realizar e avaliar, com atitudes de co-responsabilidades e parceria; criar um clima de mútuo respeito, com ênfase em estratégias de cooperação; saber atualizado, promover a pesquisa entre os alunos; usar de criatividade em situações novas e inesperadas; estar aberto ao diálogo com os alunos, não só em sala de aula, mas também, através das mídias; perceber as diferenças e as manifestações dos alunos, como próprios dos seres humanos; saber utilizar a linguagem midiática como forma de comunicação e expressão, de forma que propicie ao aluno a aprender.

Relacionando os resultados das entrevistas com os dos questionários, entendemos que os professores já perceberam a importância de sua participação na elaboração do PPP, porém, durante o percurso que se segue após a construção desse PPP, eles perdem um pouco a noção dos resultados dessas discussões, por fatores que nem sempre, eles podem questionar ou resolver. Os horários que não combinam a elaboração final, a carga de apenas um pequeno grupo, o cotidiano agitado, enfim, o professor fica às vezes com a sensação de que não alcançaram realmente os objetivos propostos.

Com relação às mídias e o seu uso no cotidiano escolar, os professores ainda precisam vencer diversos obstáculos, por vezes falta apenas um cabo, mas sem ele o aparelho não funciona. O professor percebe que seu papel na educação mudou, entende que deve mudar suas atitudes e rever determinadas questões, mas como compartilhar com os alunos os problemas, torná-los parceiro, discutir com eles as mensagens que vêm das mídias? Como transformar as mídias em objetos de estudos? Falta tempo para o planejamento, o número de aparelhos é insuficiente para o uso de todos os professores e alunos.

Essas e outras questões precisam ser resolvidas para que a educação oferecida tenha qualidade e o processo educacional seja eficaz. O professor ao apropriar-se das mídias deve desempenhar o papel de mediador entre as mídias e o aluno. Buscando transformar sua sala de aula, num espaço de troca de saberes e de experiências, levando o aluno a participar de sua aprendizagem de maneira dinâmica e responsável procurando alcançar um bom desempenho.

CAPÍTULO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capacidade de fazer uso das diversas tecnologias disponíveis, para acessar informações e/ou produzir novos conhecimentos, é condição essencial a leitores/escritores críticos, prontos a interagir com os diferentes tipos de textos e suportes textuais, bem como com os diversos modos de lê-los e produzi-los, sem se desviarem de seu roteiro de viagem ou se perderam nos atalhos dos múltiplos sentidos e formas. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 2005, p.13)

Nos últimos séculos o mundo vem atravessando profundas mudanças nos meios de comunicação e informação. Da invenção da imprensa à internet, as mensagens passaram a circular em alta velocidade. O ser humano vive hoje, num mundo saturado de informações, que influenciam sua forma de pensar, de agir e de se relacionar. A velocidade com que ocorrem as transformações no mundo atual muda sua percepção de tempo e de espaço, as pessoas nem sempre têm condições de distinguir o real do virtual, o certo do errado, a informação da comunicação.

Diante desse cenário, acreditamos que a escola precisa refletir e definir, o papel que ela deve desempenhar para acompanhar todas essas mudanças, pois os alunos estão trazendo para dentro da escola, as novas formas de se comunicar, de agir, os objetos usados no cotidiano, tais como celulares, MP3, IPOD, entre outros, que são freqüentemente vistos no ambiente escolar. Além disso, trocam mensagens pelo celular, se relacionam pelo MSN e ORKUT.

O que se pode observar é que, nem sempre a escola tem conseguido acompanhar essas mudanças. Conforme ressaltamos ao longo da presente dissertação, mesmo reconhecida como sendo fundamentais para a prática pedagógica na educação atual, as mídias aparecem como um recurso que depende de inúmeros fatores externos, para a sua utilização em sala de aula no cotidiano, mesmo estando presente no ambiente escolar.

Tal constatação fica ainda mais evidente quando analisamos as falas de alguns professores, que alegam não terem sequer conhecimento de como lidar com as novas tecnologias, assim como organizar seus alunos de modo que eles participem das atividades propostas.

Por conseguinte, desejamos saber quais as dificuldades das escolas municipais da Prefeitura do Rio de Janeiro para refletir, discutir e aplicar ações pedagógicas envolvendo

práticas mídias-educativas, de acordo com o projeto político-pedagógico? Assim sendo, estabelecemos como objetivo geral desse estudo, analisar em que medida o conteúdo registrado no projeto político-pedagógico (PPP) pode ser observado na prática cotidiana dos professores, identificando ações pedagógicas indicadoras do uso das mídias.

A proposta educacional da rede municipal do Rio de Janeiro sugere que gestores e professores, principais partícipes do processo ensino-aprendizagem, reflitam as novas relações entre a educação e as mídias, e indiquem ações no PPP, para desenvolver essas relações. Para tanto, diversos estudos têm sido programados. Percebemos que há um descompasso entre as mudanças ocorridas no mundo e a escola. A escola atual precisa acompanhar essas mudanças, não pode continuar presa a velhos conceitos. Porém, alguns professores ainda não conseguiram vencer diversos obstáculos.

Para alcançar o objetivo deste estudo. Foram definidas as seguintes questões: (a) Como se articulam as ações pedagógicas propostas no PPP para o uso das mídias? (b) Que mídias são sugeridas no PPP para uso na escola? (c) Como o PPP sugere a mediação professor - mídia-aluno? (d) Como ocorre a mediação professor - mídia-aluno na prática pedagógica no cotidiano escolar?

Utilizamos a abordagem qualitativa, que nos orientou quanto à coleta de dados, assim como a análise das questões. Para alcançar a primeira questão (a) Como se articulam as ações pedagógicas propostas no PPP, para o uso das mídias? Foi feito o levantamento documental dos projetos político-pedagógicos e dos planos de ações de 2008, das escolas A e B. Procuramos indicadores de ações pedagógicas, quanto ao uso de mídias no cotidiano escolar. A análise do conteúdo desses documentos revelou que as escolas, já começam a sugerir o uso de mídias, sinalizando a busca por parcerias que auxiliem os professores na mediação do uso de mídias nas salas de aula.

Coletamos através de entrevistas semi-estruturadas, as falas de gestores e professores, e cruzamos o resultado com a análise dos PPP e planos de ações de 2008. Alguns professores revelaram que ainda encontram dificuldades em utilizar as mídias no cotidiano escolar, apontaram diversos obstáculos que atrapalham o planejamento de práticas midiáticas e conseqüentemente seu uso.

Buscamos mapear as mídias mencionadas no PPP e nos planos de ações de 2008, em resposta a segunda questão (b) Quais as mídias são sugeridas no PPP? Encontramos citação de produção de vídeos, jornais, revistas, filmes em DVD e informática, sem estipular qual o tipo de uso e os possíveis resultados. A orientação do NCBMULTIEDUCAÇÃO é a de que as mídias não sejam utilizadas apenas como instrumentos, mas que se discutam os conteúdos

veiculados pelas mídias, com o objetivo de se formar cidadãos críticos e capazes de entender as diversas mensagens que recebemos diariamente.

Na análise da terceira questão(c) Como o PPP sugere a mediação professor - mídia-aluno? No PPP da escola A, no item chamado marco operativo, afirma que a ação da escola se baseia no diálogo, sendo o uso das mídias indispensável. Na meta: Promover a leitura de mundo, uma das ações sugere o fornecimento de subsídios como palestras e vídeos. Em outro momento, sugere fotografar e/ou filmar os eventos e atividades cotidianas para análise do grupo e divulgação. Encontramos no PPP da escola B, a sugestão de se trabalhar a utilização das novas tecnologias no mundo atual, refletir sobre os discursos veiculados na sociedade através da mídia e interpretar mensagens midiáticas.

Por fim, procuramos analisar a quarta questão que diz: (d) Como ocorre a mediação professor - mídia-aluno na prática pedagógica no cotidiano escolar? Para analisar essa questão, levantamos através de trinta e quatro questionários devolvidos, a formação do professor, verificamos que cinco professores possuem apenas o Ensino Médio; vinte e dois possuem licenciatura nas diversas disciplinas do Ensino Fundamental; sete possuem Pedagogia; oito possuem Pós-Graduação em Educação e apenas dois possuem Mestrado em Educação. Desses professores, somente um tem menos de cinco anos de exercício de magistério, cinco professores têm de seis a dez anos; quatro professores têm onze a quinze anos; onze têm de dezesseis a vinte anos; sete têm de vinte e um a vinte e cinco anos; dois têm de vinte e seis a trinta anos e quatro têm mais de trinta anos de exercício no magistério. Concluimos que 82% dos professores são profissionais com mais de dez anos de experiência no magistério.

Quanto ao elo do professor com a escola, verificamos que onze professores têm menos de cinco anos na escola; doze professores têm de seis a dez anos na escola; oito professores têm de onze a quinze anos na escola; dois professores têm de dezesseis a vinte anos na escola e apenas um têm mais de vinte anos na mesma escola. Portanto, 68% dos professores têm mais de seis anos trabalhando na mesma escola. Acreditamos que quanto maior for o tempo que o professor trabalhe na mesma escola, maior será o seu elo e a responsabilidade com o sucesso do PPP desenvolvido pela escola.

O cruzamento desses levantamentos com as falas de gestores e professores deixam bastante claro que nem sempre a experiência em serviço, o tempo trabalhado na mesma escola, facilita a resolução de determinadas questões, em se tratando de mídia-educação, por depender de inúmeros fatores externos e alheios as condições profissionais dos professores. As capacitações que vem ocorrendo há vários anos, ainda não alcançaram satisfatoriamente os

resultados almejados. Os professores revelaram que nem sempre conseguem fazer a mediação mídia-aluno de forma eficaz.

Alguns professores se mostraram mais abertos ao diálogo com seus alunos e afirmaram que a interação entre eles e os alunos através de recursos da mídia já estão acontecendo com certa frequência. Porém, nem todos se mostraram receptivos a essa abertura, sentem-se ainda inseguros, afirmam que precisam de atualização para ter condições de fazer essa mediação de maneira mais consistente.

Observando a fala dos professores, verifica-se que alguns já conseguem mediar o uso das mídias dentro e fora da sala de aula com seus alunos, outros são mais reticentes, presos ainda a velhas práticas e conteúdos. Necessitam de atualização e de suporte pedagógico, que os auxiliem a fazer a transição entre o antigo e novo.

Procuramos ouvir a fala de gestores e professores, principais sujeitos na organização da prática pedagógica da escola e saber qual o seu conceito acerca de mídias, percebemos que os professores compreendem o que são mídias, assim como sua importância para a educação, mas ainda não conseguem utilizar todo o seu potencial pedagógico.

As falas dos professores revelaram que eles sentem a necessidade de atualizações constantes, pois percebem que as mudanças que ocorrem no mundo, os deixam defasados em relação a novos conhecimentos, as aulas tornam-se repetitivas e os alunos desinteressados, pois em algumas situações os alunos demonstram ter mais conhecimentos sobre o uso de determinadas mídias do que o professor.

Os professores reconheceram que o corre-corre para cumprir os horários em mais de uma escola, dificulta e interfere na interação entre seus pares, na troca de experiências que deram bons resultados. Por conseguinte, os professores reconhecem que a mediação que fazem atualmente em sala de aula, está longe de ser a ideal, aquela que conduza ao aluno a uma aprendizagem significativa.

Constatamos também, que os professores na tentativa de usar determinadas mídias, encontram dificuldades desde manusear o aparelho, até planejar os conteúdos envolvendo mídia na ação pedagógica, mesmo com o resultado positivo de 85% dos professores afirmando que já participaram de palestras, centros de estudos e seminários sobre mídia na educação.

Acreditamos que o professor ainda se sente inseguro, pois não adquiriu todo o conhecimento necessário, para trabalhar as mídias, desconhecem seu potencial pedagógico. Tem receio de não dar conta dos conteúdos programados para o ano letivo, o que indica que,

ainda não foram contemplados todos os recursos, que possibilitem o aperfeiçoamento dos professores na mediação do uso das mídias, de suas mensagens e conteúdos, em sala de aula.

O mundo mudou, a cada momento novas descobertas são incorporadas ao nosso cotidiano, a escola precisa se transformar, a nova escola que queremos, é aquela capaz de formar um cidadão competente e capaz de lidar com esse mundo de informações que nos cercam, interagindo criticamente na busca pela construção de um mundo melhor.

Nossas reflexões indicam que, não adianta ensinar apenas a ler, escrever e contar. O novo professor deve ser o mediador de uma nova concepção de ensino, mais dinâmico, mais próximo da realidade em que vivem os alunos, auxiliando-os a transformarem comunicação em conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALLANDEZOS. S; ESPÍRITO SANTO. E; TORRES. M. **Breve história da imprensa**. Salvador, Bahia: FIEB/SENAI, 2004.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. & GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisas quantitativas e qualitativas**. São Paulo: Pioneira, 1998.

AMARAL, A. L. Um olhar sobre os projetos de trabalho. In SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Salto para o Futuro: Um olhar sobre a escola**. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2000, p. 37-44.

ASSIS, R. **Pioneirismo e Contemporaneidade na Dimensão Mídia**. Rio de Janeiro. 2008. Disponível: www.midiativa.org.br/index.php/educadores/content/view/full/839. Acesso em 10/10/2008.

BABOO. **História dos computadores: do ábaco aos terabytes**. Disponível: www.baboo.com.br/absolutem/anmviewer.asp?a=3591. Acesso em 22/10/2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2003.

BARRETO, R. G. **As Tecnologias no contexto da formação de professores**. 28ª Reunião Anual da ANPED. De 16 a 19/10/2005. GT 16 - Educação e Comunicação. Disponível: www.anped.org.br/reuniões/28/textos/gt16/gt1680int.doc. Acesso em 03/04/2007.

_____. **Formação de professores, tecnologias e linguagens: mapeando velhos e novos (des) encontros**. São Paulo: Loyola, 2002.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 2003.

BELLONI, M. L. **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **O que é Mídia-Educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. **As diferentes dimensões da mídia-educação**. Disponível: www.comunic.ufsc.br/artigos/dif_dimensoes. Acesso em 10/09/2008.

BRASIL. Secretaria de Educação à Distância. Programa Salto para o Futuro/TV Escola/**Debate: Mídias na educação**. Boletim 24. Brasília, 2006. Disponível: www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2006/dme/061127midiaeducacao. Acesso em 28/10/2008.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CABRAL, S. **A MPB na era do rádio**. São Paulo: Moderna, 1996.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2003.

_____. **América Latina: Mercado, Audiência e Valores em um Mundo Globalizado**, palestra proferida na 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças. Rio de Janeiro: SME/RJ, 2004. Disponível: WWW.midiativa.tv/index.php/midiativa/content/view/full/3520. Acesso em 18/09/2008.

CARDOSO, T. M. **A cultura da escola engendrada nos espaços/ tempo do cotidiano escolar**. 25ª Reunião Anual da ANPED. De 29/09 a 2/10/2002. GT 14 - Sociologia da Educação. Disponível: www.anped.org.br/reuniões/trabalhos/terezinhamariacardozo14.rtf. Acesso em 24/05/2007.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, D. (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultura e poder**. São Paulo: Record, 2003. p. 255-287.

DREIFUSS, R. A. **A época das perplexidades – mundialização, globalização e planetarização: novos desafios**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

FANTIN, M. **Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil – Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FISCHER, R. M. B. Currículo, mídia e cultura. **NÓS DA ESCOLA**. Rio de Janeiro: Empresa Municipal de Multimeios, nº14, 2002.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. Projeto Político-Pedagógico da escola cidadã. In SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Salto para o Futuro: Construindo a escola cidadã- projeto político pedagógico**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998, p. 15-22

GANDIN, D; GANDIN, L. A. **Temas para um projeto político-pedagógico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

JORGE, L. **Inovação curricular: Além da mudança dos conteúdos**. Piracicaba: UNIMEP, 1996.

LAURA, A. **A História da Imprensa no Brasil**. Disponível: www.intra.vila.com.br/sites_2002a/urbana/ana_laura/histimprensa. Acesso em 20/10/2008.

LIBÂNEO, J. C. **A escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã**. In COSTA. M. V. (org.). **A Escola tem Futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p.23-52

LOPES, R. P. Um novo professor: novas funções e novas metáforas. In: ASSMANN, H. **Redes Digitais e Metamorfose do Aprender**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2005, p. 33-55.

LÜCK, H. **Metodologia de Projetos – Uma Ferramenta de Planejamento e Gestão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EDU, 1986.
- MARTINS, R. B. Educação para a Cidadania: O Projeto Político Pedagógico como elemento articulador. In VEIGA, I. P. A.; RESENDE, L. M. G. (orgs.). **Escola: Espaço do Projeto Político-Pedagógico**. Campinas: Papirus, 1998, p. 49-73
- MELLO, M. C.; RIBEIRO, A. E. A. (org.). **Competências e Habilidades - da teoria à prática**. Rio de Janeiro: Wak, 2003.
- MENDONÇA, R. H. (org.). Práticas de leitura e escrita. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006, p.59-63
- MORAES, D. (org.). **Globalização, Mídia e Cultura Contemporânea**. Campo Grande: Letra Livre, 1997.
- _____. **Sociedade Midiatizada**. SILVA, C. F. M.; GUEDES, M. I. C.; PIMENTEL, L. (trad.) Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- MORAN, J.M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. SP: Cortez, 2002.
- NEVES, C. M. C. Autonomia da Escola Pública: Um Enfoque Operacional. In VEIGA, I. P. V. (org.). **Projeto Político-Pedagógico da Escola – Uma Construção Possível**. Campinas, SP: Papirus, 1995, p. 95-129.
- O GRANDE DITADOR. Direção e roteiro: Charles Chaplin. Intérpretes: Charles Chaplin, Paulette Goddard, Jack Dakie, Reginald Gardiner, Henry Daniell, Carler De Haven, Grace Hayle, Maurice Moscovitch, Billy Gilbert, Emma Dunn. [S.I]: United Artists, 1940. 1 filme (124 min.), p&b.
- OROFINO, M. I. **Mídias e mediação Escolar: Pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez, 2005.
- PERROTTI, E. A palavra reinventada: seus usos na educação. In: CARVALHO, M. A. F; MENDONÇA, R. H. **Práticas de Leitura e Escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006, p.58-63.
- PRETTO, N. L. **Uma escola sem/com futuro** Educação e Multimídia. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- PINHEIRO, M. E. A ação coletiva como referencial para a organização do trabalho pedagógico. In VEIGA, I. P. A. (org.). **Escola: Espaço do projeto político-pedagógico**. São Paulo: Papirus, 1998, p.75-94.
- PRINSLOO, J. **Educação para a Mídia na África do Sul no final do Séc.XX: O renascimento da Fênix ou a morte do Cisne?** In FEILITZEN, C. Von; CARLSSON, U. (org.). A criança e a mídia: imagem, educação, participação. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002, p.187-215.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Núcleo Curricular Básico Multieducação**. Rio de Janeiro, RJ, 1996.

_____. **Temas em debate**: Mídia e Educação. Rio de Janeiro, 2006.

_____. **Temas em debate**: Sala de Leitura. Rio de Janeiro, 2006.

RIZZINI, I; CASTRO, M. R.; SARTOR, C. S. D. **Pesquisando**: guia de metodologias de pesquisas para programas sociais. Rio de Janeiro, RJ, 1999.

RONCA, P. A. C. O conhecimento total. **Revista Nova Escola**, São Paulo, v.16, n. 148, p.39-41, 2001.

SANCHEZ VÁSQUEZ, A. **Filosofia da práxis**. CARDOSO, L. F.(trad.). Rio de Janeiro: PAZ E TERRA, 1977.

SENAI. BA. Unidade Dendezeiros. Produção gráfica. Salvador, 2001. Disponível em: http://www.portaldasartesgraficas.com/ficheiros/apostila_tecnologia_grafica.doc. Acesso em 20-10-2008.

SILVA, E. T. (coord.). **A leitura nos oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Conferências sobre leitura** – trilogia pedagógica. São Paulo: Autores Associados, 2005.

_____. **Leitura em curso** – trilogia pedagógica. São Paulo: Autores Associados, 2005.

SOUZA, A. H. Os Direitos Humanos. São Paulo: Brasil, 1989.

SUBTIL. M. J; BELLONI, M. L. **Dos audiovisuais à multimídia**: análise histórica das diferentes dimensões de uso dos audiovisuais na escola. São Paulo, SP: Loyola, 2002, p. 47-72

WIKIPÉDIA. **História do cinema**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/cinema_do_Brasil

WWW.radioclaret.com.br/port/história. **A criação do rádio**: 70 anos de rádio no Brasil Acesso em 22/10/2008.

WWW.ime.usp.br/~macmulti/historico. **História de computação**. Acesso em 22-10-2008

VALIM, M. **História da TV no Brasil**. 1998. Disponível em: WWW.tudosobretv.com.br/historv/tv50.htm. Acesso em 20/10/2008.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento** – Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. São Paulo: Libertad, 2000 (Cadernos Pedagógicos do Libertad; v.1).

VEIGA, I. P. A. (org.). **Projeto Político Pedagógico da Escola** – Uma construção possível. Campinas: Papyrus, 1995.

VEIGA, I. P. A. e RESENDE, L. M. G. de (org.). **Escola**: Espaço do projeto político-pedagógico. Campinas: Papirus, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Organizadores COLE, M... [et. al.] CIPOLLA NETO, J; Barreto, L.S.M.; Afeche, S.C. (trad.) São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Pensamento e Linguagem**. CAMARGO, J. L.(trad.) São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ANEXO A
QUESTIONÁRIO DE SONDA GEM

Prezado professor,

Gostaríamos de conhecer alguns pontos importantes, que nos ajudariam a fazer um perfil dos professores dessa escola.

1. Nome: _____

2. Função na escola: _____

3. Quanto tempo exerce a profissão: _____

4. Há quanto tempo trabalha nesta escola: _____

5. Formação profissional: _____

6. Formação em serviço _____

7. Você participou da elaboração do projeto político-pedagógico de sua escola?

SIM NÃO

8. Na elaboração do PPP, foi observada a sugestão do NCB-MULTIEDUCAÇÃO, sobre a utilização das mídias nas ações pedagógicas? SIM NÃO

9. Você já participou de algum centro de estudos, palestra ou seminário, cujo tema era o uso de mídias na educação? SIM NÃO

10. Você utiliza algum tipo de mídia como recurso pedagógico em suas aulas?

SIM NÃO

ANEXO B

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA

1. O que você entende por Projeto político-pedagógico?
2. Você participou da elaboração do projeto político-pedagógico de sua escola?
3. Você considera que as práticas dos professores estão de acordo com as orientações do PPP?
4. Na elaboração do PPP, foi observada a sugestão do NCB-MULTIEDUCAÇÃO, sobre a utilização das mídias nas ações pedagógicas?
5. Você já participou de algum centro de estudos, palestra ou seminário, cujo tema era o uso de mídias na educação?
6. O que você entende por mídia?
7. Você utiliza algum tipo de mídia como recurso pedagógico em suas aulas?
8. Em sua opinião qual o papel que as mídias atualmente exercem e/ou deveria exercer no processo educativo?
9. Como você estabelece objetivo integrando o uso de mídias ao conteúdo de suas aulas?
10. No seu parecer, como as mídias podem favorecer a mediação entre aluno e professor?
11. Do seu ponto de vista quais as dificuldades de articular as mídias com a prática pedagógica?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)